



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

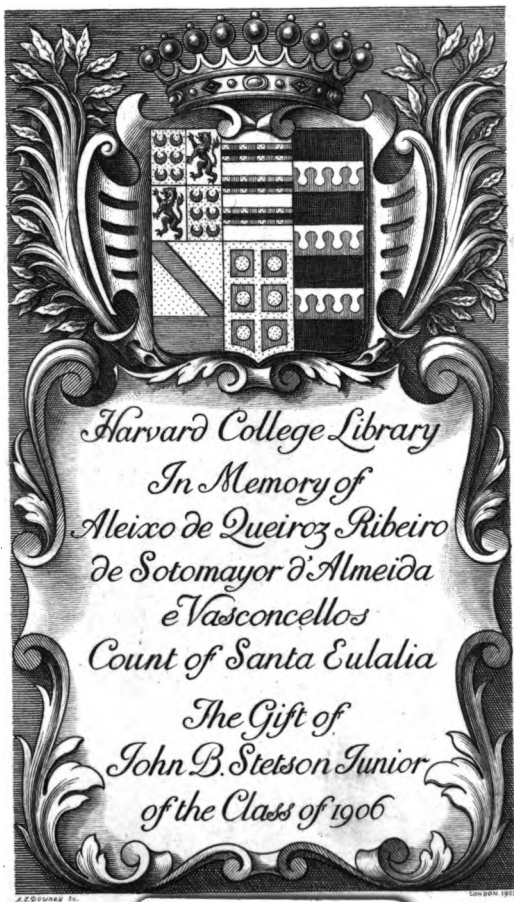
About Google Book Search


Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

WIDENER



HN ZJ6V 2





Port
6035
31

THEATRO

DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

THEATRO

DE

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

O CEDRO VERMELHO

II

LISBOA
IMPRESA NACIONAL
1874

Port 6035.31

**HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF**

JOHN B. STETSON, Jr.

OCT 26 1921

**Pertence a propriedade d'este livro, no Imperio do Brazil, ao
sr. Agostinho José de Almeida, cidadão brasileiro, residente no
Pará.**

ADVERTENCIA

Se o leitor se não enfatiou demasiado com o drama, e tem desejos de rever com mais vagar as cousas e os costumes que apenas entreviu n'elle, peço-lhe que se digne acompanhar-me ainda por tres ou quatro horas.

N'esse curto espaço de tempo viajaremos por mundos pouco conhecidos, através de rios enormes, de lagos formosissimos e de florestas prodigiosas; irei dizendo tudo que souber, e caiba nos limites de tão rapida viagem, ácerca dos logares, dos espectaculos da natureza, e de quantos objectos animados ou inanimados encontrarmos no caminho; chamarei a attenção para os quadros que me parecerem mais dignos de ser contemplados; e empregarei, emfim, todos os esforços para que, apesar de vistas a correr e explicadas por quem é estranho á scien-

cia, essas maravilhas despertem a curiosidade de pessoas competentes para estudá-las melhor ou para ir vê-las de novo sob a direcção de mais seguro guia.

Se nada conseguir e se julgarem muito ambiciosas estas aspirações, inspirou-m'as o amor da terra que foi minha segunda patria, e o desejo de contribuir para engrandecê-la aos olhos dos que a não conhecem.

— «Valha a desculpa, se não vale o canto.» —

O CEDRO VERMELHO

NOTAS E ESCLARECIMENTOS

NOTAS E ESCLARECIMENTOS

AO PRIMEIRO ACTO

I

É apenas um quadro imperfecto

Pag. 10, lin. 4

No tempo em que se escreveu o drama, existia ainda a censura dramatica. Eis aqui o parecer d'ella: — «O *Cedro Vermelho* é uma composição dramatica promettida a um evidente successo na scena. A acção está habilmente dividida pelos cinco actos, e o effeito dramatico deve corresponder ao engenhoso artificio com que a idéa principal é conduzida até ao desenlace.

«Sobresaem dois caracteres, cujo contraste é um dos elementos fundamentaes do interesse, e que ao mesmo tempo retrata e determina o pensamento philosophico do drama. É a civilisação requintada dos nossos climas em presença da selvagem e nobre barbaridade das raças primitivas; é o europeu, saciado das scenas da vida moderna, da culta e aprimorada existencia da socie-

II

Tentou-se dar uma idéa da paisagem

Pag. 10, lin. 14

O leitor de certo ha de ter visto numerosas gravuras francezas, representando amostras de florestas virgens, e talvez tenha notado a singularidade de todas ellas se parecerem umas com as outras? Vou explicar-lhe a causa d'essa similhança, suppondo que a não saiba melhor do que eu. Os pintores que teem ido ao Brazil ou os que ouvem descrever a magestade dos seus bosques, pensam que bastam dois troncos saíndo de entre ramarias confusas; uns calabres de nora, e outros cabos de andaime, cruzados sobre elles, para fingir cipós; e a um canto tres ou quatro folhas, que dêem ares de bananeiras ou palmeiras, para se fazer idéa de uma selva primitiva! Ah! se elles comprehendessem que differença vae do vivo ao pintado! Se soubessem que apesar do emmaranhado inextricavel das matas brasileiras, cada planta ostenta ali as suas formas puras e distinctas, as suas folhas, flores, fructos e côres, que se não confundem nunca; se reflectissem que na creação tudo é ordem e harmonia; fariam retirar dos seus jornaes e livros de viagens aquelles borões informes e empastados, sem detalhe, sem

graça, sem sciencia e sem verdade, por baixo dos quaes escreveram confiadamente:
La forêt vierge!

Eu vivi muito tempo nas florestas, conheci-as na idade em que as imagens das cousas e das pessoas se gravam na alma para sempre, e apesar de me ter apartado d'ellas ha vinte e oito annos, conservo-as ainda retratadas na memoria como se só desde poucos mezes as tivesse perdido de vista! Pois bem: se eu fosse pintor, faria, como os francezes, um desenho, que tanto poderia ser pedaço de floresta brasileira como de qualquer outra, onde a vegetação fosse menos opulenta.

É porque o lapis e o pincel são impotentes para dar uma idéa approximada d'aquelles verdes prodigios! Supponha o leitor complacente, que alguma fada o levou adormecido através dos mares, que o fez subir o Amazonas e o depoz brandamente n'uma das redes atadas debaixo das mangueiras do coronel Duarte, nas margens do Curumú. Eu acompanhei-o tambem, levado pela deusa da saudade. O coronel, que tem envelhecido, mas não deixou de ser amavel, offerece-nos uma cuia de vinho de cacau e convida-nos para irmos caçar uma cotia. Tomâmos com prazer a bebida refrigerante e partimos. É meio dia: o calor tropical pa-

rece querer queimar os animaes e as plantas. Comtudo, a vegetação banha-se com delicias nos raios do sol abrasador e lança ondas de effluvios perfumados na atmosphera ardente. Em vez de queimados ou murches, os mais tenros arbustos demonstram no vigor e no viço que são excellentes e apropriadas á sua existencia e desenvolvimento as condições em que se acham.

À medida que nos afastâmos da margem do lago, vai-se tornando mais densa a floresta. As arvores grandes, que na praia eram pela maior parte acacias, pittosporum e das que os indios do Amazonas chamam pau mulato (*Eucalyptus?*) começam a ser differentes, maiores e de muitas especies. As palmeiras tambem se mostram mais numerosas e variadas. Immensa multidão de plantas miudas, arbustos e cipós, associando-se com as ramarias do arvoredo, apodera-se do espaço e difficulta-nos o transito. O sol já rompe a custo a abobada multicolor que nos cobre; uma luz sombria, esverdeada pela transparencia das folhas, dá maiores propereções a tudo que nos rodeia. Andados mais quinhentos ou seiscentos metros torna-se-nos quasi impossivel dar um passo para qualquer lado, sem primeiro abrir caminho com os sabres ou terçados, com que anticipadamente nos armámos. Muitas das plan-

tas que vamos cortando, exhalam cheiros acres, inebriantes e aromaticos; e dos golpes que lhes fazemos derramam leites nutritivos ou venenosos, agua simples, assucarada, e sangue semelhante ao dos animaes. De espaço a espaço encontrâmos pequenos riachos, poças ou pantanos, todos cheios dos peixes denominados jejú e tarauyra (*Erythrinus tarauyru*), e atravessâmo-los por cima de arvôres, que parecem ter caído de proposito em posição de poderem servir de pontes; algumas d'estas oscillam e giram sobre si com o peso dos caçadores; outras, quebram, por terem apodrecido interiormente; e em qualquer dos casos o caminhante cêe no igarapé, onde toma um banho forçado, que nem sempre lhe sabe mal, mas que tambem nem sempre lhe faz bem. N'outros sitios a falta d'essas pontes obriga-nos a descer, escurregando pelas margens barrentas dos ribeiros, esmagando familias inteiras de caladios maravilhosos, de gesnerias delicadissimas e de bellas maranthas. Por todos os lados jazem caídos colossos enormes, titães vegetaes, que dormem o somno eterno nos braços da *Terra Mater*, depois de terem tentado debalde escalar o céu durante muitos seculos. Os corpos d'estes gigantes incorruptiveis continuam a alimentar milhares de graciosas orchidéas, como no tempo em que, de pé, es-

plendidos de vida, se enfeitavam com ellas por vaidosa ostentação. Em torno de nós ergue-se uma muralha de verdura eterna, onde predominam as sapucaias (*Lecythis*) com os seus fructos grandiosos e as suas rosas esbranquiçadas; as sucupiras ou sibipiras (*Bowdichia*, *Ormosia*) de purpureas flores; os cumarús (*Dipterix*) com os seus cachos es-carlates e as suas favas odorantissimas; os angelins (*Andira*) de flores roxas; o negro acapú (*Andira Aubletii*), que embota os machados de mais fina tempera; o pau de arco (*Bignonia*) que inunda a floresta com o suave aroma de suas douradas flores, e abriga nos ferreos seios os doces favos das abelhas; a itaubeira de veios escuros; a marapenima atartarugada; os cedros de duas côres; o jutahi preto e vermelho; o jacarandá sanguineo; a maparajuba excelsa... e muitas outras variedades, que fôra impossivel notar n'um rapido exame, entrelaçam suas ramas, misturam seus fructos e suas flores, e lutam ao mesmo tempo com a multidão indescriptivel de parasitas que n'ellas se enroscam e que não raro as asphyxiam.

O assacú, a caxinduba, o arvoeiro e outras especies leitosas, encerram liquidos perfidos, que dariam morte horriavel ao caçador sequioso e inexperiente; centos de variedades de palmeiras alastram o chão com

os seus fructos vermelhos e dourados; as seringueiras (*Syphonia elastica*) com a sua gomma admiravel; o cravo e a canella, com as suas preciosas cascas; a cupahiba com o seu oleo medicinal; a andirobeira com o seu azeite amargo, todas nos apparecem vestidas de verdes galas, magestosas com a sua opulencia tropical, offerecendo-nos os thesouros com que enriquecem a industria, as artes, o commercio, a navegação e a sciencia. E todos estes prodigios vegetaes são variadissimos nos aspectos, nas fórmas, nas côres, nas folhas, nas flores, nos aromas e nos fructos!

Uma rede de cipós de todas as grossuras e feitios cruza-se nos ares, sobe, desce, torna a subir e a descer, uns carregados de pomos tamanhos como melancias, outros com flores, que parecem chapéus de sol chinezes! Macacos de diversas grandezas, lagartos, serpentes, bezouros, borboletas, colibris, voam, pousam, agitam-se, passeiam sobre esses calabres, animados como elles por uma vida possante, confundindo-se com suas côres e fórmas. As passifloras, a baunilha, os dolichos, as echites, as paullineas, a arauja albens, de Martius; as bauhinias trepadeiras; a japecanga, a pequena e formosa escalonia floribunda, de Humboldt; os abutilões de campainhas com veios de purpura;

os arbustos com bracteas acarminadas, de Bougainville; as aphelandras de espigas de oiro; o verde dracontio; o pothos, de folhas recortadas; as euphorbias com flores verdes e côr de laranja... irrompem todas da espessura para as pequenas clareiras com uma força de vegetação prodigiosa. Em cada raio de sol, que penetra pelas aberturas da esverdeada abobada, canta, volteando no ether, uma vaga immensa de insectos resplandecentes, com azas de oiro e de brilhantes. Aves de vivissimas plumagens, saltando de ramo em ramo, contemplam-nos, assim como os quadripedes, pasmadas e sem medo; dir-se-ia que evocam as reminiscencias do Paraizo, e que, recordando-se, parecem alegrar-se por se verem outra vez na presença do homem! Um murmurio continuo e intraduzivel, que tem notas do rugir das feras, do cantar dos passaros, do zumbir dos insectos, do ranger das arvores, do ciciar dos ventos e do correr das aguas, resôa em nossos ouvidos. Tudo nos annuncia, como diz o illustre Humboldt, um mundo de forças organicas em movimento; e a alma sensivel e piedosa do homem que penetra n'estas regiões myste-riosas, crê que os vagos rumores que ouve são as vozes com que lhe falla a natureza!

Ah! a minha penna sente-se tão impo-
tente como o lapis e o pincel dos artistas

para reproduzir com verdade o quadro, que já tentára, em vão, delinear no começo do quarto acto do drama! Que o leitor benevoloso se não esqueça, ao menos, de que foi dormindo que se deixou transportar ao seio da floresta e que por isso a entreviu apenas como pallida visão de um sonho.

III

.....

Pag. 11

O auctor, sendo o primeiro a reconhecer que a sua modesta obra não tinha meritos para subir tão alto, confessa que solicitou pessoalmente a honra que lhe foi concedida; mas se o cegou algum sentimento, para tal ousadia, foi o da gratidão e não o da vaidade.

IV

Côres, trajos e adereços das personagens

Pag. 15, lin. 1

Pareceu-me util descrever tambem as côres, trajos e adereços para o caso, improvable, de tornar algum dia a representar-se o *Cedro Vermelho*. As decorações e vestuarios são auxiliares indispensaveis de toda a composição dramatica; convem que o espectador seja transportado sem violencia, apenas se levante o panno do theatro, ao logar onde vae passar-se a acção, e se identifique com

as pessoas que a desempenham. Não havendo a mais escrupulosa attenção com os accessórios, perde-se muitas vezes o effeito geral, com prejuizo do auctor e dos actores, que, por muito talento que tenham, nunca poderão fazer acceitar pelas platéas as figuras heroicas de Alexandre ou Carlos Magno, se os vestirem de fraque e chapéu redondo.

Comprazo-me em declarar aqui, honrando a memoria do mestre dos actores portuguezes Epifanio Aniceto Gonçalves, que poucas peças teem sido postas na scena nacional com mais rigorosa fidelidade do que o *Cedro Vermelho*. Não se faltou ás grandes nem ás pequenas cousas; Epifanio demonstrou uma vez mais que ninguem antes d'elle tinha tido em Portugal tantos conhecimentos, gosto e intelligencia para as combinações scenicas.

Por uma d'aquellas generosidades raras, que assombram as proprias pessoas que as teem, a administração do theatro, sendo um pouco do seu systema de mesquinhaia, quando se trata de peças e auctores portuguezes, auctorisou os srs. Rambois e Cinatti a pintarem o scenario conforme com as indicações do auctor; e aquelles illustres artistas deram-me com os esplendidos effeitos dos seus magicos pinceis metade do triumpho que obteve o drama. A outra metade devi-a

ao grande actor que se encarregou do papel de Lourenço. Tasso foi admiravel de verdade e sentimento. Nunca ninguem comprehendeu melhor, nem traduziria mais ao vivo o character do indio que elle representava. Por tal modo se possuia do papel, que na scena final foi por vezes levado em braços para o seu camarim! Sendo assás generoso para repartir commigo a sua gloria, pretendia despojar-se em meu favor das palmas que as multidões commovidas e arrebatadas pelo seu talento lhe arremessavam aos pés! Mas pertencem-lhe todas; o espirito do indio jurava encarnára-se n'elle.

Depois de escripta esta nota, foi enluctada a scena nacional pela perda do insigne artista a que ella se referiu no fim. Posso pois affirmar, que acabou com elle a probabilidade de tornar a representar-se o *Cedro Vermelho*.

O acompanhamento que seguiu Joaquim José Tasso até á ultima morada, attestou que todos os que o tinham admirado como actor o estimavam como homem. Parecia o prestito de um soberano! A inveja, que se calára sempre diante da sua modestia, rugiu furiosa á vista dos seus funeraes! Descansa em paz, grande e nobre alma; quem, tendo-te conhecido, não achou lagrimas para dar á noticia da tua morte, aca-

bará, devorado pelas suas ruins paixões, sem um amigo que o chore; e tu foste chorado por tantas mil pessoas, oh! rei caído da scena portugueza! Ninguem tão cedo levantará o teu sceptro com o esplendor com que tu o empunhaste, embora a estulticia tenha querido já offuscar a tua gloria immorredoura. Dorme tranquillo o teu ultimo somno, que eu vélo; e, cedo ou tarde, vingarei a tua memoria.

V

Vestidura de pennas de arara, papagaio e tucano

Pag. 15, lin. 4

São unicamente os chefes que se permitem o luxo d'estas vestiduras e cocares; e isso mesmo é só nas occasiões solemnes. O povo gentio anda, em geral, ainda menos bem vestido do que Adão e Eya antes da invenção da folha de figueira. É claro que Lourenço não podia mostrar-se tão primitivamente em casa do coronel; e como a familia o achava pittoresco, trajado de pennas, ninguem se lembrava de exigir-lhe que descesse á prosa vil das calças.

VI

Cabello preto, comprido, apartado ao meio

Pag. 15, lin. 11

Cabello comprido é entre os jurunas um distinctivo de independencia; mas tambem

não são todos os que o usam apartado ao meio. A maioria ata-o no alto da cabeça com uma folha de palmeira, e costumam alguns enfeita-lo com duas ou tres pennas espetadas no atado.

VII

Sem barba, nem pinturas no rosto; descalço; côr de bronze escuro

Pag. 15, lin. 17

Os indios do Brazil não teem quasi nenhum cabello na barba; por isso lhes davam e dão ainda em diversas provincias a denominação de caboculos, que em lingua tupi quer dizer pellados.

O uso de se pintarem com tintas vegetaes era commum a todas as tribus e por essas pinturas se differencavam umas das outras. Indio que não renovasse a miude os desenhos caprichosos que revelavam a sua nação, era considerado como covarde, porque d'esse modo pretendia encobrir dos estranhos se pertencia aos amigos se aos inimigos. Os homens destemidos e valerosos mostravam-se sempre vaidosamente sarapintados de fresco. Modernamente o contacto com os tapuios ou indios domesticos tem tirado a importancia a essas demonstrações de heroicidade, que os mansos não usam. No Xingú quasi que se limitam hoje as côres guerreiras a uma boa untura de oleo de patauá (*Palma Oenocarpus Batauá*, Mart.), feita com o

não menos util intuito de preservar o corpo das mordeduras do pium, bichinho roliço, a quem o nobre povo juruna tem odio implacavel e justificado.

As côres dos selvagens do Pará e Amazonas variam desde o chumbo escuro até o cobre vermelho; e não é raro ver individuos de certas tribus tendo no rosto manchas azuladas em campo de bronze, tal e qual como na epiderme de alguns vegetaes!

VIII

Corda de curauá

Pag. 15, lln. 19

Curauá é uma bromelia semelhante ao ananaz, de que os indios de Amazonas fazem cordas para redes e arcos, linhas de pescar, e que póde ser fiada como o linho e ter as mesmas applicações. O sr. Varnhagen nos *Commentarios ao Tratado Descriptivo do Brazil*, de Gabriel Soares de Sousa, cita estes diversos modos de escrever a palavra: caragoatá, caravatá, caraguatá, careatá, carahuatá; e diz que hoje em quasi todas as provincias do Brazil se adoptou gravatá. Martius (*Nomina Plantarum in Lingua Tupi*) traz, alem de alguns das citados pelo sr. Varnhagen: caraquatá, curuatá e carauá. Na *Diccionario Tupi* tem caracá. Baena (*Ensaio Chronographico Sobre a Pro-*

vincia do Pará), escreve curauá. O *Diccionario de Botanica Brasileira*, coordenado e redigido em grande parte sobre os manuscritos do dr. Arruda Camara, por Joaquim de Almeida Pinto, apenas tem gravatá.

É para sentir que n'esta obra, aliás útil apesar de sua grande deficiencia, se não seguisse o systema que adoptou Martius, de dar as diversas orthographias de cada vocabulo e a sua origem provavel. Que importa que o sabio allemão se deixe ás vezes arrastar pelo desejo de querer achar á força a composição das palavras e incorra por isso em alguns absurdos? Corrijam-lhe as faltas, porque o seu trabalho agradará sempre aos estudiosos. O que não se comprehende é um *Diccionario de Botanica Brasileira*, feito e coordenado por brasileiros, avolumado com descripções de plantas de outros paizes, relativamente pobrissimo das do seu, e sem uma unica explicação ácerca dos nomes indigenas, que nem sempre dá com a melhor orthographia! Desculpem-se estes reparos a um amigo do Brazil, que deu 4\$000 réis pelo diccionario de que está falando, e ficou furioso por não achar n'elle muitos nomes de vegetaes do seu conhecimento, vulgares no Pará e no Amazonas.

Voltemos ao nome da bromeliacea.

Nas duas provincias acima citadas toda

a gente lhe chamava curauá, no tempo em que eu lá estive; indios bravos ou mansos, homens e mulheres de todas as côres, ninguém lhe dava outro nome. Hoje não sei; mas como a acção do drama se passa em 1837, e não me consta que os jurunas tenham sido informados da unanimidade com que se substituiu curauá por gravatá, deixo ir a primeira lição.

Baena diz: — «Do curauá fabricam á mão cordas para suspender nas casas as redes de dormir: estas cordas duram ordinariamente quatro annos e mais do duplo d'este periodo, se ellas forem ungidas da tinta muruxi (*Byrsonima chrysophylla*). Antigamente houve um curioso que fez linhas das fibras d'esta planta, e com ellas um par de meias, cujo uso mostrou que eram mais asperas que as de linho; e no Rio Negro fizeram cordas de rebeca, o que é boa prova da sua rijeza, e portanto muito conviria tratar da cultura d'esta planta para com ella fazer-se velame e cordoalha. Tambem houve outro curioso que fez uma renda do mesmo curauá». — A cultura da planta é facilima e o seu crescimento rapido. No Amazonas conhecem-se diversas especies.

IX

Ferro de osso, de tabóca e de ferro

Pag. 15, lin. 22

Manuel de Faria e Sousa, nos *Commentarios* á ode x de Camões, escreveu: — «Porque como el hierro era extraño en aquellas partes, y en lugar de las puntas que del ponemos en las hastas ponen allá huesos, ó piedras, se declaró assi el Historiador: y otros al descrivir las armas proprias dizem que traen hierros de hueso, ó piedra». —

No *Roteiro da Viagem* de Fernão de Magalhães lê-se: — «Amte elles (refere-se aos patagões) nam ha ferro, nem outro artefycio darmas, soamente de pedernall fazem hos ferros das frechas, e asy hos machados, com que cortam, e as emxós e sovellas, com que cortam e cosem hos çapatos, e as vestiduras». — Parece-me que basta, para osmeticulosos que achassem impropriedade no dizer eu ferros de osso e ferros de ferro. Quem quizer mais auctoridades, procure nos classicos portuguezes.

'Taboca, n'umas provincias, e taquára em outras, é, talvez, a *Bambusa arundinacea*, de Retz, pois se parece em tudo com a graminea gigante da India. É claro que me refiro á especie que os indios chamam taquára açu e não ás outras menores. Os gentios do Xingú, do Tapajós e do Amazonas

costumam fazer d'ella grandes punhaes, que adaptam ás frechas de que se servem na guerra ou para a caça das antas e veados. D'ahi a denominação generica de taquáras a todas as frechas que teem essas pontas, quer ellas sejam de taboca, quer de ferro.

Veja a nota XLVIII do *Odio de Raça*.

Acha-se tambem tacuára em alguns auctores, em vez de taquára, e talvez que seja melhor orthographia.

X

Teem enfiado ao pé do bico um caroço de tucuman

Pag. 16, lin. 1

D'estas frechas servem-se os indios para frechar tartarugas. O ar, que ellas vão cortando, despedidas do arco com a velocidade da bala, arranca do caroço furado um assobio semelhante á voz de um passaro, que não assusta por isso a tartaruga fluctuando á superficie do rio ou do lago. Cravando-se-lhe no casco, o ferro da frecha, que tem a fórma de arpão, separa-se d'ella, ficando todavia preso por uma linha de fino curauá muito comprida, enrolada na haste. O animal, sentindo-se ferido, mergulha rapidamente e a linha desenrola-se da frecha, que fica girando ao de cima de agua, e dá tempo que se approxime a canoa do frechador. Percebe-se que a tartaruga cansa quando pára o movimento da frecha. Então, ala-se

brandamente a linha, e apenas se avista o casco, enterra-se-lhe outro arpão, com haste de madeira, e linha mais grossa, preso pelo mesmo systema da frecha. Com esta segunda prisão, raras vezes se perde a presa; salvos os casos em que se rompe o casco.

Tucuman, tucumá, tucumai, tucumay e tocum é a palmeira *Astrocaryum Tucumã*, de Martius.

O *Diccionario de Botanica Brasileira* dá esta excellente definição:

—«Palmeira do Brazil, da qual se prepara o vinho d'este nome dos indigenas.

É do Pará e Amazonas.

Os fructos comem-se.» —

Quem tiver ainda algumas duvidas, torne a ler o artigo.

Convem não confundir o tucuman, que os indios chamam tambem tocum, com outra palmeira espinhosa, que tem o mesmo nome, de cujas folhas elles extrahem fibras semelhantes ás do linho, com que fazem redes de dormir, cordas, linhas, etc. E ha ainda outra especie textil, da mesma familia, que se parece com a canna da India.

O tucuman, de que se tiram os caroços para as frechas de frechar tartarugas, é uma palmeira magnifica, de soberba copa, tronco direito e elevado, produzindo cachos enormes com centenares de fructos, maiores do

que ovos de pomba, que, á medida que vão amadurecendo, se tornam avermelhados ou côr de oiro. D'elles se faz por maceração e esfregando-os uns nos outros, uma especie de vinho amarello, que não é desagradavel. O fructo, apesar de succoso, tem muitas fibras, que se enredam nos dentes, e é por isso mais grato ás cotias do que aos homens, comquanto estes o comam, por divertimento ou por fome e nunca por gosto.

Das folhas fazem-se esteiras e chapéus, parecidos, se bem que muito inferiores na qualidade, aos da palmeira carnaúba (*Copernicia cerifera*, Mart.). O tronco é tão rijo que embota e ás vezes quebra machados, sobretudo depois de secco.

XI

Arnez de pelle de jacaré

Pag. 16, lín. 7

Outros usam para o mesmo effeito, em logar da pelle de jacaré, do couro de anta ou de uma especie de escudo, que serve de berço aos cachos de certas palmeiras, e que elles denominam curauatá (não se confunda com a bromelia curauá).

XII

Tangapema

Pag. 16, lin. 12

É uma especie de espada de pau, que tambem chamam tacápe e cuidarú, e que ordinariamente trazem pendurada ao pescoço, caída para as costas, a fim de poderem empregar outras armas primeiro que ella. Escolhem para estas espadas madeiras pesadas e rijissimas; e fazem umas cylindricas e cheias de puas; outras, quadradas ou esquinadas; e a maior parte com dois gumes e muito grossas no centro.

XIII

Pelle de onça, com parte da cabeça e focinhos

Pag. 16, lin. 28

Costumam pôr sobre si este e outros adereços, com o intuito de se fazerem mais horrendos e temidos dos seus inimigos, que recorrem ingenuamente aos mesmos processos e artificios!

XIV

Caroços de inajá seccos, que fazem ruido de cascavel.

Pag. 17, lin. 3

Tambem gostam de trazer ao pescoço rosarios d'estes mesmos caroços cortados ao meio, furados, e tendo dentro, em fórmula de badalo de campainha, dentes de cotias ou outros animaes e ás vezes de adversarios mortos por elles.

Inajá é a palma *Maximiliana*, de Mart. Os seus fructos são em cachos como os do tucuman, igualmente numerosos, da feição de pequeninos côcos e comem-se crus, cozidos e assados. Na falta dos caroços da palmeira urucuri (*Attalea excelsa*, Mart.) servem os da inajá para congelar com o seu fumo o leite da borracha. Comtudo, os compradores d'este genero em Inglaterra, sem saberem a que attribuir a differença, já preveniram alguns correspondentes do Pará de que os fabricantes consideravam as ultimas remessas (1872) de qualidade muito inferior. A causa d'essa inferioridade será talvez porque os exploradores da gomma elastica se servissem de caroços de inajá, persuadidos de que dariam igual resultado aos de urucuri ou pelo menos que os consumidores estrangeiros não notariam a differença.

XV

Arco de pau avermelhado

Pag. 17, lin. 9

Fazem os arcos de Ymirapariba (*Bignonia pentaphylla*, Linn.), que é o pau de arco propriamente dito; de Ymiraitá (*Caesalpinia ferrea*, Mart.), pau ferro do Brazil; e em geral de toda a madeira que seja forte e tenha sufficiente elasticidade. Os arcos dos jurunas excedem a altura de um homem.

XVI

Beijos pretos
Pag. 17, lin. 17

Juruna, quer dizer bôca preta: de jurú, bôca; e una, preta. Foi pois ao costume de pintarem os beijos de escuro que aquelles indios deveram a sua denominação.

XVII

Lago do Curumú
Pag. 21, lin. 2

A 2 ou 3 kilometros por traz da villa de Alemquer, situada n'um braço do Amazonas, e proximo do formoso lago do Surubiú, está o Curumú, não menos pittoresco porém mais pequeno do que aquelle.

Os lagos do Brazil não teem uma grandeza correspondente aos seus rios e florestas, e são sem duvida' inferiores aos dos Estados Unidos da America; mas são muito mais numerosos e ainda assim parecem alguns d'elles verdadeiros mares interiores. Diz Baena, no seu *Ensaio Chorographico Sobre a Provincia do Pará*, que se lhes pôde chamar, fallando com propriedade, *mediterraneos de agua doce*.

Da villa de Monte Alegre (Paricátuba ou lugar da acacia) até á de Obidos ha um systema complicadissimo de lagos, pegando quasi todos uns nos outros, communicando-

se e occupando o espaço de muitas leguas, que dá á margem direita do Amazonas, subindo, o aspecto de uma planicie immensa coberta de verdura e agua..

Uma extensa muralha de arvoredos, que ora se engrossa ora se adelgaça, separa os lagos do grande rio, sem que elles deixem de seguir-lhe todas as ondulações. Parece que são formados pelas aguas do Amazonas, infiltradas através das suas margens porosas; e isto afigura-se-me tanto mais provavel quando baixa o rio desapparecem alguns dos lagos. O Curumú, que não communica as suas aguas com as d'elles, derrama-as no furo de Alemquer, por um canal, que deságua 2 kilometros quasi abaixo da villa. As margens d'este lago, apesar de arenosas, dão vida ás mais bellas plantas. A floresta, em alguns sitios, avança com as suas arvores potentes e os seus cipós floridos até ao seio das aguas; n'outros, afasta-se, deixando apenas de longe em longe um grupo de cajueiros, uma palmeira elegantissima, ou uma agigantada sumaúmeira, algumas acacias colossaes, para conservar sempre as relações grandiosas que ali existem entre o mundo vegetal e o mundo aquatico. Em cada pequena enseada, uma casinha de terra e de folhas de pindoba, com o tecto e paredes cobertas de graciosas passifloras, adivinha-

se, mais do que se vê, pela canoasinha que em frente do porto se balouça nas ondas. Aqui e ali a garça branca ou real, o maguari, o carará ou a ave gigante chamada jaburí, permanecem longas horas immoveis ou passeiam com o ar grave e solenne da sentinella que vigia um templo. Os pequenos canaes, por onde as embarcações se approximam das casas, estão, de um lado e outro, tapetados de mururé (*Nymphaea*), que abre aos primeiros raios do sol as suas flores amarellas, brancas ou vermelhas. O peixe salta de contente a cada instante; os vendos, as pacas e as cotias debruçam-se, bebendo, perto das habitações; as jovens tapuias soismam, contemplando o rosto no espelho do lago; e o viajante, assombrado e como que preso de tudo que o cerca, sente vagos desejos de terminar ali as suas peregrinações, atar a rede á sombra hospitaleira do tejupar da india, e esperar, tranquillo e feliz, que o somno o faça esquecer de que teve outra patria.

XVIII

Folhas do palmeira pindoba

Pag. 21, lin. 6

Pindoba ou pindova é a palma *Attalea compta*, de Mart. Tem o tronco grosso, direito, e cresce até grande altura. A flor parece-se com a da tamareira; o fructo

•

nasce em cachos, como os já descriptos, e é do feitio e tamanho das nossas maiores peras pardas. Quando os gentios teem falta de mandioca, os fructos da pindoba substituem-lhes a farinha. Os cachos são tamanhos que um só carrega um homem! Do olho d'esta palmeira tambem se extrahê o palmito, que algumas pessoas acham delicioso em conserva ou esparregado. Com as folhas, depois de abertas á mão e de modo que fiquem voltados os foliolos todos para o mesmo lado e sobrepostos, cobrem-se casas, que são mais confortaveis com essa cobertura do que as de telha. Por extensão se chama tambem pindoba ás folhas da palmeira bussú (*Manicaria saccifera*, Mart.) que servem igualmente para cobrir as habitações, e, em geral, para os mais usos da pindoba verdadeira. Algumas tribus dão a todas as palmeiras o nome generico de pindoba.

XIX

Rosas mogorins.

Pag. 21, lin. 11

Penso que é a rosa de Alexandria que tem no Pará e Amazonas o nome de mogorim, mas não affirmo. No hemispherio do sul não ha nenhuma especie do genero rosa. Sómente nos Andes cresce a bejaria ou rosa alpestre da America, que alguns (e Hum-

boldt foi um d'esses) chamaram befaria, suppondo ser esta a verdadeira classificação; a mudança do *f* para *j* foi devida a um erro typographico, que escapou a Linneu, filho, quando publicou o genero bejaria. Esta planta do Perú, não se dá senão nos climas frios e humidos semelhantes ao do seu paiz.

XX

Jasmins de Cayena

Pag. 21, lin. 12

Ignoro o nome botanico da planta, que no Pará e Amazonas se denomina jasmim de Cayena. Com certeza não é a *Melia azedarack* a que se refere o *Diccionario de Botanica Brasileira*.

A flor do jasmim de Cayena é alaranjada pela parte inferior e vermelho-purpura por cima. Tem o cheiro tão activo que estando eu uma noite ajoelhado ao pé de um oratorio, onde havia duas jarras com essas flores, caí sem sentidos, e morreria envenenado se me não tivessem levado rapidamente para o ar livre!

XXI

Mangueiras

Pag. 21, lin. 13

A mangueira (*Mangifera indica*, Linn.) é, como a sua classificação está dizendo, ori-

ginaria da India. Mas no Brazil podem com razão dizer que ella

— «melhor tornada no terreno alheio» —

se adorna de galas ainda mais esplendidas do que as que possuia na terra natal. Dá-se perfeitamente no Pará e no Amazonas, não exigindo a sua cultura nenhuns cuidados, desenvolvendo-se a arvore rapidamente até á altura de 12 metros, e adquirindo no pé uma grossura de muitas braças de circumferencia. Á sombra de sua copa magestosa podem abrigar-se cincoenta pessoas juntas! As flores nascem-lhe em cachos pyramidaes, de côr esverdeada e vermelha, mostrando algumas o botão ou rudimento do fructo. Este apresenta quasi o feitio de coração, e compõe-se de uma polpa tenra, mais ou menos fibrosa, segundo a qualidade, adherente a um caroço reniforme, grosso no meio, envolvido em fibras, que se communicam á parte carnosa do fructo. As mangas são muito succosas e agradaveis ao paladar; mas teem ligeiro sabor e cheiro de terebinthina, e por isso os europeus se não costumam a ellas logo á primeira prova. Quanto melhor for a sua qualidade mais fino é o seu pericarpo, mais doce, aromatica, macia e menos fibrosa a massa que envolve o ca-

roço. Nada tão gracioso como vê-las penduradas aos milhares pelos seus compridos peduncullos, saindo de entre a espessa folhagem da mangueira para ostentarem as suas côres vistosas, que variam entre o verde, o oiro e o nácar!

Nas ilhas dos Açores aclimatou-se a arvore, porém não chega a dar fructo. Dizem-me que as ha na Madeira e que ás vezes se vendem em Lisboa; mas não as vi nunca, e por isso não posso dizer se rivalisam com as do Brazil.

XXII

Coqueiros, golabeiras e cueiras

Pag. 21, lin. 14

Aqui refiro-me ao coqueiro commum, que por muito conhecido julgo inutil descrever.

O Brazil conta vinte e quatro generos e cento e doze especies de palmeiras conhecidas até hoje. No dia em que as florestas do Pará e do Amazonas, sem duvida as mais ricas e opulentas de todo o mundo, revelarem aos homens da sciencia os seus ultimos segredos, aquelles algarismos crescerão tambem prodigiosamente.

Os curiosos d'esta especie poderão recorrer para conhecê-la melhor á excellente monographia de Martius, que é por emquanto o trabalho mais completo que existe; e ao capitulo XI da *Viagem ao Brazil*, de Agas-

siz, onde se acham algumas observações curiosas sobre o mesmo assumpto.

Goiaba ou goiabeira (*Psidium pommiferum*, Linn.), é arvore assás vulgar hoje na Madeira e nos Açores, onde produz os fructos de que se faz o doce de goiabada ou guaiabada, celebrado por numerosos amadores, entre os quaes tenho a honra de incluir-me.

No Pará cultivam-se tres variedades, uma das quaes differe completamente das outras duas, assimilhando-se mais aos araçás (*Psidium araçá*) do que ás goiabas.

Cuieira é a *Crescentiae cujete*, de Linn., já descripta na nota LIII do *Odio de Raça*.

Para não repetir aqui essa descripção, traduzo a seguinte de dois viajantes modernos:

— «... não longe da margem sentâmo-nos debaixo de uma enorme cabaceira, que não só pela sua densa folhagem como por ter os ramos cobertos de parasitas nos offerecia magnifica sombra; escuro e avelludado musgo, occultando a epiderme da arvore, contrasta notavelmente com a côr verde-pallido de seus fructos lustrosos, fazendo-os sobresair com maior relevo. Chamo-lhe simplesmente cabaceira por causa do uso a que se destinam esses fructos; aqui dão-lhe o nome de cuieira (*Crescentiae cujete*) e o de cuia ao vaso que se faz do fructo. É este de

fôrma espherica, de um verde brilhante e de um bello polido; o seu tamanho varia entre a maçã e a melancia grande. Contém dentro uma polpa molle e esbranquiçada, que se extrahe facilmente cortando a cuia ao meio; em seguida deixa-se-lhe seccar a casca, e assim se obteem galantes taças e vasos de differentes grandezas. Os indios ornam-as engenhosamente com pinturas, pois sabem o segredo de combinar muitas tintas brilhantes... É misturando n'uma especie de barro os succos colorantes de varias plantas que se preparam essas tintas. N'uma residencia amazonica não se veem nas mesas ótros utensilios, alem dos que as indias fabricam com as cuias, embellezadas por mil diversos modos.» — (*Voyage au Brésil.* — M.^{me} et Mr. Louis Agassiz.)

XXIII

Festões de maracujá

Pag. 21, lin. 16

O maracujá (*Passiflora: quadrangularis, cærulea, alata, maliformis, incarnata, etc., etc.*) que os portuguezes chamam martyrio e flor da paixão, é um genero que tem mais de cem especies, quasi todas da America meridional.

Um dos nossos mais elegantes escriptores do seculo XVII descreve-o assim:

— «O outro portento das hervas, graça

dos prados, brinco da natureza, e devoção da piedade christã, he aquella a que chamão os Portugueses herba da Paixão, os Indios maracujá, os Castelhanos da Nova Hespanha granadilha. Tem nove especies, maracujá guaçu, miri, satá, eté, mixira, peróba, pirána, temacuja, una. Duas são as mais principaes de que só fallarei, guaçu, e miri. Cresce a maneira de herba, em breve tempo trepa altas arvores, grandes tectos, espaciosas latadas, a modo de parreira, cobrindo tudo de huma verdura graciosa, e varia, entreçachada de folhas, flores, frutos em numerosa quantidade. He a folha das mais agradaveis, e frescas do Brazil, e por este respeito sua sombra mui apetecida.

A flor he o mysterio unico das flores. Tem o tamanho de huma grande rosa; e n'este breve campo formou a natureza hum como theatro dos mysterios da Redempção do mundo. Lançou por fundamento cinco folhas mais grossas, no exterior verdes, no interior sobronadas: sobre estas, postas em cruz outras cinco purpureas, todas de huma, e outra parte. É logo d'este como throno sanguineo, vai armando hum quasi pavilhão feito de huns semelhantes a fios de roxo, com mistura de branco. Outros lhe chamarão corôa, outros mólbho de açoutes aberto, e tudo vem a ser. No meio d'este pavilhão,

ou corôa, ou mólho, se vê levantada huma columna branca, como de marmore, redonda, quasi feita ao torno, e rematada pera mais graciosa com huma maçã, ou bola, que tira a ovado. Do remate d'esta columna nascem cinco quasi expressas chagas, distintas todas, e penduradas cada qual de seu fio, tão perfeitas, que parece as não poderia pintar n'outra fôrma o mais destro pintor: se não que em logar de sangue tem por cima hum como pó sutil, ao qual se applicaes o dedo, fica n'elle pintada a mesma chaga, formada do pó, como com tinta se podêra formar. Sobre a bola ovada do remate, se veem tres cravos perfeitissimos, as pontas na bola, os corpos e cabeças no ar: mais cuidareis que forão alli pregados de industria, se a experiencia vos não mostrára o contrario. A esta flor por isso chamão flor da Paixão, porque mostra aos homens os principaes instrumentos d'ella; quaes são, corôa, columna, açoutes, cravos, chagas. He flor que vive com o Sol, e morre com elle: e mesmo he sepultar-se o Sol, que fazer ella sepulchro d'aquelle seu pavilhão, ou corôa, já então côr de luto, e sepultar n'elle isentos os instrumentos da Paixão sobreditos, que nascido o Sol torna a ostentar no mundo. Na fermosura, e no cheiro traz esta flor contendas com a rosa; porque no artificio,

manifesto he que a excede. Persevera quasi todo o anno, com successão de humas a outras.

Os frutos d'estas duas especies (deixo os das outras sete menores) são como grandes peros da Europa, e ainda dobrados; huns redondos, outros ovados: a côr he graciosa, mete de verde, amarella, e branca: a casca grossa, porém não dura. Está esta chea de huma polpa branca, succosa, entreçachada de sementes pretas, de cheiro e gosto suave. He refrigerio dos febricitantes, desafoga e refrigera o coração. Muitos a derão em lugar de xarope cordial, com grande effeito. Reprime os ardores, excita o appetite do cibo, e não faz damno ao enfermo, posto que coma grande quantidade, antes recrea, e apaga a sede. Semelhante effeito tem as flôres, e cascas do pomo, postas em conserva. Tem outra virtude insigne esta planta, posto que a muitos incognita; porque he de igual, ou maior efficacia, que a salsaparrilha, pera desobstruir por via de suores, ou ourinas; porque dada a beber esta herva algum tanto pizada em vinho, ou em agoa, sem aballo algum, e em mui breve tempo, expelle as immundicias de ventre, e corrobora as entranhas. E as mesmas folhas pizadas, lançadas em agoa fervente, até que fique tepida, são remedio ef-

ficassissimo pera o mal das almorreimas, lavando-se com ella.» — (*Chronica da Companhia de Jesus, do Estado do Brazil.*— Padre Simão de Vasconcellos.)

Completarei esta nota com mais algumas linhas de um viajante moderno, que dizem respeito aos maracujás do Amazonas:

— «... Abundam, principalmente, as passifloras. Ha uma especie, que faz lembrar o jasmim do Cabo pelo seu perfume delicioso; ella esconde-se na sombra, mas o cheiro denuncia-a; e afastando-se os ramos tem-se certeza de a encontrar com as suas grandes flores brancas e côr de purpura, as suas folhas grossas e o seu escuro sarmento, serpenteando n'um tronco proximo. Outra, parece antes pedir do que evitar que a vejam; esta é de um vermelho magnifico, e as suas estrellas carmezins furam por assim dizer a densa folhagem da floresta.» — (*Voyage au Brésil.*— M.^{me} Agassiz.)

XXIV

Vastas campinas

Pag. 22, lin. 7

As campinas, a que se refere o joven portuguez, não podem comparar-se na extensão aos Llanos de Caracas nem aos Pampas de Buenos-Ayres; todavia são sufficientemente grandes para inspirarem admiração,

principalmente quando se tem trazido a vista muito tempo limitada por muralhas altíssimas de verdura eterna.

Em todas as zonas se encontram, mais ou menos, esses grandes espaços sem arvores; a natureza não quiz estabelecer excepções, nem mesmo no paiz das immensas florestas. Nas immedições de Macapá, de Monte-Alegre, de Alenquer, no Xingú, e em muitos outros logares, das duas grandes provincias do Pará e Amazonas não é raro que essas campinas tenham muitas leguas de comprimento. É quasi sempre das bordas dos lagos que ellas principiam, dirigindo-se para o interior da terra firme. Algumas são povoadas de gado vaccum e cavallar, que todas as noites se recolhe ás fazendas dos proprietarios, em grandes curraes, que não passam de simples estacadas sem cobertura. Nenhum pastor acompanha esses rebanhos, que se contam ás vezes por milhares de cabeças. Todas as manhãs munge-se o leite das vaccas, necessario para os habitantes de cada fazenda, e depois abre-se a porta do curral ou estacada. É quasi sempre um boi velho que se encarrega de representar o papel de Nestor, levando atraz de si todo o rebanho, e indo até 2 e 3 leguas procurar as melhores pastagens. Nestas periprições em busca de sustento acontece com

requencia desgarrarem-se alguns touros, bezeros ou vacas, mais dados a passeios de phantasia, e irem reunir-se a outros collegas desertores, habitantes das florestas; succede tambem aggregarem-se ao rebanho domestico alguns individuos estranhos, antigos companheiros ou nascidos e creados na liberdade da selva e da campina, ou ainda fugitivos de manadas pertencentes a outros proprietarios. Ao entardecer, qualquer que seja a distancia a que se achem, os rebanhos voltam sempre sós, sem auxilio de homem, ao lugar em que dormem. A porta da estacada fecha-se depois d'elles terem entrado, e começa a contagem, feita pelos escravos do fazendeiro; umas vezes faltam, outras sobejam; na segunda hypothese, como todos os animaes são marcados, procura-se se ha algum com marca alheia, ou sem nenhum signal de captiveiro; n'este caso, applica-se-lhe immediatamente o ferro em brasa e não se deixa sair dois ou tres dias, para que se costume ao curral; no outro: se o proprietario é de consciencia, manda restituir as rezes a seu dono; se gosta de comer á custa do proximo, manda-as matar; mas, n'este caso, é preciso fazer desaparecer a marca do couro. Já tem havido processos desastrosos, por denuncia dos proprios escravos de roubader! As onças visitam de vez

em quando os curraes durante a noite, e regalam-se com tenras vitellinhas, não tendo sido presentidas pelo gado a tempo de se elle acautelar. Se este as sente na occasião da escalada, dois mil pés e quatro mil chifres esborracham e estripam os invasores, qualquer que seja o seu numero e bravura. Por isso a onça, por mais feroz e faminta que esteja, reconhece a necessidade de ser prudente como um Ulysses felino, e prefere andar á caça dos desgarrados.

Os fazendeiros organisam caçadas ao gado bravo, que não são destituídas de interesse dramatico. Em 1843 um proprietario das margens do lago Surubiú, de appellido Aragão, convidou-me para um d'esses perigosos divertimentos, que eu, na minha qualidade de aprendiz de selvagem, não quiz rejeitar.

Sáimos da fazenda, ao romper do dia, em cavallo, apanhados a laço entre a manada, que, provavelmente, nunca tinham sido montados. Era mais um acrescimo de prazer. Para eu conseguir içar-me, sem levar couce, na especie de meia sella hespanhola, com que me obsequiava Aragão, foi necessario que quatro escravos se pendurassem ás mãos e ás pernas do animal que me levava! Mas como eu tinha dezeseis annos, e estava costumado desde muito a lidar com brutos de todas as qualidades, forçoso foi áquelle pôr-

se ás boas commigo, depois de convencido, que, se teimasse, corria risco de ficar sem barriga e sem queixada.

Eramos seis pessoas; íamos armados com espingardas de pederneira, e levavamos terçados curtos, sem bainhas, presos em cintos de couro.

A medida que nos afastavamos da fazenda, a vegetação que tapetava o solo mudava gradualmente de côr. Nas margens do lago os verdes pareciam sorrir-se, cheios de vida e resplandecentes com as gotas do orvalho matutino; uma legua distante, o sol, que vinha rompendo, alumiaava uma planície pardacenta, que se desenrolava a perder de vista na nossa frente e cuja largura variava entre um a dois kilometros. Comtudo, a vida organica não desaparecêra. A terra que pisavam os nossos cavalloos estava litteralmente coberta de plantas, entre as quaes predominavam as espinhosas, quasi todas de verde cinzento. Aqui e ali erguiam-se algumas euphorbias floridas; mais adiante, um cacto agigantado, com os ramos em fórma de braços abertos e tres ou quatro grandes flores vermelhas, como se foram cravos ensanguentados n'uma cruz de espinhos, parecia a sentinella da natureza, vigiando o deserto. Á direita e á esquerda ostentava a floresta os seus verdes esplendidos, não ou-

sando avançar para a campina, receiosa talvez de repartir com ella a sua opulencia. A planicie, assim limitada lateralmente, assimilhava-se ao leito de um grandioso rio, que por algum cataclysmo da terra se tivesse seccado.

Todos os annos, no verão, um mar de fogo, lançado pelos fazendeiros para fazer rebentar de novo a herva calcinada pelo sol, percorre estas pastagens, rugindo com maior furia do que os oceanos de agua em dias de tempestade. E quem sabe se não foi tambem um mar de chammas quem creستou nas primeiras idades geologicas a superficie dos desertos desarborisados?...

De momento a momento atravessavam diante de nós veados de diversas especies; muitos paravam, com grave escandalo dos naturalistas, que os fazem excessivamente timidos, e pareciam perguntar-nos, com o espanto nos olhos, porque motivo e com que direito entravamos nos seus dominios, sem termos sido convidados por elles, e sem ao menos os avisarmos, por deferencia!

Teriamos andado cinco ou seis leguas quando deparámos com uma especie de ilha de verdura, posta como de proposito pela natureza, ao meio da campina, a fim de nos servir de abrigo contra os raios ardentissimos do sol do meio dia. Não tinhamos ainda achado o

menor vestigio de gado bravo; á vista dos veados o meu entusiasmo de caçador fizera-me por mais de uma vez engatilhar a espingarda, que Aragão me obrigava logo a desarmar.

— Um tiro afugentaria todo o gado que estivesse perto! — me dizia elle sempre. — Tenha paciencia; se não encontrarmos o que procurámos, á vinda atiraremos aos veados.

Assim tínhamos ido até ali; e quasi já sem esperanças de bom resultado nos dirigiamos para a especie de oasis, que viamos na frente, resolvidos a comer o lunch que levávamos, quando um escravo de Aragão fez parar de repente o cavallo, e murmurou, estendendo a mão com gesto imperativo para o nosso lado:

— Parem!

O senhor foi o primeiro que lhe obedeceu, perguntando em voz baixa:

— São elles?

— Rasto fresco.

Olhando para onde nos apontava o escravo, vimos sobre as hervas signaes incontestaveis da recente passagem de gado vaccum. Todos nos apeámos immediatamente e preparamos as armas, depois de termos amarrado os cavallos ás arvores mais proximas.

Penetramos sob o arvoredo, seguindo as piugadas numerosas que cobriam o chão, e

fazendo o menor ruído possível para não sermos sentidos. O bosque era composto, pela maior parte, de arvores colossaes, predominando as da especie nã ou castanheira (*Bertholletia excelsa*, Humboldt e Bonpland), que chegam a ter de 35 a 40 metros de altura! A passagem successiva dos animaes tinha desobstruido completamente de plantas miudas o caminho que seguíamos, tornando-o estrada batida; porém, de cada lado ficára uma sebe inextricavel de arbustos espinhosos, que seria difficil, senão impossivel romper, mesmo a terçado. Ao centro da ilha havia uma pequena clareira e o caminho bifurcava-se. Não sei por que movimento de Aragão eu me achei de repente adiante d'elle, na embocadura de uma das estradas; querendo retomar a posição, que me tinha sido destinada, voltei-me e vi-o fazendo pontaria para outro lado. Ao mesmo tempo diz-me um dos escravos, em voz baixa e rapida:

— Abaixa, siô moço!

Partiram dois tiros, que fizeram estremecer terrivelmente os echos do deserto. Uma das balas roçou-me levemente os cabellos e o meu sibillo ensandecou-se por alguns instantes do ouvido direito. Se eu tivesse voltado o rosto, á vez do preto, seria infallivelmente morto.

— Preparem-se! — gritou Aragão.

— Deixa caminho livre! — exclamou um escravo.

— Atirem! Atirem, com os diabos, que morremos todos!

Duzentos ou trezentos animaes da especie bovina, aterrados ou enfurecidos com as detonações, que tão inesperadamente quebravam o silencio d'aquellas solidões profundas, ergueram-se de todos os lados á roda de nós, como se tivessem saído do seio da terra, e arremessaram-se através da floresta com a impetuosidade do mar enfurecido, quando galga os rochedos! Aos mugidos dos que receberam as balas, e que também partiram em carreira furiosa, responderam centenaes de rugidos de terror ou de colera e sentimos tremer o céu e a terra, abalados pelas vozes e pelos pés dos brutos embravecidos. Vendo-os cruzar em todas as direcções, passando com a velocidade do raio, fazendo pedaços as arvores, esmagando as plantas, levantando turbilhões de pó, e dando bramidos como devem ser os dos demonios, pensei em Deus e em todos os que amava, apertando silenciosamente a coronha da espingarda.

Foi n'esse momento que o nosso chefe gritára:

— Atirem! Atirem, com os diabos, que morremos todos!

Dez ou doze touros investiam direitos a nós.

Os tres escravos, que tinham as armas carregadas, dispararam; mas só duas balas partiram, porque uma das espingardas negou fogo.

Todos os touros, feridos ou não, mudaram immediatamente de rumo, excepto um que continuou a correr contra mim.

Aragão tirou o sabre, resolvido talvez a gritar-me, como o generoso Enéas aos troianos sem esperança:

*... moriamur, et in media arma ruamus.
Una salus victis, nullam sperare salutem¹.*

Apesar de profundamente commovido, consegui apontar com segurança e só disparei quando a cabeça do touro tocava quasi a bôca da minha espingarda. A fera caiu sem movimento aos pés de Aragão, derrubando comsigo dois escravos. Eu caí tam-

¹ ... morramos, arrojando-nos sobre as espadas inimigas. O desespero é o unico recurso dos vencidos.

A traducção não é boa; mas peor seria se eu a fizesse em verso. Muitos poetas, havidos por mestres, se teem saído pouco satisfactoriamente com a versão d'esta passagem de Virgilio; e

Onde estão gallos de fama
Que veem pintos cá fazer?

bem contra a sebe espinhosa, que emoldurava o caminho, mas levantei-me logo. Tudo isto foi instantaneo e passou como uma visão. Erguendo-me, vi o meu hospedeiro arrancando do peito do touro o terçado fumegante de sangue, com que o tinha sangrado, talvez por cautela, e os tres escravos de pé, ajudando a levantar os dois que estavam caídos; ao longe, o estrepito da corrida do gado, ia-se amortecendo gradualmente.

Reparei então nos rostos dos meus companheiros. O branco ficára pallido; os pretos tornaram-se azulados; e é provavel que eu me tivesse feito verde; mas não tinha ali espelho, nem quiz perguntar nada aos outros, com receio de que elles dessem á pergunta diverso sentido do que eu queria.

Decorridos dois ou tres minutos a solidão readquiríra o seu silencio augusto, ouvindo-se apenas o ruido das folhas que a viração agitava.

— Estimei tê-lo convidado para este passeio — me disse Aragão; — mas peço-lhe desculpa de o haver exposto... — E voltando-se para o preto que tinha atirado por cima da minha cabeça, continuou:

— Tu precisavas que eu te tirasse a pelle! Não viste que ías matando o branco?

— Pede peredão a pae sinhô; touro baixava cabeça para corrê contra siô moço e

se não atira, matava elle, que branco não via bicho.

— E verdade; salvou-me a vida.

— O senhor viu?

— Vi.

O pobre escravo recompensou-me com um olhar de gratidão a innocente mentira com que eu o livrava, provavelmente, do azorrague.

— Por hoje basta — disse o senhor. — Esfolem depressa este para irmos depois procurar os outros que ferimos. Elles não devem ter ido longe.

O touro era preto, corpulento e gordo; mas, contra a expectativa de Aragão, tinha marca e não era a d'elle.

— Os diabos o levem! Cortem-lhe este pedaço de couro e enterrem-n'o bem.

Esfolou-se e esquartejou-se o animal; d'ahi a pequena distancia encontrámos os dois primeiros feridos, que tambem se esquartejaram; mas por mais que procurássemos, não achámos os que deviam ter caído igualmente, se os ultimos tiros houvessem sido empregados.

Antes de partirmos, deixou-se a carne pendurada nas arvores, em lugar onde não lhe chegassem as onças; e n'essa mesma noite voltaram os escravos, com outros cavallos, em que a levaram para a fazenda.

Regressámos pelo lado opposto áquelle per onde tínhamos ido. O aspecto da paisagem era sempre o mesmo, chato e uniforme como a superficie de mar bonancoso. Nem uma collina, um rochedo, um regato para cortar a monotonia! Dos dois lados, as barreiras enormes da floresta; ao meio, a planície côr de cinza, fria, melancolica, perdendo-se no horisonte e enchendo a alma de vagas tristezas, como as que inspira a vista do oceano.

De inverno o lago trasborda sobre grande extensão da planície; estávamos porém no fim do verão, o anno tinha sido pouco chuvoso, e as plantas estalavam debaixo dos pés dos cavallos, torradas pelo calor. Uma peste recente, que devorára milhares de animaes, cobrira de ossadas brancas muitos logares da campina. Se uma trombeta invisível soasse de repente n'aquelle Josephat de irracionais, que tremendas coleras, em figuras de touros e cavallos, se levantariam ali diante de nós, exigindo dos verdugos de seus irmãos, em nome da justiça ultrajada, os doze quartos de carne que elles deixavam pendurados nas arvores do deserto?!

— Pae sinhô, oia fogo!

— É a queimada que principia. A gu-
lupa!

Era com effeito o incendio, que se tinha

posto ás pastagens durante a nossa ausencia, por ser a estação propria das queimadas. O fogo, começando em diversos pontos das margens do lago, depois de ter consumido por lá tudo que achou em estado de lhe servir de alimento, precipitára-se na planicie, e tomando-a de um lado ao outro, avançava para o interior, rugindo como vaga furiosa.

Lançámos os cavallos á desfilada. O meu hospedeiro tomou a frente; eu tentava segui-lo a par, sem perceber o motivo por que íamos direitos ao fogo; atraz de nós seguiam os quatro escravos creoulos, cujos cavallos, furiosos por não os deixarem correr ao lado dos nossos, pareciam furacões redemoinhando em todos os sentidos.

Assim passámos através do rio de chammas, simplesmente para não torcermos caminho, indo pela floresta! Quando, já próximos do incendio, soube com que intento voavamos para elle, quiz sopear o meu cavallo, persuadido de que Aragão estava louco. Mas tentei-o debalde! O fogoso bruto, excitado pela velocidade da carreira, e vendo o outro precipitar-se no fogo, seguiu-o, erriçando as clinas, e soltando um nitrido, que o calor e o fumo lhe cortaram instantaneamente.

— Que tal?! — me perguntou sorrindo e parando á porta de casa o fazendeiro.

— É bom!... para doudos.

— Não atravessando a queimada, teriamos de dar uma volta muito grande, e eu estou com fome.

— Também eu... apesar de me sentir ainda meio asphyxiado. Nunca mais cáio n'outra!

— A passagem é rápida e os cavallos estão costumados.

— Sim; mas... eu ainda não sou cavallo.

— Vamos lá, que o dia não foi mausinho!

— Principalmente para mim! Doze leguas de jornada, uma bala beijando-me a cabeça, um touro enfurecido a distancia de uma espingarda costumada a negar fogo, e por fim galopar entre labaredas.

— É como se vive por aqui!

Não lhe respondi, mas completei assim mentalmente o apophthegma:

— E como se morre!

XXV

Flor do mururé

Pag. 22, lin. 16

O mururé, que ainda não vi descripto scientificamente, é uma *nymphaecea*, do genero *Victoria*, mas muito mais pequena. Penso que se encontra em todos os lagos do

Brazil; no Amazonas conhecem-se diferentes espécies, sendo a de folhas menores chamada pelos indígenas mururé miri; e a de folhas maiores mururé assú. Miri, quer dizer pequeno; assú, guaçu, açú, significa grande.

A *Victoria regia*, de Lindl., cultivada hoje com mais especialidade nos aquários da Belgica e da Allemanha, é também chamada pelos indios mururé açú e iapúna caá (iapúna, forno; caá, folha); pela semelhança das folhas com os fornos em que as indias fazem a farinha de mandioca. Mas que diferença entre as modestas plantas que vegetam nos tanques, expressamente feitos para ellas nos jardins da Europa, e as que se criam nos lagos da America do sul! Aqui, attingem na sua maior grandeza o diametro de 50 a 70 centimetros; lá, formam circulos perfeitos de mais de 2 metros de diametro! No Surubit vi-as cobrindo por espaço de alguns kilometros a superficie do lago, com as suas enormes folhas articulares, arrodeladas, espinhosas, arroxadas pela parte inferior, levemente rosadas nas bordas e verdes por cima. Da haste curta e vertical, d'onde brotam as folhas, nasce também a bellissima flor, que do brancoaveludado vai passando por todas as cambiantes da rosa até á cor mais escura da

purpura, tomando ao centro o tom amarelado leitoso.

Agassiz, que a encontrou no lago Maximo, ao pé de Villa-Bella, diz — «que por mais maravilhosa que ella pareça, quando se admira nos lagos artificiaes, onde faz mais effeito por causa do seu isolamento, nos logares que lhe são proprios tem outro encanto maior: o da harmonia com tudo o que a rodeia, com a massa compacta da floresta, com as palmeiras e as parasitas, as aves de resplandecente plumagem e os insectos de cores scintillantes e maravilhosas; com os peixes mesmo, que occultos nas aguas, por baixo d'ella, não tem matizes menos ricos e variados do que os do mundo vivente do ar» —.

— «Havia no lago — continua o referido viajante — outra planta do mesmo genero em pleno desenvolvimento. Era quasi anã a par da *Victoria*, mas parecia gigante entre os nossos lyrios de agua. A folha media mais de 1 pé de diametro (33 centimetros) e era levemente festoada nas bordas; não tinha flores abertas, porém os botões assemelhavam-se aos do nosso nenuphar branco e não eram maiores.; o paciolo e as nervuras, ao contrario das da *Victoria*, eram acôrde lisas e sem espinhas.» — (*Voyage au Brésil.*)

É este o verdadeiro mururé, que o moço portuguez offerece a Mathilde. Ha diversas especies, como já se disse, differençando-se umas das outras apenas pela côr das flores: brancas, amarellas, rosadas ou purpureas.

Diz-se que os lagos de Alemquer e os das proximidades de Santarem são os mais ricos e abundantes d'estas plantas. O citado viajante diz, mais adiante:

— «Depois de ter navegado algum tempo n'esses almargeaes (defronte de Santarem), penetrámos nas lagoas, onde a *Victoria regia* se ostentava em todo o seu esplendor. Os specimens que ali vimos eram muito mais bellos do que os do lago Maximo. Uma folha, que medimos, tinha 1 metro e 70 de diametro (5 pés e meio), outra 1 metro e 60 e a borda chegava a 3 pollegadas e meia de altura. Muitas folhas partiam do mesmo tronco e o seu conjuncto era de um effeito admiravel, pelo contraste que faziam as meias tintas das bordas rosadas com o verde vivissimo da superficie interior.» —

Lembro-me perfeitamente de ter uma vez por curiosidade medido uma folha do mururé gigante de Surubiú, que tinha mais de 11 palmos (2 metros e 42).

Folhas e flores vivem indolentemente balouçadas pelas aguas d'aquelle formoso lago, occupando uma grande extensão da sua su-

perfície; e não é raro ver o jacaré boiar entre ellas e esperar o peixe que anda á ba-bugem com uma d'essas esplendidas um-bellas enfiada no pescoço, grave, tranquillo, vaidoso talvez com o magnifico enfeite!

XXVI

O jacaré nos lagos, a onça nos bosques e o jaguar nas campinas podem cortar largo e estragar á vontade...

Pag. 23, lin. 10

O coronel, aconselhando o portuguez para que se acautele com os bichos do seu paiz, falla com certo desvanecimento da grandeza e ferocidade d'elles. Desculpem-n'o os que sabem amar a terra em que nasceram. Antes esse patriotismo exagerado do que o cynico desapago e fria indiferença de tantos, que eu conheço por cá e por lá!...

O jacaré, quando ferido, é como a maioria dos animaes ferozes, e até como alguns homens; sobretudo, se a ferida não for logo mortal. Nos logares baixos é sempre mais perigoso, principalmente se tem ovos n'al-guma praia vizinha. Nos sitios profundos é menos de temer, porque o elemento liquido não lhe offerece a resistencia sufficiente para manobrar. No Brazil ha diferentes especies de jacarés. (Veja notas do *Odio de Raça*.)

A onça (*Felis onça*) e o jaguar (*Felis major*), que se chamam em tupi jaguára, ja-

guáreté, jaguáreté pixuna, jaguára pinima, jaguára sororóca, jaguára suasuarana, segundo as suas côres e tamanhos, são onças e tigres do Brazil. A natureza foi assás prodiga com o luxo de animaes que semeiou nas florestas d'aquelle paiz! Pareceu-lhe que fariam falta á opulencia da vegetação, e, não contente com o numero das especies, enriqueceu estas com muitas variedades. Nos logares onde se passa a acção do *Cedro Vermelho*, não havia menos de cinco qualidades de onças! Isto justifica até certo ponto a vangloria do coronel Duarte. Eram: a suaguarana ou suasuarana (*Felis concolor*), que tem o pello vermelho; a pacova sororóca (*Felis pardalis*), mesclada de branco e pardo; a maracajá (*Felis tigrina*), mosqueada de preto, branco e pardo; a tapirahiauára (*Felis onça*), cinzenta; o jaguareté pixuna (*Felis nigra*), azevichada.

D'esta ultima, que é um bello tigre, diz Gabriel Soares de Sousa, no *Tratado Descritivo do Brazil*:

— «Tem para si os Portuguezes que jaguareté é onça, e outros dizem que é tigre; cuja grandura é como um bozerro de seis mezes; fallo dos machos, porque as fêmeas são maiores. A maior parte d'estas alima-rias são ruivas, cheias de pintas preta; se algumas fêmeas são todas pretas; e todos

tem o cabello nedio, e o rosto a modo de cão, e as mãos e unhas muito grandes, o rabo comprido; e o cabello n'elle como nas ancas. Tem presas nos dentes como libréo, os olhos como gato, que lhe luzem de noite tanto que se conhecem por isso a meia legua; tem os braços e pernas muito grossos; parem as femeas uma e duas creanças; se lhes matam algum filho andam tão bravas que dão nas roças dos indios, onde matam todos quantos podem alcançar; comem a caça que matam, para o que são mui ligeiras, e tanto que lhes não escapa nenhuma alimaria grande por pés; e saltam por cima a-pique altura de 10, 12 palmos; e trepam pelas arvores após os indios, quando o tronco é grosso; salteam o gentio de noite pelos caminhos, onde os matam e comem; e quando andam esfaimadas entram-lhe nas casas das roças, se lhes não sentem fogo, ao que tem grande medo. E na vizinhança das povoações dos Portuguezes fazem muito damno nas vaccas, e como se começam a encarniçar n'ellas destroem um curral; e tem tanta força que com uma unhada que dão em uma vacca lhe derrubam a anca no chão.

«Armam os indios a estas alimaria sem mondéos, que é uma tapagem de páo a-pique, muito alta e forte, com uma só porta; onde lhe armam com uma arvore alta e

grande levantada do chão, onde lhe poem um cachorro ou outra alimaria presa; e inde para a tomar cabe esta arvore que está deitada sobre esta alimaria, onde dá grandes bramidos; ao que os indios acodem e a matam ás flexadas; e comem-lhe a carne, que é muito dura, e não tem nenhum sebo.» — (Veja tambem notas do *Odio de Raça*.)

XXVII

Peixes de mil qualidades

Pag. 24, lin. 4

Para se julgar se o coronel exagerava, leiam-se os seguintes periodos, que traduzo de uma carta, escripta do Pará em 23 de fevereiro de 1866, pelo professor Agassiz, a Sua Magestade o Imperador:

— « Não insistirei sobre a prodigiosa variedade de especies de peixes d'este valle¹, apesar de me ser ainda difficil familiarisar-me com a idéa de que o Amazonas alimenta quasi duas vezes mais especies que o Mediterraneo, e numero ainda mais consideravel do que o Oceano Atlantico de um a outro polo.

.....
« Cálculo, contudo, que o numero total das especies que actualmente possuo, excede a

¹ O do Amazonas.

mil e oitocentas, e chegará talvez a duas mil. — (*Voyage au Brésil.*)

XXVIII

Ha tanto-anda amar uma rede

Pag. 27, lin. 5

Ha trinta annos o uso dos colchões era ainda mais desconhecido no Amazonas do que entre os kalmukos, onde Alexandre Dumas conseguiu obter um, auxiliado por dois generaes russos e por todas as auctoridades de Astrakan. O calor e os costumes tinham estabelecido que nacionaes e estrangeiros dormissem em redes; mas se alguem preferia deitar-se no chão, ninguem se oppunha.

Consta-me que agora vaê tudo mudando. A temperatura do clima é sempre a mesma; porém, como está succedendo por toda a parte, os usos pittorescos de paiz desapparecem diante da prosa das commodidades materiaes. Os leitos luxuosos, os colchões de molas, de sumatúma, de permas, de lã e de clina espalham-se pelas mais sertanejas provincias do Brasil com uma profusão que atterra os proprios indios, com a idéa de se verem dentro em pouco tempo condemnados a dormirem em camas á franceza. As redes proscriptas refugiam-se... em Portugal. Eu, só á minha parte, possuo tres! e espere não ficar aqui.

Nada mais commodo e mais simples para dormir do que uma boa rede! A maior parte da gente nem sequer usa de almofada, lençol, nem coberta. Deita-se meio atravessada; dobra uma das bordas sobre si, e adormece com o deleite que deve experimentar a borboleta quando voa.

Bastava para torna-la superior ás camas, a circumstancia de se poder levar ás costas para toda a parte; de não dar outro trabalho senão atar-se de um para outro esteio, em casa; de uma para outra arvore, na floresta; e de um para outro mastro, na canôa! Não ha que mexer ou bater colchão, que fazer cama todos os dias, nem mesmo se precisa varrer a casa! Pendura-se a gente a 1 metro distante do chão, e as pulgas que se regalem, apanhando dores no cachaço, a olhar para cima!...

E não se julgue que não póde haver tambem luxo e ostentação nas redes. Se as mais inferiores, de maqueira e de algodão ordinario, custam de 2\$000 ou 3\$000 até 10\$000 ou 12\$000 réis, em moeda brasileira, as de algodão fino, de maqueira ou mirity, e de tocum, enfeitadas com varandas de rendas, podem custar de 12\$000 até 50\$000 réis; e tecidas com pennas finas, d'essa quantia até para cima de 200\$000 réis.

Os ricos fazem-se embalar pelas suas es-

cravas mais formosas; os pobres, que não podem conceder-se tão espantoso sybaritismo, deitam uma perna de fóra e, apoiando o pé no chão ou na parede proxima, imprimem o movimento á rede até que os aperte o somno; os artistas, como eu era, para não desaccommodarem pé nem perna, atam previamente uma corda a qualquer esteio ou arvore fronteira, deitam-se e puxando por ella balouçam-se até adormecer. Recommendo este ultimo processo a quem não tiver meios para usar do primeiro, que é o mais delicado.

No tempo em que não havia carruagens no Pará (ainda em 1846), era do seguinte modo que as senhoras iam fazer as suas visitas:

Atava-se a rede n'um pau, pintado de floreados caprichosos, que dois pretos levavam ás costas; sentava-se dentro d'ella a senhora e cobria-se com uma elegante colcha, que, estendida por cima do pau, caía para os lados, occultando quem ia dentro. Este originalissimo vehiculo tinha seus inconvenientes; os conductores tropeçavam ás vezes, por acaso ou por effeito da carga de cachaça que levavam, alem das sinhásinhas; do tropeçar ao cair, nem sequer dista um passo... carregadores e carregadas, embrulhavam-se e rolavam uns por cima dos outros; amar-

rotavam-se as sedas, as carnes mimosas das damas, e, mais tarde, em casa, as costas dos pretos com bons açoites.

Para prevenir, quanto possível, estes accidentes, adoptára-se o uso de ir andando ao lado da rede uma escrava das senhoras, elegantemente vestida, mas descalça, levando em uma das mãos o lenço, de finissima cambraia, e segurando com a outra a borda da rede.

Havia tambem ostentação n'estes usos, porque algumas senhoras, mais meticulosas da sua aristocracia, levavam duas, tres e quatro escravas por cortejo.

A rede tinha ainda um outro destino, porém mais triste: era o caixão, o esquife e a mortalha dos infelizes. Quem via passar dois homens, levando-a pendurada n'um pau sem ornatos, e amarrada pelos dois punhos em forma de sacco, se era christão, rezava um Padre Nosso por alma do pobre escravo fallecido; se era philosopho, sorria-se; e se não era christão nem philosopho, encolhia os hombros, como quem passa diante de um onigma indecifrável.

XXIX

Obrigaram-me a trazer duzentos pretos

Pag. 29, lin. 21

Aos que acharem absurdo o meio por que o joven guarda marinha foi ter ao Brazil, peço que leiam as paginas 46 e 47 do tomo III das *Scènes de la Vie Maritime*, por A. Jal. Ahi se refere como o governo francez contratou com os donos de um navio do Havre a passagem de M. d'Hautefort, nomeado vice-consul para Bolivia. Logo que o navio se fez ao largo, dirigiu-se para a costa de Africa, zombando o negreiro que o commandava dos protestos do agente consular! Este infeliz, obrigado a desembarcar no local onde se recebiam os pretos, ahi adoeceu gravemente, ignorando-se se morreu d'essa doença, ou se foi acabar na Serra Leão, entre os negreiros apresados! Esta aventura, diz o sr. Jal, seria muito comica se não fosse duplamente atroz.

Tudo era possivel com os negreiros! Felizmente, a escravidão terminou de direito no Brazil; e esses factos odiosos, que durante seculos envergonharam a humanidade, nunca jamais se verão n'aquelle paiz destinado a um glorioso futuro. Honra ao grande principe, que não receiou tornar-se impopular, affrontando pela primeira e unica vez da sua vida a maioria da opinião publica, e

luctando durante annos sósinho, contra paixões ateadas por interesses immensos, para abolir a escravidão na sua patria! Os escravos que elle fez homens, por sua vez o tornaram immortal no espaço e no tempo; e as almas, que lhes deu com a liberdade, pesarão a seu favor na balança da justiça divina.

XXX

Villa de Alemquer ou do Surubiú... desconhecida no mappa

Pag. 30, lin. 4

Creio que se entenderá como gracejo o dito de ser Alemquer desconhecida no mappa; mas se alguém julgar o contrario, que lhe faça muito bom proveito.

Já n'aquelle tempo tinha a villa de Alemquer mais de mil e duzentos vizinhos e perto de quinhentos escravos.

Baena descreve-a assim no *Ensaio Chorographico sobre o Pará*:

— «*Alemquer*. Villa fundada em 1758 e situada sobre terra plana na margem oriental do lago Surubiú mui semelhante ao de Gurupatúba: o Amazonas lhe mette um braço, e por outro recolhe as aguas, que descem das serras á planicie. N'este lago ha bastantes ilhas e muito peixe: a sua entrada geral defronta com o sitio de Paricatiba, na margem direita do Amazonas, 8 leguas distante de Santarem.

«O lago Surubiú communica-se com o rio Curuámanema, que despeja no Amazonas 2 leguas abaixo da villa de Obidos, e com outro rio, que tambem diffunde as suas aguas no Amazonas, quasi defronte da foz do Tapajós ¹. Estas communicações são por canaes, que a natureza abriu. Quando este lago está de vasio apresenta uma amplidão coberta de herva rasteira, que parece uma alcatifa verde e bella.

«A população consta de mil duzentos e oito vizinhos de ambos os sexos, e de quatrocentos e quarenta escravos.

¹ Aqui parece-me haver erro grave. O Tapajós deságua no Amazonas ao pé de Santarem; e o furo ou rio de Alemquer fica na margem direita, subindo, algumas leguas acima d'aquelle ponto.

Para que um canal viesse do lago Surubiú desaguar quasi defronte da foz do Tapajós, teria de atravessar o rio de Alemquer! Para se dar o que diz Baena era necessario que o lago ficasse na parte occidental de Alemquer, isto é, na ilha formada pelo Amazonas e pelo braço d'este, que passa defronte da villa e recebe ali as aguas do lago em cuja margem ella está edificada. Julgo, mas não affirmo, que o auctor do *Ensaio Chorographico* se quiz referir a um canal que communica com o proprio rio de Alemquer, logo abaixo da sua entrada superior. O certo é que este existe, e não percebo como possa tambem existir aquelle. Infelizmente não é este o unico erro hydrographico a notar n'aquella obra, aliás estimada!

«Foi antigamente aldeia de Surubiú: e então missionada pelos capuchos da Provincia da Piedade.

«A igreja é dedicada a Santo Antonio e telhada: todas as casas dos moradores, a cadeia e a casa da camara, são cobertas de folhagem, dispostas com regularidade, e asseadas, em tres ruas.»—

No tempo em que Baena escrevia ainda as casas eram todas cobertas de palha, bem como os edificios publicos. Tres ou quatro annos depois estabeleceu-se um forno de telha na entrada superior do rio de Alemquer e começaram a cobrir-se com ella as principaes habitações. Hoje creio que já as de folhagem serão muito menos numerosas do que aquellas.

Conservo d'essa encantadora villazinha gratas e acerbos recordações. Vivi n'ella dois annos e lá me ficaram amigos excellentes, dos quaes ainda vivem alguns. Foi ali que passei muitas das mais amargas horas da minha atribulada existencia de creança. N'aquelle tempo eram demoradas e raras as communicações com a cidade do Pará; dois portuguezes, de quem eu era caixeiro, aproveitavam-se d'essa circumstancia para me condemnarem a trabalhos brutos e muito superiores ás minhas forças. Todavia, não me faltaram consolações; e confesso, com

saudade e reconhecimento, que as mais suaves me vieram de corações brasileiros. O coronel Duarte, commandante militar da villa, que figura na minha peça, não foi inventado. Existia o excellente homem; e posso asseverar que era muito melhor no original do que me saiu na copia. Mas não se julgue, á vista d'esta confissão, que eu me quiz tambem retratar no papel do guarda marinha portuguez. Nem se tratava de mim, nem o bom velho tinha nenhuma sobrinha para me offerecer. E a prova é que vim sem ella!... Não nego que Duarte possuia em alto grau a bossa casamenteira, e me met-teu á cara a filha de um certo Ferragem, com quem eu tinha tido relações no Xingú; porém, ou porque me faltasse o estimulante de um rival gentio ou porque a joven creou-la não quizesse tomar a iniciativa de pedir a minha mão, o certo é que me deixaram vir embora. Mas que saudades, da terra e da gente! Meus passeios melancolicos ao lago Curunú, através da floresta; minhas poeticas divagações, ao cair da tarde, pelas margens do Surubiú, cobertas em partes de assucenas bravas e de baunilha; minhas noites de esplendido luar, nos lagos... e meus quinze annos!... quem vos vira outra vez, com todos os vossos encantos!...

Foi em Alenquer que eu tive a primeira

revelação da poesia, invocando a musa saudosa da patria; lá se abriu minha alma aos sonhos do porvir e da esperança; ali nasceram as aspirações que fizeram da creança um homem! Toda a gente da terra me conhecia, e, desculpe-se a immodestia, todos me testemunhavam afeição. Fosse porque a minha idade e a minha situação inspirassem sympathia ou porque os filhos de Alemquer sejam naturalmente dotados de corações generosos, o certo é que todos me acolhiam com terna affabilidade.

Se estas linhas chegarem á vista de alguma das pessoas que n'esse tempo conheci, e que porventura se lembre ainda do joven desterrado de ha trinta annos, acceite-as como demonstração de que nem a distancia, nem a idade, nem as doenças apagarão jamais da minha memoria estas suaves recordações...

Leitor amigo e benevolo: se és velho, e se já te viste longe da patria, em tempos que o coração te trasbordava de saudade e de poesia, has de perdoar-me por eu ter insensivelmente trazido para este logar um fragmento da minha existencia; se és moço, e ainda não soffreste, sê indulgente com o viajante, que naufragou muitas vezes nos mares do infortunio; e que perto já da terra amiga, onde termina a ultima viagem, se

compraz ainda olhando para esse oceano da vida, em que se lhe afundou tanta esperança e onde vê sobrenadar as memorias mais queridas da sua alma; e se és tolo, e não comprehendes a rasão por que o homem gosta de rememorar o seu passado, Deus se compadeça de ti e de mim, que estou escrevendo para tu leres.

XXXI

Cabouco

Pag. 31, lin. 6

Quasi toda a gente do Amazonas e muitas pessoas do Pará dizem, por corrupção, cabouco em vez de cabocúlo, que significa pellado, calvo. Que admira pois que o preto siga o uso commum, se elle até confunde o gentio com os tapuios, que são os indios domesticos, qualquer que seja a nação a que pertençam?! Convem advertir que a designação de caboculo se applica hoje quasi exclusivamente aos tapuios.

XXXII

Paneiro de guarumá

Pag. 32, lin. 8

Os pretos não são tão habeis como os indios para fazer paneiros; comtudo, attendendo a que o pae João já não é moço, que tem vivido muitos annos no sertão, e que

por isso tem tido tempo de adestrar-se, tolleremos-lhe a vaidade. (Veja notas do *Odio de Raça*.)

Guarumá, uarumá e areumá, é a *Moranta arouma*, de Aubl. Ha diferentes especies; algumas cultivam-se nos jardins da Europa. O guarumá membeka, (membeka quer dizer molle, fraco) é o que dá maiores folhas, que as indias empregam em varios usos e principalmente para empaneirar farinha, cobrir as bôças dos potes, etc.

Do caule da especie mais dura, depois de rachado em talas, fazem paneiros, chapéus, urupemas, aturás, peneiras, tipitis e tapés. Chamam urupemas a umas retulas, que a gente pobre põe nas portas e janellas; aturás são cestos conicos, com pés de madeira, que servem para transportar a mandioca das roças; tipitis, especie de tubos elasticos (tambem se fazem da jacitara, *Desmonchus*), com uma alça de cada lado, que se enchem de mandioca ralada e pendurando-os por uma das pontas, enfia-se-lhes um pau na alça debaixo e entalando uma das extremidades n'um buraco, senta-se a pessoa que opera na outra e assim se extrahе perfeitamente o liquido contido na massa. Tapés ou tupés são esteiras grossas, em que seccam o cacau, a mandioca, o café e todos os outros generos que precisam de sol.

XXXIII

Os brancos venceram

Pag. 33, lin. 1

Refere-se a uma revolução espantosa, que pouco antes houvera na provincia e se denominou dos cabanos. Esta designação fôra primeiro dada no paiz aos mais exaltados partidarios da sua independencia; depois estendeu-se a todos os individuos, que manifestavam em politica opiniões exageradas; e por fim applicou-se exclusivamente aos revoltosos do Pará, em 1835. (Veja notas do *Odio de Raça*.)

XXXIV

Quando o mutúm cantar

Pag. 33, lin. 5

Um escriptor portuguez, dos que mais fielmente trataram das cousas do Brazil, descreve assim o mutúm:

— « Motúm são umas aves pretas nas costas, azas e barriga branca; são do tamanho dos gallipavos, tem as pernas compridas e pretas, e sobre a cabeça umas penas levantadas como pavão, e voam pouco e baixo, correm muito pelo chão, onde os matam a flechadas e os tomam a coço com cães. Criam no chão, os seus ovos são tamanhos como de pata, muito alvos, e tão crespos da casca como confeitos, e a clara d'elles é como manteiga de porco derretida, a

qual enfastia muito. Tem estas aves o bico preto como de corvo, e tocado ao redor de vermelho, á maneira de crista; a carne d'estas aves é muito boa, pontualmente como a de gallipavos, e tem no peito muitas mais titel-las.» — (*Tratado Descriptivo do Brazil*. — Gabriel Soares de Sousa).

Alem d'esta especie, que julgo ser o *Crax rubrirostris*, de Spix, ha no Amazonas o mutúm-pinima, *Crax discors*, e o mutúmpiri, *Crax tuberosa*. O mutúm-pinima é o mais pequeno de todos.

Estas aves costumam cantar de noite; e dizem os naturacs, que ellas sabem medir o tempo com tanta exactidão que só cantam de duas em duas horas!

XXXV

Cabeceiras do lago

Pag. 33, lin. 9

Chamam-se cabeceiras dos rios ou dos lagos as fontes onde elles nascem.

XXXVI

Jurupari!

Pag. 33, lin. 16

É uma exclamação como se dissesse: diabo! que é a significação da palavra em tupi. (Veja notas do *Odio de Raça*.)

XXXVII

O meu nome é Joaquim

Pag. 34, lin. 10

Este Braz, que tão imperturbavelmente affirma ter o nome de Joaquim, tambem não foi inventado. N'uma viagem que eu fiz ao Alto Amazonas contratei para o serviço da casa Carmello & Barros, onde me achava empregado, um indio, que dizia chamar-se Lourenço Justiniano. Já me não lembro a que tribu elle pertencia, mas recordo-me que tinha as feições regulares, muita intelligencia, e, ao contrario de quasi todos os tapuios, era bastante fallador. Com a civilisação adquirira gosto pela roupa branca e conseguira prover-se de boa porção d'ella, que mudava a miude e trazia sempre bem engommada e rescendente. O seu apuro dava na vista, sobre tudo porque elle juntava ao luxo do fato uma singular phantasia: apesar de nunca andar calçado, todas as suas calças tinham presilhas nos pés! Esta circumstancia pareceu-me tão original, que attrahiu desde logo a minha curiosidade; indaguei se tambem usava suspensorios e respondeu-me que se julgaria incompleto sem elles!

Um filho das selvas; creado na liberdade de todos os movimentos, costumado a saltar como os tigres da sua terra, a subir

como as serpentes, a correr como os veados e a nadar como os jacarés, afivellado, como qualquer fardo, com presilhas e suspensorios! Era inaudito.

Todos os indios que eu tinha conhecido e tratado até então professavam o mais profundo, convicto e sincero horror a todas as peias disfarçadas, que lhes offerecia a civilisação. Odiavam figadalmente as gravatas; estremeciam de indignação, unicamente com a idéa de prenderem o pé n'uma bota; não acceitavam as calças senão com a condição de que seriam curtas e as poderiam tirar de vez em quando, para arejar as pernas e alegrá-las com recordações da infancia. Se alguém lhes propozesse os suspensorios ou as presilhas deixa-los-ia estupidos de admiração, e apenas lhes passasse o espanto responderiam com uma frechada.

Lourenço Justiniano era pois um enigma com a sua paixão pelas calças esticadas! Propunha-me estudar o mysterio, quando um dos socios da casa partiu para a cidade do Pará, levando-o comsigo. Mezes depois soubemos que na mesma noite da chegada, apenas o patrão desembarcou, o amator de presilhas fugira, levando-lhe a canôa com tudo quanto tinha dentro! Foi um clarão que me revelou a origem das suas calças. Provavelmente adquirira-as pelos mesmos

meios por que se achava agora de posse de uma embarcação carregada.

Passados tres annos encontrei-o, empregado como remador na canôa de meu primo Manuel Martins de Amorim, e travámos um dialogo quasi similhante ao do coronel Duarte com Braz.

— Adeus, Lourenço!

O patife encarou-me com o espanto mais ideal, que jamais soube simular o maior artista dramatico; passados momentos, voltou-se, como se procurasse á roda de si algum Lourenço invisivel a quem eu tivesse dirigido a palavra.

— É contigo que fallo.

— Ah!

— Não te chamas Lourenço Justiniano?

— Não, senhor.

— Tu não vieste commigo do Rio Negro para Alemquer?

— Nunca fui para essas bandas. Sou de Marajó.

— Mau! Eu bem sei que fugiste com a canôa do Lima Barros... ha tres annos; mas não tenhas medo, porque te não denuncio.

— O patrão Chico está brincando!... O meu nome é Joaquim e não costumo furtar canôas.

— Já não usas calças de presilhas?!

— Nunca usei d'isso.

Apesar de ter a certeza de que elle me enganava, resolvi disfarçar até poder apanha-lo de subito, em outra occasião. Mas não foi necessario esperar. Apenas voltei costas, diz elle para meu irmão Manuel, que assistira ao interrogatorio persuadido de que eu confundia Lourenço com outro:

— O patrão Chico tem bom olho! Bem se vê que viveu muito no mato.

— Porque?

— Conheceu-me logo!

— Como!? pois tu?...

— Sou Lourenço... isto é, fui Lourenço no Amazonas... e já tinha sido Raymundo em Manáos; agora, chamo-me Joaquim.

— Oh! mariola! então porque não confessaste a meu irmão?...

— O patrão Chico sabe que a canôa do Lima Barros fugiu commigo, levada pela corrente...

— Elle não diz nada a ninguem.

— Hum!... pelo seguro, não confesso.

— A final, como te chamas tu? mas, a valer; qual é o teu verdadeiro nome?

— Não sei; o padre já me baptisou ha tanto tempo!...

— E tu tens mudado de nome tantas vezes!...

— Ora... patrão Manduca, não diz a teu mano Chico.

Quando eu voltei, Manuel referiu-me tudo.

O tapuio estava n'essa occasião arrumando uma porção de borracha no armazem. Approximei-me de vagar, e, sem que elle me visse, chamei-o a meia voz:

— Lourenço?

O tratante continuou impassivel, como se não me tivesse ouvido.

— Lourenço?

Poz-se a assobiar desaffectedadamente.

— Oh! patife?! Estás zombando commigo?! Meu mano já me contou que convieste em que és o mesmo; podes portanto responder pelo nome de Lourenço, que é mais bonito do que o de Joaquim.

— Joaquim é que eu me chamo, patrão.

— Pois não disseste a meu irmão?...

— Foi para brincar; eu nunca fui ao sertão.

Teimámos inutilmente com elle; não quiz concordar e dois dias depois desapareceu, levando-me um chapéu de sol para se cobrir... na floresta!

Decididamente era o unico tapuio que tinha creado verdadeiro amor aos productos da civilização!

É vulgar entre os indios domesticos este modo de proceder. Estão hoje n'uma canção, e devem ao patrão 200/000 ou 300/000 réis; amanhã, fogem, levando o que podem

ou não levando cousa alguma, e vão servir a primeira pessoa que lhes offerece trabalho n'outra localidade. Se, passado um anno, um mez, ou mesmo alguns dias, encontram o antigo patrão, e este lhes pede que paguem o que ficaram devendo, respondem, que nunca o serviram, que nem o conhecem, e argumentam com o nome differente que teem!

Vi repetirem-se estes factos por differentes vezes, e empregarem-se os mais engenhosos meios para confundir os que negavam o antigo nome; porém, nunca nenhum se deixava descaír! Resistiam a todas as provas, impassiveis e inabalaveis como rochedos, simulando a admiração mais candida e a estupefacção mais inimitavel!

Uma das causas que contribue para representarem tão admiravelmente o seu papel, provém-lhes do temperamento. A fleugma de que os dotou a natureza, dá-lhes tempo de reflectirem antes de responder.

Como já disse, nem todos costumam roubar os patrões quando fogem. A excepção dos que pertencem a tribus costumadas a viver de rapina, os outros exercem o roubo apenas como um direito de represalia contra os brancos, que os exploram sem dó nem consciencia. Um pobre indio justase para remador de qualquer canôa de commercio, ou para ir por conta do patrão pro-

curar e extrahir drogas ás florestas. Umas vezes combina-se n'um salario certo; outras, contrata-se a tanto por cada arroba de borracha, de cravo, salsa, ou por cada pote de cupahiba, de azeite, etc. A obrigação do amo é fornecer farinha, sal, nem sempre peixe secco, e os instrumentos apropriados para o trabalho de que se trata. No livro do branco abre-se uma conta corrente com o indio, que não sabe ler; raro se inscrevem ahi as condições do ajuste; mas sentam-se com uma minuciosidade implacavel todos os artigos vendidos ao tapuio, que nem sempre ousa perguntar os preços, mas que se lh'os dizem não os conserva de memoria até o fechar da conta. Esses preços, na maioria dos casos, representam abusos indignos¹. Agulhas, linhas, tesouras, dedaes, panno de algodão para calças, chita para camisas, tabaco, sabão, e raras vezes uma pouca de aguardente, taes são os principaes objectos que os indios consomem. Não é preciso pertencer ao commercio para avaliar, approximadamente, quanto póde gastar por anno um d'estes homens, vivendo em clima quente, lavando por suas mãos a

¹ O auctor, que teve occasião de ser tratado como os tapuios, falla com conhecimento de causa até 1845; d'ahi por diante declara-se ignorante e incompetente no assumpto.

pouquissima roupa que possui, caçando e pescando para alimentar-se e contentando-se muitas vezes com uma pouca de farinha, molhada em agua do rio. Pois bem: no fim do primeiro anno deve cada um mais de 100\$000 réis; 200\$000 réis no fim do segundo; e, se a cifra não augmenta ao terceiro ou quarto, não diminue tambem, quaesquer que tenham sido os fructos do seu trabalho! É claro que nem todos os patrões são abutres; mas ha muitos assim; e n'este estado, em que o pobre tapuio se parece perfeitamente com alguns paizes, só lhe resta um meio de poder sair da situação: é fugir e mudar de nome para saldar as suas contas. Este systema, que sempre lhe dá bons resultados, tambem já não é novo entre os povos civilizados, onde tem sido usado vantajosamente por ministerios, que não puderam pagar as suas dividas; mas não posso dizer se quem o inventou foram os indies ou os ministros.

As causas da insolvencia dos tapuios são porém mui diversas da que motiva a das nações. Estas, fazem banca-rotta por gastarem mais do que teem; e aquelles, porque, abusando-se covardemente da sua posição, se lhes vende tudo por mais do dobro, pagando-se-lhes os seus serviços por muito menos do que equitativamente mere-

cem. Que admira pois se dos abusos a que me refiro resulta naturalmente que todo o indio, quando foge, se apodere do que póde levar, movido por um sentimento de vingança?...

Se porventura estas linhas forem ás mãos de algum estadista brasileiro, peço-lhe que preste alguns momentos de attenção ao assumpto das contas dos tapuios com os brancos, porque vale a pena. É provavel que d'ahi não resulte nenhum beneficio para o thesouro publico; mas a humanidade, a moral e a justiça, ganharão com o exame de contratos que teem sido regulados geralmente pela avidez do ganho e a exploração do homem pelo homem. (Veja as notas do *Odio de Raça*.)

XXXVIII

Arpocr pirarecú

Pag. 85, lin. 3

Pirarecú ou pirarucú é palavra tupi, composta de pirá, peixe, e urucú, tinta vermelha; porque o peixe a que se refere o nome (*Sudis gigas* ou *Vastres*, Cuv.) é d'essa cor. Os lagos e rios do Pará e do Amazonas são abundantissimos de pirarecú; mata-se com arpão e seca-se ao sol como o bacalhã, que elle substitue, mas não é tão saboroso. A sua lingua é um talador excellente.

XXXIX

Tu não és mura?

Pag. 36, lin. 9

Os muras habitam nos rios Solimões, Amazonas e Madeira. São geralmente considerados como os mais dissimulados e infieis de entre todas as tribus, e chamam-lhes indios de corso, porque frequentemente costumavam assaltar e roubar as canôas de commercio. Comtudo, domesticam-se facilmente; e se no estado de barbarie são os peiores, depois de civilisados são também os mais trabalhadores e teem aptidão para todo o genero de industrias.

XL

Nasci no Tapajós e meu pae é mundurucú

Pag. 36, lin. 11

— «O rio Tapajós com o Juruena, que o constitue, tem as suas cabeceiras nas serras dos Parecis ao occidente das do rio Guaporé situadas no terreno mais excelso do Brazil.» — (Baena, *Ensaio Chorographico.*) Desagôa no Amazonas defronte de Santarem. (Veja notas do *Odio de Raça.*)

Os mundurucús ou mundrucús habitam nos rios Tapajós, Tupinambarana, Urariá e outros. Pertencem a uma das tribus mais aguerridas e industriasas do Brazil, e consta-me que ultimamente se teem familiarisa-

do bastante com os brancos. Já no tempo em que eu communiquei com esses índios os achei mais tratáveis e menos rudes do que alguns dos seus vizinhos; affirmava-se porém que apesar de terem perdido muito da primitiva ferocidade, ainda se deliciavam com uma costelleta do proximo, sem prestarem grande attenção á circumstancia de ser assada ou cozida.

XLI

Acampamento de Icuipiranga...

Pag. 88, lin. 3

Os assassinos expulsos do Pará em maio de 1836 (veja a nota XLVII do *Odio de Raça*) subiram o Amazonas e foram estabelecer-se na margem direita d'este rio, acima da bôca do Tapajós, n'um lugar chamado Icuipiranga. Considerando este ponto inexpugnável, n'elle se fortificaram, indo em seguida tomar posse das duas comarcas do Amazonas, que se lhe entregaram vergonhosamente. A villa (hoje cidade) de Manáos, que por si só teria podido aniquilar todos aquelles piratas, consentiu que uns poucos d'elles, capitaneados por um preto, se apossassem do trem de guerra sem resistencia! Senhores do ponto, que é como a chave do Rio Negro e do Solimões, os cabanos estenderam até ás fronteiras de Tabatinga as suas ex-

curações, fugindo o commandante do forte d'este ultimo logar para o Loreto, na república do Equador¹!

Porém os rebeldes eram pouquissimos para poderem sustentar por muito tempo a posse de tão extenso territorio; dominavam apenas onde chegavam, perdendo novamente com a retirada tudo que tinham ganho. Em 31 de agosto de 1836 conseguiu-se expulsa-los de Manáos; e, em seguida, foram pouco a pouco batidos nas principaes povoações da comarca do Amazonas. Um homem por nome Ambrosio Ayres, que estava cumprindo degredo em Bararóá, achando azada a occasião para tentar fortuna, organisou uma guerrilha, da qual tomou o commando, e descendo o Rio Negro, derrotou os cabanos em Maués e no seu proprio acampamento de Icuipiranga. Vaidoso com os triumphos que obteve, começou a exercer sobre a provincia uma tyrannia e pressão iguaes ás que exerciam os vencidos, opprimindo e roubando os povos como os outros tinham feito!

Apesar d'isso, Ambrosio Ayres, que tinha tomado o appellido de Bararóá, foi confirmado no commando militar da provincia,

¹ *Diccionario Topographico, Historico e Descriptivo da Comarca do Alto Amazonas*, por Lourenço da Silva Araujo e Amazonas.

pelo governo do Pará, ficando assim com uma posição legal, que lhe permittia abusar mais desaffrontadamente do poder. As suas extorsões e violencias obrigaram a emigrar muitas das principaes pessoas das villas e aldeias, e tornaram por fim necessaria uma expedição militar ao Amazonas, com o fim de pacificar inteiramente a provincia e restabelecer n'ella auctoridades mais liberaes. Mas essa expedição, que se compunha de oito navios, não chegou a Santarem senão no meio do anno de 1837, quando os restos dispersos do bando de Icuipiranga se tinham refugiado nas cabeceiras do rio Maués. Bararoá foi segunda vez confirmado no commando militar; e insinuou-se, que o commandante da expedição naval apoiava indirectamente os rebeldes, em vez de os destruir, a fim de tirar para si maiores lucros d'aquella commissão¹. Verdade ou não, é certo que, apesar de terem os habitantes do Amazonas destruido o posto de Icuipiranga, antes que chegasse a expedição, para tirarem a esta o pretexto de se demorar na provincia, só em 1840 se conseguiu, por meio de uma amnistia, restabelecer a paz e fazer com que os cabanos depozessem as armas! Bararoá fôra assassinado barbaramente por

¹ Obra citada.

elles, assim como outros muitos militares que os perseguiam; e as auctoridades legaes não tiveram força para os destruir ou aprisionar! O decreto da amnistia é datado de 4 de novembro de 1839; mas só a 28 de março de 1840 foram 800 homens depôr as armas, na villa de Luséa, e em seguida os outros bandos, nas differentes povoações que ficavam proximas dos rios ou matos em que elles estavam na occasião de se lhes annunciar a promulgação do decreto! Não escrevo a historia dos acontecimentos d'aquelle horrivel quinquennio no Pará e Amazonas; faço apenas um rapido bosquejo, para tornar mais intelligiveis algumas palavras do meu drama. Terminarei pois com o seguinte fragmento de uma das ordens da auctoridade legal: «... ordeno que em qualquer parte, onde cheguem taes individuos (amnistiados) sejam tratados humanamente, como fieis subditos de S. M. I. o Senhor D. Pedro II, e cidadãos no pleno gozo de todos os direitos que garante a Constituição Politica do Imperio. Aos quaes todos prohibo (quem serão estes quaes?) que se não faça lembrar despeitosamente seu anterior comportamento¹».

Se já n'esse tempo existisse a *Tribuna*,

¹ Obra citada.

do Pará, dir-se-ia que o documento era obra da sua redacção!

Advirta-se que não censuro a generosidade, clemencia ou bonhomia da auctoridade; admiro-a, visto que se tratava dos mais infames facinorosos que teem deshonrado a especie humana.

XLII

Rio Negro
Pag. 38, lin. 5

Assim como o Tapajós se lança no Amazonas em frente de Santarem, o Rio Negro opera a sua junção com elle abaixo de Manáos, capital da provincia. Da confluencia dos dois gigantes para cima toma o Amazonas o nome de Solimões. A cidade de Manáos é já dentro do Rio Negro. As aguas escuras d'este correm limpidas, serenas e tranquillias, ao passo que as do outro, de côr amarellada, descem impetuosas e violentas, sobre tudo na estação das chuvas. Os indios, para indicar bem claramente a differença que existe entre ambos, designam um pelo nome de *rio morto*, e o outro pelo de *rio vivo*.

XLIII

Santarem
Pag. 38, lin. 6

Primitivamente, aldeia do Tapajós, missionada por padres da companhia de Jesus;

villa de Santarem, em 1754; hoje, cidade do mesmo nome. Está situada na embocadura do Tapajós, sobre a margem esquerda, entrando, e não no promontorio que separa as aguas pretas d'esse rio das do Amazonas, como se lê na estimada *Viagem ao Brazil*, de M.^{me} e M. Louis Agassiz.

A cidade estende-se graciosamente n'um terreno de suave declive, que desce até á margem do rio; e dizem-me que apesar de **Manáos**, capital do Alto Amazonas, ter progredido muito nos ultimos annos, Santarem pretende rivalisar com ella nas suas edificações e excede-la no gosto e conforto d'ellas. Ha na sua igreja um Christo, pregado na cruz, de tamanho natural, que lhe foi mandado de Munich pelo illustre naturalista Martius, em desempenho da promessa que fizera se escapasse do naufragio em que esteve quasi perdendo a vida, de frente de Santarem, quando explorou o Amazonas em 1819. Apesar de mediocre, como obra de arte, essa imagem é a mais importante do templo, e o povo tem grande devoção com ella!

XLIV

... ponta do mangue
Pag. 39, lin. 17

O mangue (*Rhizophora mangle*, Linn.)
apareiba ou guaparaiba, em tupi, cresce ao

longo da costa do Pará, tanto nos terrenos alagados pelo mar como dentro dos rios, multiplicando-se com espantosa rapidez e conquistando sobre o oceano os terrenos que os grandes rios devoram n'outros logares do continente americano. Ha tambem guaparaíbas no sertão, mas não me recordo se são da mesma especie das do litoral. A madeira do mangue é vermelha e rija, e d'ella se faz carvão; a casca, que é muito aspera, emprega-se em lugar de sumagre para curtir toda a qualidade de pelles. Tambem é medicinal.

XLV

Duvidava da existencia dos gentios?!

Pag. 40, lin. 15

Existem ainda muitos milhares de gentios no interior do Brazil; mas não ha, que eu saiba, nenhum trabalho completo por onde se possa avaliar approximadamente o seu numero actual e os nomes das differentes tribus. Seria interessantissimo o estudo que abrangesse a posição geographica onde habita cada nação, a verdadeira denominação d'esta, sua origem, lingua ou dialecto, usos, costumes, tradições, idéas religiosas e tudo emfim quanto interessa á ethnographia.

Conheço alguns livros e memorias relativos aos indigenas, mas todos se occupam mais do passado do que do presente, e não

é raro contradizerem-se uns aos outros. Modernamente não ha no Brazil unanimidade de opiniões a respeito do futuro dos seus indios. Alguns escriptores consideram-n'os absolutamente incapazes para a vida civilisada; outros os julgam aptos para tudo! Estes, querem que os deixem entregues ao seu destino; aquelles, que se empregue a força, a guerra, e a escravidão para domesticar-los! Os primeiros, pretendem que sejam elles a origem da nacionalidade brasileira; os ultimos, affirmam, que nem sequer são subditos do imperador!... E ha quem leve ainda mais longe a exaggeração, propagando idéas absurdas ácerca de algumas tribus que povoam os sertões do paiz. (Veja a nota XXXIX do *Odio de Raça*.)

No tempo dos jesuitas sabia-se alguma coisa com certeza, porque elles eram primeiro que tudo homens de acção e de intelligencia. Os missionarios de hoje, com raras excepções, alem de pouquissimos, levam já ao sair de Roma o exemplo e a convicção de que o Christo que amou a pobreza não é o que se adora actualmente; por isso procedem menos como apostolos do que como mercenarios para obter meios que lhes permitam passar vida regalada quando regressam á patria. Os indios, forçados muitas vezes a trabalhar para elles, gratuitamente,

depois de baptisados e aldeiados, aproveitam todas as occasiões que se lhes offerecem de voltar para os seus bosques, preferindo a liberdade e a ignorancia, á religião que os explora. Que resultados se podem esperar de uma tal catechese? Feito o peccado, o missionario dá por concluida a missão; e as auctoridades civis e militares, se não ignoram o escandalo, fecham os olhos ou associam-se a elle, aproveitando tambem para si o serviço dos catechumenos. Não se julgue que estou inventando, pois ha peor ainda. Citarei apenas um exemplo dos mais frisantes: ha pouco tempo um funcionario militar foi á cidade do Pará, n'uma canôa tripulada por tapuios¹, industriados para representarem de selvagens, receber as ferramentas com que o governo costuma presentear os gentios que se baptisam. Note-se que o logro foi feito por um homem rico!

Passa como axioma que quando a civili-

¹ Já disse que se dá o nome de tapuio a todo o indio civilizado. Um escriptor brasileiro affirma, que 'o termo tapuya, como hoje o de tapuyo, servia para designar genericamente todo e qualquer indigena, ainda que oriundo de raça diversa'. (*Jornal de Timon*. — João Francisco Lisboa.)

Spix e Martius são de opinião que os tapuyas primitivos pertencem á raça mogol, assim como os tupys teem grandes semelhanças com alguns ramos da caucasica.

sação invade a barbarie, aniquila os que vivem n'ella; e que quando são os barbaros que invadem as sociedades extenuadas por longas civilisações, as renovam e fortalecem. Dá-se como uma das mais notaveis demonstrações a invasão da Europa na idade media. Abstenho-me de discutir o assumpto, nem o logar m'o permite; mas penso que o cruzamento das raças humanas conduz á inevitavel decadencia das especies, e que o contacto dos indios com os brancos tem sido fatal áquelles em quasi toda a America. Que importa que os cherokees, litteralmente cercados pela vaga impetuosa da civilisação, estabelecessem governo regular, creassem uma lingua e fundassem um jornal, ainda antes de terem pensado em vestir-se?! É um caso unico, succedido no paiz onde tudo é unico. Os indigenas do Brazil, como os dos Estados Unidos, caminham, segundo a opinião de varios escriptores, mais ou menos rapidamente para o seu aniquilamento. Com relação aos que communicando com a raça branca, preta, ou já mestiça, apressam, cruzando-se, a sua extincção, parece demonstrado pela experiencia; mas quaes são as causas que determinam a decadencia dos que vivem no interior das florestas ou nos rios mais remotos? Não sei; e de tudo que tenho lido como resposta a

esta interrogação, confesso que nada me satisfaz. É doloroso, porém, ouvir afirmar não só que os indios tendem a extinguir-se, mas, que, se elles não forem susceptíveis de civilisar-se, devem ser exterminados! É o voto do presidente da grande republica da America do Norte, na sua ultima mensagem ao congresso (1873) e o de um eminente escriptor brasileiro.

Criam-se instituições protectoras dos animaes; punem-se com severas penas as pessoas denunciadas por corrigir, cortando-as, as orelhas e as caudas dos cães e dos gatos; acode-se com solicitude ao boi ou cavallo, que o conductor brutal carregou de mais nas subidas; educa-se o camello, o elephante, o urso, o cavallo, o cão, o gato, o rato e a pulga; as serpentes, as pantheras, os leões e os tigres, submettidos á força da vontade e á paciencia intelligente do homem, occultam artisticamente a ferocidade nativa e coroam-se nas praças publicas das palmas do triumpho!... E será necessario exterminar os selvagens, porque se duvida de que possam domesticar-se! Oh! seculo das luzes, que pretendes ter direito á propriedade e ao capital, porque não vaes pedir a Roma que revogue a bulla em que um pontifice declarou, que os indios do Brazil eram homens?! A infallibilidade não im-

pede a revogação, porque também foi já annullado por outro o breve que amaldiçoava os toureiros e todas as pessoas que assistiam ás corridas de touros!...

Se ninguém quer ter com os indios a paciencia e humanidade que se dispensa aos irracionaes, deixem-n'os ao menos morrer em paz, com os seus usos e costumes barbaros; porque n'elles é menos de espantar a semelhança de feras, do que nos homens civilizados e christãos a crueldade, com que violentamente os despojaram do solo e agora lhes ameaçam a vida.

Pelo que diz respeito em especial aos indios do Pará e do Amazonas, posso affirmar, que, senão todos, a maior parte são perfeitamente susceptiveis de se educarem; mostram grande aptidão para os trabalhos manuaes; fazem-se optimos carpinteiros e marceneiros; aprendem com grande facilidade a ler e escrever; manifestam singular talento para a musica, e revelam sempre intelligencia e docilidade quando acham quem os ensine com bondade e paciencia.

Entre outros escriptores, que certificaram isto mesmo, lê-se na viagem dos esposos Agassiz, que estes ficaram admirados de ver os indios do Amazonas mostrar nas artes da civilisação aptidões muitos superiores ás que possuem os da America do Nor-

te. As observações de Agassiz terminam assim :

— « Trariam os de lá (da escola de Mannós) as mais gratas impressões, se não tivessemos sabido; que n'aquelle collegio de orphãos se prendem por vezes, sob pretexto de as educar, creanças arrancadas ás tribus selvagens, tendo ainda pae e mãe. A vista de uma cella sombria, fechada com grades de ferro e muito parecida com as jaulas de feras, fortaleceu-nos ainda mais essa triste suspeita. Quiz certificar-me, perguntando o que n'isto havia de verdade, e responderam-me 'que se ás vezes se dava o facto, era sómente com o fim de livrar a creança da condição selvagem e degradante, porque a civilisação, mesmo imposta, é preferivel á barbarie'. Duvido porém de que uma providencia qualquer, ainda que seja a do proprio Deus, possua a sabedoria e o amor em grau assás elevado para exercer sem perigo esta caridade pela violencia. » — (*Voyage au Brésil.*)

Depois de concluida a nota antecedente, foram-me offerecidos dois livros interessantes, dos quaes vou extractar ainda mais alguns dados ácerca dos indios. O primeiro intitula-se: *O Imperio do Brazil na Exposição Universal de 1873 em Vienna d'Austria*, e devo-o ao favor do sr. barão de Japurá,

ministro do Brazil em Portugal; o segundo: *Notions de Chorographie du Brésil*, por Joaquim Manuel de Macedo, foi-me enviado pelo meu excellente amigo o sr. barão de Santo Angelo, consul geral da mesma nação. Ambos se publicaram em 1873; aquelle, na typographia nacional do Rio de Janeiro, e este em Leipzig, imprimerie de F. A. Brockhaus.

— «Calculam-se em 500:000 os selvagens que vagueam pelos sertões ou matas virgens do centro do imperio, completamente perdidos para a sociedade que está sujeita, entretanto, ás suas correrias e devastações.

«O governo tem sempre promovido sua catechese e civilisação.....

«A despeito, porém, de reiterados esforços, ainda não foi possível obter religiosos em numero correspondente ás necessidades do serviço. Para tamanho numero de selvagens espalhados em vasto territorio, contam-se sessenta e um missionarios capuchinhos, muitos dos quaes estão já enfraquecidos pelos trabalhos e avançada idade, e seis franciscanos-observantes.

«O systema de catechese, geralmente adoptado, consiste em reunir em aldeamentos os selvagens que, graças á dedicação apostolica dos missionarios, perdem os habitos da vida errante e adquirem o sentimento da

propriedade e o amor ao trabalho, fixando definitivamente sua habitação.

«A principio dirigidos pelos missionarios, os aldeamentos passam depois a ser administrados por directores seculares, ou por terem fallecido seus fundadores, ou por ser mister remove-los para outros pontos do imperio em que sua presença seja mais necessaria.

.....
«Comquanto os aborigenes, exceptuadas algumas tribus, presentemente muito pouco numerosas, sejam dotados de indole pacifica, e sujeitem-se com facilidade relativa a trabalhos sedentarios, sua natureza e arraigados habitos selvagens não lhes permitem perseverança em seu novo genero de vida.

«A experiencia tem demonstrado que entre os adultos é difficil, senão impossivel, obter resultados satisfactorios; e, pois, sem abandona-los á sua miseravel sorte, o governo está deliberado a actuar principalmente sobre as novas gerações, creando estabelecimentos apropriados em que sejam educados os de menor idade.

.....
«A acquisição d'estes meninos (filhos dos selvagens), a principio conseguida mediante o donativo de instrumentos de ferro, de

mais util applicação, tem-se ultimamente facilitado, vindo muitas vezes os paes offerece-los espontaneamente. Espera o governo que, educados nos preceitos da religião e nos habitos da vida civilisada, serão mais tarde auxiliares poderosos que attrahirão seus paes e irmãos ao gremio da sociedade.» — (*O Imperio do Brazil na Exposição Universal de 1873.*)

Convem advertir que o calculo da população do Brazil, em que se incluem os 500:000 selvagens, é baseado, segundo declara a obra citada, no recenseamento official de 1817 e 1818, e em outras fontes dignas de fé.

— «... ha ainda outra colonisação, fraca esperanza para uns e muito duvidosa para outros; é a acquisição de trabalhadores vigorosos, que serão mais apropriados do que os estrangeiros para os rudes trabalhos da cultura, visto que já estão aclimatados nas diversas provincias do paiz: este meio seria a evangelisação e civilisação dos selvagens. E a evangelisação dará resultados? Desprezemos a discussão da these para deixar fallar os factos. Os jesuitas, no Brazil, conseguiram evangelisar, reunir, disciplinar, dominar absolutamente, empregando n'um trabalho penoso, diario, systematico e de uma regularidade admiravel, não centenas,

porém milhares de indios. Teriam os jesuitas o privilegio de fazer milagres?... Ainda nos nossos dias, se bem que em menor escala, os missionarios capuchinhos, que estão longe de possuir a sciencia e finura tradicional d'aquelles, nos dão o bello exemplo dos excellentes resultados da evangelisação entre os selvagens, mas desgraçadamente só n'um pequenissimo numero d'elles.

«O homem destemido chega a domesticar os mais ferozes animaes, obrigando-os a rojar-se humildemente a seus pés; porque, pois, será elle impotente para humanisar e civilisar a sua especie no estado selvagem?

«Não se pôde calcular, mesmo approximadamente, o numero dos indios que, por centenas de tribus, vivem refugiados no interior do Brazil, longe de todo o contacto com a civilisação; essas centenas de milhares de homens, que poderiam tornar-se uteis, vegetam no embrutecimento, quando não se mostram hostis e inimigos ferozes; nota-se comtudo um facto incontestavel, e é que a influencia da *Cruz*, a voz evangelica, o espirito de caridade do missionario não penetram jamais em vão no centro das choupanas selvagens.

.....
«Seria ingrato e penoso trabalho passar

em revista todas as provincias do imperio, para indicar apenas em algumas pequenos e insufficientes oasis de catechese, no meio de vastos desertos de selvajeria.» — (*Notions de Chorographie du Brésil.*)

XLVI

Sinhásinha

Pag. 42, lin. 5

Sinhá e sinhásinha, por senhora e senhorasinha. Não só os pretos, mas muita gente de outras côres gosta d'estas e outras pieguices, que se entre nós soam desengraçadamente, no Brazil, entre certas classes, produzem mui diverso effeito.

XLVII

Canto das guaribas quando sentem o perigo .

Pag. 42, lin. 13

Os guaribas ou macacos roncadores pertencem ao genero *Stentor*, de que se acham descriptas as seguintes especies: *Stentor fuscus*, *S. seniculus*, *S. ursinus*, *S. niger*, *S. flavimanus*, *S. palliatus*, *S. flavicaudatus*, *S. discolor*, *S. stremineus*, *S. chrysurus*.

Julgo serem os maiores e os mais notaveis animaes d'esta ordem que habitam as florestas do Brazil. Os seus costumes são identicos aos das outras especies de maca-

cos, porém é raro andarem em bandos. Vivem quasi sempre acasalados; e durante a estação das chuvas roncam em côro com tão estupendas vozes, que se ouvem a grande distancia. O seu grito rouco e prolongadissimo assimilha-se quasi a um zurro interminavel! Dizem que elle provém de uma valvula, que teem pegada á trachea arteria, e que demorando-se ali algum tempo o ar que lhe entra nos pulmões, e agitando-se pela emissão da voz, produz aquelle som.

A mãe costuma trazer os filhos ás costas até que elles possam dispensar, senão a protecção, o transporte materno. Se ella morre antes de acabar a creação, o pae toma conta dos pequenos; e, ainda que se case segunda vez, não ha exemplo de que largue a carga, fructo dos seus primeiros amores. Que lição para tantos homens, quando dão madrastras aos filhos! De dia para dia me convenço mais de que o macaco é a transição dos irracionaes para a especie humana, e que esta perdeu, civilisando-se, grande parte das virtudes d'aquella. Quem duvida de que temos aprendido muito com os bugios? E não serão vagas reminiscencias de encarnações passadas as macaquices de muitas pessoas e o facto de se mandarem outras bugiar?... (Veja notas do *Odio de Raça*.)

O guariba tem barbas como o homem e

usa-as todas crescidas, assim como o rabo, que é bastante comprido. Entre outras provas da sua intelligencia, é notavel a de saber conhecer e applicar as hervas proprias para se curar quando o fere sem ser mortalmente a bala ou a frecha do caçador. Recorre em geral ás mesmas plantas que empregam os tapuios para o tratamento das feridas; mas não está averiguado se foram os guaribas que ensinaram os indios, ou se os indios ensinaram os guaribas. Voto pela primeira hypothese.

XLVIII

Tio Duarte

Pag. 42, lin. 15

Um dos signaes de maior respeito entre os indios é o tratamento de tio. O de irmão usa-se com os desconhecidos que não se querem hostilisar, mas de quem se desconfia; mano emprega-se como prova de confiança e familiaridade.

XLIX

Rosa do Surubiú vae dentro do buá

Pag. 42, lin. 20

Já disse um escriptor (Viery, citado por Gonçalves Dias), fallando dos indios do Brazil, que elles são obrigados a servir-se de objectos physicos para exprimirem quasi todas as abstracções do espirito, em conse-

quencia de terem mais sensações do que noções. É por esse motivo que fazem continuado uso das metaphoras, dos emblemas e das allegorias; que personificam as cousas inanimadas e empregam os trópos mais energicos, a fim de se fazerem comprehender; e são essas circumstancias que dão aos seus discursos um character muito poetico.

Fiz as possiveis diligencias para que o meu gentio fallasse sempre uma linguagem que estivesse em harmonia com o seu character; se umas vezes abusa das imagens e outras prescinde completamente d'ellas, é porque assim me pareceu necessario á modelação da sua physionomia. Como tinham decorrido alguns annos desde que elle viera para a companhia dos brancos, era natural que se fosse apropriando do modo de dizer d'estes em diversas occasiões. Além de que seria arriscado, no theatro, tornar o papel, desde o principio até o fim do drama, mais carregado de allegorias.

É sabido que os indios costumam usar entre si de nomes de animaes, de vegetaes e tambem compostos, como Cedro Vermelho, Garça Branca, Bôca Preta, Bracelete de Ferro, etc. Do mesmo modo os dão ás pessoas estranhas, escolhendo-os sempre conforme as suas afeições e sympathias, em harmonia com a figura e character do homem ou mu-

lher a quem o applicam. Rosa do Surubiú é provavel que fosse preferido por Lourenço, apesar de não ser nome de flor indigena, porque teria visto como as rosas aclimatadas em Alemquer ou nos seus lagos eram prezadas pelas brancas.

Ubá é a denominação da canôa cavada n'uma arvore, sem nenhuma costura nem outra peça annexa, alem de tres ou quatro paus atravessados dentro, que servem de bancos, e são optimos para quem gostar de posições difficeis. Parece que antigamente se dava tambem o nome de ubá ás canôas de cortiça, atadas com cipós. Hoje, a todas que são construidas com mais de uma peça de madeira, seja qual for o seu feitio, denominam ygára; isto é, canôa.

Em algumas provincias chamam á taboca (*arundo*) ubá. E talvez que da sua fórma roliça derivasse o nome das canôas de cedro.

L

Metteu a bala pelos olhos do jacaré

Pag. 44, lin. 3

Os indios tornam-se atiradores insignes, logo que aprendem a servir-se de uma arma de fogo. Apesar da sua pericia de frechadores, apreciam immediatamente a differença que existe entre o arco e a espingarda. As frechas perdem-se, quebram-se, desviam-

se da direcção ao menor contacto com os ramos; e a bala corta quantos obstaculos encontra, indo cravar-se no alvo, a grandes distancias. Alem d'isso, a arma dos brancos é de mais facil transporte e demanda menos cuidados. O arco está sujeito a estalar no momento do maior perigo ou a rebentar-lhe a corda; e nem sempre se teve a precaução de levar outra de sobressalente; é necessario acerar com frequencia os bicos das frechas, reformar-lhes a linha almecegada com que se apertam ás hastes, substituir as penas das azas, e mostrar no intrançado dos fios com que as cingem os dotes artisticos do frechador; não póde haver a mesma rapidez de movimento para armar o arco, nos lugares mais cerrados da floresta; e é preciso, sobre tudo, andar carregado com um feixe de frechas! Para a espingarda não existe nenhum d'estes inconvenientes; está sempre prompta; o cano introduz-se por entre os emmaranhados mais inacessiveis; e a bala passa, rapida como o relampago, por onde passa a vista do atirador.

Apesar de tudo, o indio não se separa facilmente das armas com que foi creado; e, sempre que póde, leva-as consigo, conjuntamente com a dos brancos.

LI

Gentio a cavallo n'um jacaré

Pag. 44, lin. 21

Os indios costumam apanhar o jacaré com a mais primitiva simplicidade. Quando o vêem parado no fundo dos rios ou dos lagos pouco profundos, applicam-lhe uma valente forquilha no cachaco, para lhe impedir os movimentos da cabeça; mettem-lhe um pau atravessado na bôca, e prendendo-o com fortes cipós ao pescoço do monstro, ficam absolutamente senhores d'este. No caso de que se trata, comprehende-se que esta operação não foi seguida, nem era facil; mas a destreza do gentio dispensou-a, apesar de ser sempre maior a ferocidade do jacaré quando está ferido. (Veja notas do *Odio de Raça*.)

LII

Uma giboia por gravata

Pag. 45, lin. 15

É tamanha a variedade de reptis que vivem no Brazil e são tão limitados os meus conhecimentos em historia natural, que não posso affirmar se a giboia, jyboia ou jeboia, a que se refere o moço portuguez, é a *Boa cenchria*, *Boa constrictor*, ou outra. Alguns habitantes do Pará mettem nos forros das casas e debaixo dos sôlhos giboias de grandeza monstruosa para apanhar ratos, que

ellas attrahem com o olhar magnetico, assim como aos morcegos! Um dos meus amigos de infancia, que lá reside ainda, José Antonio do Eirado, tinha um d'estes hospedes pouco tranquillizadores, que havia attingido muitos metros de comprimento e grossura sufficiente para esmagar um touro! Julga-se que a giboia rateira, a que pertencia aquella especie, é inoffensiva para o homem; entretanto aconselho o leitor que a não queira em casa. Pela minha parte, prefiro um exercito de ratos, principalmente por ser difficil distinguir as giboias que só comem aquelles animaes das que se não prendem com a escolha.

Gabriel Soares de Sousa, já citado pela fidelidade das suas descripções, no *Tratado Descriptivo do Brazil*, diz o seguinte:

— «Comecemos logo a dizer das cobras a que os indios chamam giboias, das quaes ha muitas de 50 e 60 palmos de comprimento, e d'aqui para baixo. Estas andam nos rios e alagôas, onde tomam muitos porcos d'agua, que comem, e dormem em terra, onde tomam muitos porcos, veados e outra muita caça, o que engolem sem mastigar, nem espedaçar; e não ha duvida senão que engolem uma anta inteira, e um indio; o que fazem porque não tem dentes, e entre os queixos lhe moem os ossos para o po-

derem engulir. E para matar uma anta ou um indio, ou outra qualquer caça, cingem-se com ella muito bem, e como tem segura a presa, buscam-lhe o... (!) com a ponta do rabo, por onde o mettem até que matam o que tem abarcado; e como tem morta a caça, moem-n'a entre os queixos para a pôder melhor engulir. E como tem a anta, ou outra cousa grande que não pôde digerir, empanturra de maneira que não pôde andar. E como se sente pesada, lança-se ao sol como morta, até que lhe apodrece a barriga, e o que tem n'ella; do que dá o fardo logo a uns passaros que se chamam urubús, e dão sobre ella, comendo-lhe a barriga com o que tem dentro, e tudo mais, por estar podre, e não lhe deixam senão o espinhaço, que está pegado na cabeça e na ponta do rabo, e é muito duro; e como isto fica limpo da carne toda, vão-se os passaros; e torna-lhe a crescer a carne nova, até que fica cobra em sua perfeição; e assim como lhe vae crescendo a carne, começa a bulir com o rabo, e torna a reviver ficando como d'antes: o que se tem por verdade, por se ter tomado d'isto muitas informações dos indios e dos linguas que andam por entre elles no sertão, os quaes o affirmam assim.

«E um Jorge Lopes, almoxarife da capitania de S. Vicente, grande lingua, e homem

de verdade, affirmava que indo para uma aldeia do gentio no sertão, achára uma cobra d'estas no caminho que tinha liado tres indios para os matar, os quaes livrára d'este perigo ferindo a cobra com a espada por junto da cabeça e do rabo, com o que ficou sem força para os apertar, e que os largára; e que acabando de matar esta cobra, lhe achára dentro quatro porcos, a qual tinha mais de 60 palmos de comprido; e junto do curral de Garcia de Avila, na Bahia, andavam duas cobras que lhe matavam e comiam as vaccas, o qual affirmou que adiante d'elle lhe sahira um dia uma, que remetteu a um touro, e que lh'o levou para dentro de uma lagôa; a que acudiu um grande libreo, ao qual a cobra arremetteu e enguliu logo; e não pôde levar o touro para baixo pelo impedimento que lhe tinha feito o libreo; o qual touro sahiu a cima da agua depois de afogado; e affirmou que n'este mesmo logar mataram seus vaqueiros outra cobra que tinha 93 palmos, e pesava mais de 8 arrobas; e eu vi uma pelle de uma cobra d'estas que tinha 4 palmos de largo. Estas cobras tem as pelles cheias de escamas verdes, amarellas e azues, das quaes tiram logo 1 arroba de banha da barriga, cuja carne os indios tem em muita estima, e os mamelucos, pela acharem muito saberosa.»—

LIII

Tupinambás

Pag. 45, lin. 17

Diz um distincto escriptor moderno, referindo-se aos tupinambás:

— «E não só falavam dialectos identicos, como em geral se denominavam a si quasi sempre do mesmo modo: *Tupinambá*. Se no Maranhão como no Pará, na Bahia como no Rio, houvesseis perguntado a um Indio de que nação era, responder-vos-hia logo: *Tupinambá*. Parece pois que Tupinambá se chamava o primitivo tronco nacional, d'onde se tinham separado todos aquelles ramos, garfos e esgalhos, que apesar de se produzirem em terras distantes das em que se haviam plantado, não mudavam de nome. Acerca porém da origem do vocabulo Tupinambá tem-se até aqui tratado pouco. Esta palavra é verdadeiramente composta de duas: *Tupi* e *Mbá*. A ultima deixava-se de acrescentar desde que cessava a liga ou amisa-de, e que a nação se fraccionava. Se se declaravam logo inimigos, a alcunha menos injuriosa com que se podiam ficar mutuamente designando era a de *Tupi-n-aem*; isto é, Tupis maus ou perversos. Se não ficavam em desintelligencia, faziam-se muita cortezia em se appellidarem reciprocamente *Tupi-n-ikis*; isto é, tupis vizinhos, conti-

guos ou limitrophes. *Mbá* significava o mesmo que varão illustre ou guerreiro; e este titulo não concediam, tal era sua vaidade, senão a si mesmos.» — (*Historia Geral do Brazil*. — F. A. Varnhagen.)

LIV

Voz de Caraxoé

Pag. 48, lin. 11

O caraxoé, ave do genero *Turdus*, tem o canto suave e melancolico, parecido com o do rouxinol da Europa, se bem que menos extenso e variado. Ha differentes especies d'estes passarinhos, que são mais geralmente conhecidos pelo nome de sabiá.

LV

Tejupares

Pag. 48, lin. 18

Tejupar, tijupar, tujupar, tejupaba, aiupawe, tigipar e tyupar significa, em lingua tupi, choça, cabana, casa de habitação. Os diversos modos por que se escreve, tanto este como outros vocabulos da lingua dos indigenas do Brazil, resultaram não só da variedade dos dialectos, como tambem por terem sido mais ou menos delicados os ouvidos dos missionarios de differentes nações, que regularisaram essa lingua no tempo do descobrimento e durante a colonisação. A or-

thographia que me parece mais correcta, é a que segui no texto, porque assim ouvi sempre pronunciar aos indios do Pará e Amazonas.

LVI

Margens florentes do Xingú

Pag. 48, lin. 27 .

— «O Xingú tem o seu berço ao Norte das vertentes do Cuyabá na latitude de $12^{\circ} 42'$ e na longitude de 323° . A sua direcção é do Sul ao Norte entre o Tocantins e o Tapajós seus parallelos, tendo entre si e o Tocantins os rios Pacajás e Uanapú tambem parallelos. A sua foz jaz na latitude austral $2^{\circ} 7'$ e na longitude $325^{\circ} 30'$.

«São deliciosos os horisontes, e formosa e agradavel a foz d'este rio; elle rola com rapidez, e acaba no Amazonas com grande largura e profundidade.

«As suas aguas na superficie tem a cor ferruginea: feridas pelo remo mostram-se crystallinas; e nas margens são diaphanas, de maneira que em uma braça de fundo se percebe o que está n'elle.

«Do rio Arapari para cima até a primeira cachoeira existem ilhas: e algumas com boas praias, onde vão as aquateis tartarugas encovar os ovos. Quando com as chuvas incha o Xingú estas ilhas são alagadas, mas

não totalmente, porque ha paragens, nas quaes se póde fazer plantações e edificar. Nas duas ilhas jacentes na bôca do rio Maxipana ha tujupares habitados, e plantios de milho, maniva, e café.

«Desde o rio Acahi até ao rio Maruá, cujo manancial jaz em uma dilatada campina, toda a margem do Xingú apresenta alcantia e restingas de pedra, e por isso navegam pelo meio.

«As terras da margem oriental são rasteiras: as da margem occidental são collinosas e tem serras, umas faceis de galgar, outras sem recosto e mui recamadas de alcantis, e outras cuja cima é estancia de formigas.

«De muitas e formidaveis cachoeiras é empeçado o Xingú a poucos dias de viagem na sua subida: o fragor medonho da primeira retumba na altura do rio Tucurui. É por este rio que annualmente desce o gentio para se prover de ferramentas, que ~~grangem~~ ^{grangem} com arcos, flechas, algodão, redes, e passaros.

«Perpassada a ilha de Santa Maria avista-se o terreno liberto de serros e montanhas. A parte do Sul é uma chã de terra preta e baixa: acha-se deserta por causa das incursões dos sylvicolas jurunas e mondrucús.

«Da villa de Pombal para cima não é sensível o fluxo da maré.

«Os rios que desaguam no Xingú são abundantes nas drogas mais correntes no commercio, mórmente em cravo.

«Os moradores não exercitam diligencia alguma em remontar as cachoeiras: sómente áquem d'ellas desfructam annualmente as margens, que abundam em pesca, em caça baixa e de veação.

«Em 1625 entraram os hollandezes no Xingú: e n'elle plantaram uma fortificação de fachina sobre uma assomada entre os rios Piri e Acarahi fronteira a um poço, em que hoje os moradores pescam pirahibas e araias.

«Em 1662 começaram os jesuitas a missionar a gentilidade d'este rio.» — (*Ensaio Chorographico sobre a Provincia do Pará.* — Baena.)

Veja sobre o Xingú e indios jurunas as minhas *Viagens pelo interior do Brazil*, começadas a publicar no tomo II do jornal *Artes e Letras*, Lisboa, 1873.

LVII

O meu selvagem... julga-se descendente dos tupis
Pag. 49, lin. 17

Os portuguezes acharam o Brazil povoado por numerosas tribus selvagens, que pa-

reçiam pertencer a duas nações distinctas, uma das quaes, a tapuya, avançava do norte para o sul perseguindo a outra, tupy ou guarany, que dominava ainda em quasi todo o litoral e nas partes meridionaes do continente. (*Notions de Chorographie du Brésil.* — Joaquim Manuel de Macedo.)

Esta não é a opinião mais seguida, que reputa vencedores os tupis. Não se sabe ao certo se os povos que habitavam o Brazil no tempo do descobrimento eram aborígenes ou conquistadores, mas suppõe-se que havia entre elles nações emigradas.

Humboldt disse, que conhecia pouco os dialectos americanos para perder completamente a esperança de que n'uma tão grande variedade de idiomas não se encontrassem alguns que tivessem sido fallados ao mesmo tempo, ainda que com modificações, no interior da America meridional e da Ásia, ou que pelo menos deixassem entrever antiga communiidade de origem.

Similhante descoberta projectaria immensa claridade na historia da raça humana; porém as analogias das linguas só merecem confiança com a condição de não pararem nas consonancias das raizes, e de penetrarem na estrutura organica, nas flexões grammaticaes e em todo o mechanismo onde se revele o trabalho da intelligencia.

Descender dos tupis é a maior vangloria que pôde ter um indio do Brazil; e esse facto parece indicar a superioridade d'aquella nação sobre todas as outras.

LVIII

Tinham a faculdade da poesia e do canto

Pag. 49, lin. 20

Asseveram alguns escriptores, que os tupis cantavam e tocavam primorosamente. A ser verdade, essas prendas seriam restos de uma civilisação perdida. Ainda hoje se torna notavel entre varias tribus a circumstancia de gostarem muito de musica; e é raro encontrar-se um indio manso que não saiba tocar viola ou rebeca, aprendendo com singular facilidade a manejar estes instrumentos e executando n'elles, sómente de ouvido, as peças mais delicadas e difficeis!

LIX

Tribu juruna... muito pouco conhecida.

Pag. 50, lin. 3.

Tão pouco conhecida que nem mesmo alguns dos escriptores brasileiros, que aliás se referem aos gentios de rabo (!) mencionam a existencia d'esta! Que admira pois que o sr. Paulo Marcey affirmasse ha poucos annos, no jornal francez *Le Tour du Monde*, que o principal commercio dos ju-

runas eram craneos humanos, pintados de urucú, e que se vendiam na Europa a 500 francos cada um! (Veja as minhas *Viagens pelo interior do Brazil*, nas *Artes e Letras*, tomo II.)

LX

Folha da Jatuaíba

Pag. 54, lin. 18

Jatuaíba ou jutuahiba, que não encontro descripta, é uma arvoreta das poucas que no Brazil mudam a folha. Affirma-se que a sua raiz produz effeitos purgativos, e pôde tambem ser applicada contra a esterilidade das mulheres!

LXI

Grande rio

Pag. 54, lin. 20

Em muitos logares o Amazonas é designado simplesmente pelos indios que lhe povoam as margens com o nome de paraná (rio maximo ou mar); n'outras, chamam-lhe paraná pitynga (mar branco, por allusão á côr barrenta das suas aguas); alguns acrescentam á palavra paraná, que em tupi é substantivo, o adjectivo açú ou guaçu, que quer dizer grande, a fim de que se entenda bem que querem referir-se ao maior de todos os rios.

— «O magestoso Amazonas, estendendo-se por 580 leguas, 3:828 kilometros, em

territorio do imperio, recebe, dentro dos seus limites, 19 tributarios de primeira ordem, a saber: Tocantins, Xingú, Tapajós, Madeira, Purús, Coary, Teffé, Juruá, Jutay, Javary, na margem direita; Jary, Parú, Trombetas, Nhamundá, Uataman, Urubú, Negro, Japurá e Içá na margem esquerda, tendo alguns mais de 500 leguas de curso, 3:300 kilometros.

«Alem da fronteira do Brazil ainda o Amazonas é francamente navegavel a vapor por mais 300 leguas, 1:980 kilometros, no territorio do Perú, recebendo os importantes tributarios Napó, Marona e Pastaza, na margem esquerda, Ucayali e Uallaga, na direita.

«Estes rios prestam-se á navegação até á primeira quebrada da cordilheira dos Andes, facilitando os transportes da parte mais importante das republicas do Perú e Equador, que demora a E. da mesma cordilheira.

«A extensão, livremente accessivel ao vapor, do Amazonas e dos seus affluentes, no territorio do Brazil, é de 7:351 leguas ou 48:517 kilometros.

«Pelo Amazonas e seus tributarios communicam-se as republicas da Bolivia, Perú, Equador, Nova Granada e Venezuela com o porto do Pará, e bem assim as provincias brasileiras de Matto Grosso e Amazonas..

«Ha mais de dezoito annos acha-se estabelecida a navegação a vapor, auxiliada pelo governo, nas 580 leguas, 3:828 kilometros, do Amazonas brasileiro, e 200 leguas, 1:320 kilometros, no Tocantins e outros rios vizinhos ao Pará.

«Em 1867 o governo subsidiou mais duas companhias que ora fazem o mesmo serviço nos rios Purús, 240 leguas, 1:584 kilometros, Negro, 120 leguas, 792 kilometros, Madeira, 186 leguas, 1:228 kilometros, Tapajós, 50 leguas, 330 kilometros, e Alto Tocantins, 230 leguas, 1:518 kilometros, sendo portanto actualmente de 1:606 leguas, 10:600 kilometros, a extensão navegada a vapor na bacia do Amazonas.» — (*O Império do Brazil na Exposição Universal de 1873 em Vienna d'Austria.*)

A nascente do Amazonas, disputada ainda hoje pelo Chili, o Perú e a Columbia, que lhe attribuem posições diversas, suppõe-se geralmente que é na extremidade oriental do lago Lauricocha, 210 kilometros ao NNE. de Lima, entre montanhas da cordilheira dos Andes. Humboldt, medindo-o em Jaen de Bracamoros, ao pé da cataracta de Rentama, achou-o apenas tão largo como o Rheno na altura de Mayença. D'ahi para baixo vae engrossando gradualmente com as aguas de numerosos tributarios e entra já magestoso

no territorio do Brazil por S. Francisco Xavier de Tabatinga. Passada a fronteira, toma o nome de Solimões até o rio Negro; d'ahi em diante chama-se Amazonas. A sua corrente calcula-se em 4:645 braças por hora e segue quasi sempre o rumo de leste, lançando-se no Atlantico, sob o Equador; ali, volta-se precipitadamente para o norte, e, rasgando o seio do Oceano, adoça-lhe as aguas por espaço de 200 kilometros!

Alem de ser o maior é tambem o mais profundo de todos os rios conhecidos; em muitos logares não foi ainda possivel medi-lo; e n'outros a sonda desce até 500 braças; a sua foz, semeada de grandes ilhas, tem 60 leguas desde o Cabo do Norte á ponta do Maguari. Os seus lagos são sem numero; e quando as chuvas do inverno o fazem trasbordar, communicando-o com elles, assimilha-se em muitos sitios a um verdadeiro mar. O viajante que n'essas occasiões o percorre, vendo subir as aguas rapidamente, mergulhar as margens, as plantas, as arvores, e os palmitos das mais elevadas palmeiras, pensa com apertos de coração no que seria o diluvio, que afogou o mundo antigo, e sente mais a pequenez humana diante d'aquelle magestoso e terrivel espectaculo!

Já se disse que é barrenta a côr das suas

aguas; e que tanto no Amazonas como nos seus tributarios abunda o peixe de milhares de especies. As florestas profundas e quasi impenetraveis, que cobrem as suas margens, são povoadas de caça e de animaes ferozes, ricas de resinas preciosas, oleos, cravo, salsa, canella, cacau, drogas, perfumarias, madeiras de construcção e muitos outros variadissimos generos, que o commercio desconhece ainda e que farão um dia opulentos os primeiros homens que os explorarem. Pelas suas praias, quando as deixa a descoberto a descida das aguas, passeiam grandes aves aquaticas, de differentes côres e tamanhos; jazem immoveis, como fragmentos de rochedos, enormes crocodilos, cobertos com armaduras de escamas bronzeadas, de bôca aberta, esperando que os passaros que giram em torno d'elles ou lhes pousam nas costas julgando-os mortos, se lhes ponham a geito para elles os devorarem; a serpente de agua, cuja pelle manchada se assimilha a um taboleiro de xadrez, espreita tambem se da campina proxima virá o veado, a anta, ou o touro beber agua ao rio para que ella, desenrolando-se rapidamente, os envolva com os seus anneis de aço e depois de esmagados e ungidos com a sua baba possam entrar-lhe com menor esforço nas fauces dilatadas; os macacos, em bandos nu-

merosos, saltam de ramo em ramo, animando o quadro com maior vivacidade; e não é raro que a corrente destruidora das margens, derrubando ás vezes as arvores, sobre que elles se estão balouçando, os leve consigo!

A navegação do Amazonas não é facil, mesmo para os navios de vapor, por causa dos grandes madeiros submergidos, cravados uns nos logares pouco fundos e trazidos outros pela impetuosidade das aguas. Em torno d'estes colossos vegetaes formam-se graciosas ilhas de canarana ou capim de agua, que se despegam das margens, offerecendo aos olhos espectaculos mais novos e interessantes.

As viagens das canôas, como é de suppôr, são muito mais trabalhosas do que as dos vapores. Quando lhes falta o vento, só podem andar á sirga, que uma canoinha ou escaler pequenissimo vae amarrar n'um tronco saliente sobre o rio; a espia é um calabre de piassaba, que dilacera as mãos, pela qual é forçoso alar a embarcação, sem auxilio de cabrestante ou bolinete. Viaja-se d'este modo desde pela manhã até á noite, sob um sol tão ardente que reduz o homem a condição inferior á das cobras, ebri-gando-o a mudar de pelle com maior frequencia. E quando ao anoitecer se amarra

a canoã para esperar o dia seguinte, avista-se ainda ás vezes a pequena distancia o lugar d'onde se partiu ao romper do dia antecedente! Quem escreve estas linhas passou por essa dura prova; e confessa, que durante ella se sentia com poucas disposições para admirar a belleza e magestade de tudo que o rodeava. Parece que o grande rio se encanzina contra os que vão vê-lo para lhe celebrar depois as maravilhas! Receará talvez que revelem os seus segredos ou profanem os mysterios das suas florestas paradisiacas?

Um viajante francez, que já citei, diz no *Tour du Monde*, que do Amazonas florescente do seculo passado, das suas missões, cidades e aldeias, nada mais resta do que algumas povoações insignificantes; que o homem vai destruindo tudo, que já não ha salsa, nem resinas, nem oleos, e que o proprio cacau precisa ser cultivado para não desaparecer inteiramente; que se acabou o peixe e a caça; que as tartarugas já não põem ovos (!), e que estão para sempre desertas as praias onde outr'ora se fabricava a manteiga; que o peixe boi e o pirarucú não tem tempo de crescer, porque antigamente os matavam só para comer, e que o homem branco, não se contentando com os que come, tambem agora os mata para commerciar!

•

D'esta ultima affirmativa póde concluir-se com rigorosa logica, que os peixes mortos para commerciar não servem para comer! Mais adiante continua a dizer, que durante o fabrico da manteiga da tartaruga se deitavam muitos ovos aos jacarés e muitos intestinos de pirarucú, e que por isso toda a gente se banhava entre aquelles bichos, sem perigo de ser tragada por elles; mas que fóra d'essas occasiões nenhum indigena ousava tomar banho em pleno rio! Acrescenta ainda, que a lingua dos tupinambás é a lingua corrente de duas ou tres provincias do imperio e principalmente do Pará¹.

Este francêz não desdiz do geral dos seus compatriotas, quando escrevem ácerca de outros paizes. Não consta que se exportem jovens pirarucús, mortos na flor da vida; nem que os paes d'esses infelizes e sympathicos adolescentes deixassem de attingir a idade veneranda dos anciãos, salvo o caso de os arpoarem durante a virilidade. Não diminuíram os jacarés, nem é costume adoçar-se-lhes a ferocidade com ovos de tartaruga.

¹ Depuis deux siècles les Tupinambás ont disparu du Brésil, mais leur idiome est resté la langue courante de deux ou trois provinces de cet empire, et notamment de celle du Pará. *Le Tour du Monde*, 1867, pag. 103.

ruga; mas ninguem deixa de tomar banho em todos os rios ou lagos, a todas as horas do dia e da noite, e são rarissimas as desgraças que d'ahi resultam; não desapareceram dos bosques a caça nem as drogas preciosas; não se acabou o peixe, nem as tartarugas deixam de pôr ovos senão em caso de velhice ou esterilidade; no Pará e no Amazonas fallam portuguez os proprios tapuios; mas não admira que a um francez parecesse tupinambá a lingua rica, elegante e harmoniosa de Camões e de Garrett. A vida, a riqueza e a alegria, que elle diz terem fugido do Amazonas, ainda ali não chegaram, é certo, ao grau de esplendor que lhes promettem os thesouros com que esse bello paiz foi dotado pelo Creador; mas, por isso mesmo, a idade de oiro, que o tal viajante julga passada, sem ella ter nunca existido, ha de vir com certeza um dia; e então, em vez das povoações que provocaram agora epigrammas ou calumnias de um ignorante, o mais prodigioso rio do mundo verá sentarem-se em suas opulentas margens as cidades soberbas e florescentes, e substituirem-se pelas maravilhas do engenho humano os aspectos grandiosos da natureza inculta. Na Grecia primitiva, quando os vencedores devoravam os vencidos, quando a morte pairava sobre todas as cabeças e a

vingança habitava em todos os corações, alguns estrangeiros foram procurar um asylo nas praias da Argolida e ali fundaram um imperio, cuja civilização assombrou mais tarde o universo. Pois assim como os selvagens gregos correram ao encontro dos legisladores egypcios, os do Amazonas abrigar-se-hão á sombra das leis que os protegerem e educarem, quando um governo humanitario e patriotico os poder convencer de que a força não é a primeira das qualidades, nem a coragem a primeira das virtudes.

LXII

Taba juruma
Pag. 54, lin. 21

Taba significa litteralmente povoação de indios bravos, defendida por uma tranqueira ou estacada de palmeiras; mas por extensão assim designam qualquer aldeia ou villa.

LXIII

As antas cortam com os pés as barreiras dos rios
Pag. 55, lin. 8

Approximava-se a estação das chuvas, e a margem oriental do Xingú, que eu tinha explorado até á primeira cataracta, offerecia já poucos incentivos á minha curiosidade. Na margem esquerda faltava-me apenas entrar em dois rios dos mencionados no *En-*

são Chorographico, de Baena; eram o Ará e o Umarituba, que os jurunas me tinham dito serem muito abundantes de peixe e caça. Resolvi pois visita-los antes de partir para o Amazonas.

A minha feitoria (assim chamam á barraca dos exploradores de borracha) era situada na foz do Arapari, em frente da ilha de Santa Maria, e desde algum tempo nos escasseavam ali os mantimentos. Convoquei os meus camaradas tapuios a um conselho, para se discutir se deveriam acompanhar-me todos ou se ficariam alguns de guarda ao tejupar. A assembléa resolveu por unanimidade que escondessemos na floresta tudo quanto tínhamos de precioso e deixássemos a casa para refugio de algum viajante, que o acaso por ali levasse, ou morada das onças e das cobras que quizessem tomar posse d'ella durante a nossa ausencia.

No dia seguinte de madrugada mettemos a bordo da montaria (pequena canôa) dois alqueires de farinha de mandioca, sal, pimenta, limões, linhas de pescar, arpões, arcos, flechas, espingardas, as redes de dormir, e um cão, que parecia mais a sombra de si proprio do que animal tangivel. A existencia de acaso que elle tinha vivido n'um sitio deserto, d'onde o trouxeramos dias antes, reduzira-o á expressão mais sim-

ples. A sua voracidade nos primeiros dias chegára a ponto de beber umas poucas de canadas de leite de borracha, que depois de se lhe coagular no estomago o tornou de uma elasticidade tão prodigiosa, que uma vez lançado na carreira não podia parar senão caíndo ao rio.

Os meus seis tapuios sentaram-se a dois e dois nos tres bancos da montaria, empunhando cada um seu remo curto; o cão collocou-se na prôa, cabeceando com somno e fome, e oscillando aos menores movimentos da canôa; eu tomei o jacumá, especie de remo igualmente curto, que serve ao mesmo tempo de leme, e atravessámos para a margem occidental, aonde chegámos ao fim de uma hora.

Quando nos approximavamos de terra, avistámos a embocadura de um rio, formada por lindas praias de areia povoadas de cajueiros bravos. Para a direita viamos terrenos alcantilados, cobertos de densas florestas; para a esquerda a uniformidade do arvoredado indicava um plano direito e extensissimo. Desembarcámos na foz do igarapé e vimos no areal vestigios da passagem recente de muitas tartarugas. Seguindo os signaes, fomos abrir as covas onde ellas tinham depositado os ovos; apanhámos cajús, que achámos excellentes; e em seguida re-

embarcámos e mettemos-nos pelo rio, precedidos de dois exercitos de macacos, que não sei se festejavam se apupavam a nossa entrada com mil assobios, guinchos e visagens comicas. Quando a canôa passava por baixo dos ramos, que se debruçavam nas aguas, os bugios approximavam-se quasi até tocarem nas nossas cabeças, penduravam-se pelas caudas e estendiam-nos as mãos de um modo tão expressivo que os poderíamos tomar por inglezes primitivos, offerecendo-nos o shake-hands nacional. O cão, a que eu tinha posto o nome de Sylpho, pelas suas qualidades aerias, voltára-se para cima, com a bôca aberta e os olhos fechados, prevenindo o caso possivel de se lhe enfiar algum macaco pelas guelhas, do mesmo modo que Jonas caíra no ventre da baleia.

Nenhum indicio nos accusava a presença do homem; o espanto ingenuo com que nos encaravam os bichos, a sua curiosidade e a confiança com que se approximavam de nós, pareciam demonstrar que desde o Paraíso terreal nunca mais aquellas especies haviam encontrado a nossa; encaravam-nos como recordando-se ou procurando nas tradições de familia memorias do sujeito que affirma ter nascido para governa-los, sem se lembrar de que fôra vergonhosamente expulso do Eden e que elles lá ficaram todos!

As aguas do rio eram claras e transparentes, olhando-se para o fundo; mas vistas horizontalmente mostravam a côr azulada e ferruginosa do indigo. A pouco mais de uma legua começámos a encontrar grandes baixos de areia; e no dia seguinte passámos as primeiras cachoeiras, arrastando a canôa por cima das pedras, onde isso era possível; e, n'outras partes, levando-a através da floresta. Nunca vi rio mais pittoresco nem mais abundante de peixe e de caça. Teríamos apenas andado duas horas quando principiámos a ver arraías enormes, semelhantes ás jamantas, e não inferiores no tamanho ás que apparecem nos mares de entre Tropicos; boiavam aos lados da canôa e quando lhes batíamos com as hastes dos arpões, mergulhavam, revolvendo as aguas com tanta violencia que por vezes estivemos em risco de nos alagarmos. O peixe andava aos cardumes, offerecendo-se aos nossos arpões e frechas: arauanás amarellados, maiores do que o peixe espada da Europa; surubins do tamanho de grandes congros; tucumarés de rabo estrellado, da grandeza de pargos; negros tambaquis; piranhas brancas, cinzentas e pretas; acarás vermelhos; tarairas, jejús e muitas outras especies, que nos eram desconhecidas, navegavam de conserva connosco. A caça em terra não era menos va-

riada e facil. Atirámos o cão ao rio, para que fosse caçar, e elle correu logo uma paca (especie de porquinho cuja carne é deliciosa) e ebrigou-a a precipitar-se na agua, de modo que a tomámos viva e nos serviu assada no espeto para um dos mais saborosos almoços que é permittido obter em taes desertos. Os jabotys eram sem conto, assim como as cotias; as aves, de muitas especies, pousavam sempre a distancia de tiro; mas o que mais nos fez pasmar foi a abundancia das antas.

Havia já algum tempo que notavamos profundos córtes, semelhantes a caminhos, nas barreiras das margens. Ao principio julgámos que seriam passagens de gentios; mas como nenhum outro vestigio revelasse a existencia d'elles na immedições, encostámos por fim a canôa e reconhecemos com admiração que eram sulcos abertos pelas pés das antas!

Este igarapé não vem descripto em nenhum dos auctores que conheço; não é o Mmarituba nem o Ará, que são ambos maiores; mas como este ha alguns outros na margem oriental, tambem desconhecidos ainda, se bem que muito menos ferteis.

Na primeira noite, amarrámos as redes para dormir no alto de uma barreira, por onde as antas faziam caminho; e, depois de

nos termos regalado com uma ceia excellente e variada, adormecemos, deixando um bom fogo acceso ao pé de nós e encommendando-nos á Providencia e á vigilancia do Sylpho, que tinha comido como uma giboia. Seria pouco mais de meia noite quando me senti atirado ao ar, como se fosse impellido por umâ catapulta. Acordei dando um grito e caíndo em cima de Sylpho, que só assim despertou, expellindo a ceia n'um berro. A noite era escurissima, o fogo estava quasi extincto, e os ventos dormiam silenciosos no seio da floresta. Os tapuios, que tinham logo pegado nas armas, como n'aquelles sitios é sempre costume para fazer face ao imprevisto, gritarem-me:

— São antas! São antas!

Ao mesmo tempo ouvimos o estrondo de muitos corpos baqueando n'agua, e os meus companheiros dispararam as espingardas n'essa direcção. Sylpho julgou imprudencia arriscar-se a molhar os pés, depois de uma indigestão promovida por esmagadella, e chegou-se mais para o lume, rosnando. Não soubemos portanto se alguma das antas ficaria ferida e tornámos a deitar-nos, tendo eu tomado primeiro a precaução de mudar a minha rede, a fim de que não viesse outra visita jogar a pella commigo, por achar impedido o seu caminho usual.

A anta do Brazil é, como todos sabem, o *Tapirus americanus*. O vocabulo é de origem africana. Em lingua tupi chama-se icurí, tapiyra, tapiiereté e tapiyra caapora.

LXIV

Bracelete de Ferro e Peito de Tiépiranga

Pag. 55, lin. 5

Bracelete de Ferro é, provavelmente, uma alcunha resultante da manilha de talco, que o velho chefe adoptou no braço como enfeite predilecto.

Tiépiranga (*Tangara nigrogularis*, Spix) é um passarinho do tamanho do pintarroxo, que tem o corpo vermelho e as azas pretas. Dos peitos d'estas avesinhas costumam os gentios fazer vistosas carapuças. A palavra tupi parece ser contracção de *ta*, gerundio do verbo *a-jar*, a tomar, e *piranga*, vermelho. Martius escreveu tijepiranga, outros tapiranga, tigipiranga. No Brazil designa-se simplesmente por tihé.

LXV

Guainambi

Pag. 55, lin. 12

Guainambi, goamumbi, guiamumby, guaynumby, é o beija-flor (*colibri*) de que ha numerosas e formosissimas variedades.

LXVI

Urátínga

Pag. 55, lin. 17

Urátínga, vocabulo composto de guira ou guyra, ave; e títga, branca. Nô Pará e no Amazonas designa especialmente a garça branca (*Ardea egretta*, Linn.). Guyratinga é talvez melhor orthographia; porém os indios fazem distincções na pronuncia, segundo a especie a que se referem.

LXVII

Flor da jabacopita

Pag. 55, lin. 17

De jaboty e pita. É a *Gomphia parviflora*, cujas flores exhalam fragrantissimo cheiro.

LXVIII

Favos de mel creados no pau de arco

Pag. 55, lin. 18

Nas matas do Surubiú abunda o pau de arco roxo; e é raro encontrar-se uma d'estas arvores, que não junte ao valor da madeira uma porção de cera e mel. Os tapuios de Carmello & Barros, dirigidos por mim, derubaram uma vez duzentas e tantas d'estas magnificas leguminosas; para carregar uma escuna. Em quasi todas achámos grandes enxames, que obrigavamos por meio de fogo a desamparar o mel; tomavamos apenas alguns favos d'este e espalhavamos o resto

pela floresta. Quando saímos d'ali, depois de arrastadas as madeiras para a margem do lago, ficou o chão litteralmente coberto de cera virgem; e o mel corria em fio de todos os pedaços de madeira julgada inutil!

O pau de arco (*Bignonia chrysantha*, ou *pentaphylla*) é uma das mais formosas e das mais uteis arvores do Brazil. Em tupi chama-se ymira pariba. No Amazonas ha duas qualidades, sendo um roxo, outro amarello. Este é da varzea e aquelle da terra firme, porém apenas differem pela côr das flores, que umas são roxas e outras amarellas; ambas tem aroma suavissimo.

O pau de arco cobre-se inteiramente de flores quando despe as folhas, offerecendo-se então aos olhos sob o mais lindissimo aspecto, e espalhando, durante a noite, o cheiro das suas flores até ao meio dos rios e dos lagos. A madeira é excellente para construcções navaes e marcenaria.

LXIX

Cupahiba

Pag. 55, lin. 30

Cupahiba, copaúba, copahibeira ou pau de oleo é a *Copaifera officinalis*, de Linn. Ella abunda nas matas do Pará e não era raro antigamente encontrar-se arvore que desse cincoenta canadas de oleo. Infelizmen-

te o methodo empregado pelos tapuios para extrahir esse precioso liquido, mata quasi sempre as arvores. Abrem a machado um buraco enorme no tronco, e quando chegam ao oleo, fazem com cera uma especie de bica e comecam a encher os potes até esgotar a arvore. Depois desamparam-n'a; e as tempestades, que frequentemente revolvem as florestas, encarregam-se de a derrubar. Se é proximo dos povoados, aproveita-se a madeira para tábuas; se é longe, tem o destino commum dos vegetaes que vivem no deserto.

Os indios curam quasi todas as feridas com balsamo de cupahiba, e servem-se tambem d'elle para luzes.

LXX

Araçás

Pag. 56, lin. 21

Psidium araçá, variedade das goiabas, familia das myrtaceas; arvoreta vulgar no Brazil e cultivada hoje nos Açores e na Madeira. O fructo recebe o mesmo nome.

LXXI

Engáseiro

Pag. 56, lin. 22

Engá ou ingá é uma leguminosa, de que ha muitas especies; todas produzem fructos comestiveis.

LXXII

Tapajós e cambebas

Pag. 57, lin. 3

Chamavam-se tapajós os índios, que descendendo do Alto Perú, através das florestas profundas e sombrias do Brazil, foram estabelecer-se nas margens do rio que d'elles tomou o nome. Crê-se que descendiam de uma raça culta; porém o contacto com outras tribus ferozes e o afastamento absoluto da civilisação em breve os nivelou com os demais sylvicolas.

Cambebas são os descendentes dos antigos ~~omaguas~~. Omagua quer dizer, em lingua peruviana, cabeça chata, porque em pequenos lhos achatavam o craneo. Foram também índios emigrados do Perú, que desceram para o Amazonas e ali fixaram residência.

LXXIII

Folhas do jenipapeiro

Pag. 57, lin. 17

O jenipapo (*Genipa brasiliensis*, Mart.), é uma arvore do tamanho da nogueira, muito ramosa e folhuda, que nasce espontanea nas praias dos rios e nas bordas dos lagos do Amazonas. Dá fructos do tamanho e fei-tio de grandes limas, de côr esverdeada a principio, que se vão tornando pardos á medida que amadurecem. Algumas pessoas

comem-n'os com assucar; mas ainda assim me pareciam muito acidos e pouco agradaveis. Em quanto verdes, conteem um succo incolor, que se torna preto logo que secca; é uma das tintas com que se pintam os gentios. Da madeira do jenipapeiro fazem-se remos, fôrmas de sapatos, coronhas de espingarda, colhéres e bolas de bilhar. A raiz é purgativa.

LXXIV

Tartaruga levada ao collo do grande rio

Pag. 57, lin. 21

Em todo o Amazonas e seus confluentes se encontra abundancia de tartarugas; mas é principalmente depois que elle toma o nome de Solimões, da foz do Rio Negro para cima, que ellas se comprazem de ir desovar. (Veja no tomo I das *Artes e Letras* as minhas *Viagens pelo interior do Brazil*.) N'um artigo do *Almanach de Lembranças*, de 1852, lê-se o seguinte:

— «Nos rios Solimões e Madeira ha grandes bancos de areia, onde as tartarugas vão todos os annos desovar... as femeas vão no centro e os machos cobrindo os flancos!»—

Segundo a opinião d'este auctor os machos tambem põem ovos!

LXXV

Maracajá

Pag. 58, lin. 6

Maracajá é a *Felis pardalis*. (Veja a nota XXVI.)

LXXVI

Marinheiro!...

Pag. 61, lin. 2

Qualificação intencionalmente injuriosa, quando dada no Brazil a um portuguez.

LXXVII

Mandioca

Pag. 61, lin. 9

Sabem todos que da raiz denominada mandioca se faz a farinha de pau. Por ser a planta muito conhecida julgo desnecessario descreve-la.

LXXVIII

Jussáras de paxiuba para fazer um girau

Pag. 61, lin. 16

Jussára, jossára, juçara e jissara é a palmeira *Euterpe oleracea*, de Mart. conhecida vulgarmente no Pará pelo nome de assahyseiro, que produz o fructo de que se faz o vinho chamado assahy. (Veja a nota XXXIV do *Odio de Raça*.) As estacas ou ripas feitas do tronco do assahyseiro é que os indios chamavam jussáras; d'ahi proveiu a esta palmeira o nome de coqueiro jussára. De-

pois a denominação abrangeu todas as estacas feitas dos troncos de qualquer outra, e por isso se diz jussára de assahyseiro, jussára de paxiuba (*Iriartea exorrhiza*), e outras.

Girau ou jiráo é uma especie de xadrez feito no fundo das canôas para se pôr a carga em cima, sem que lhe chegue a agua que possa penetrar pelas costuras; grade suspensa no interior das casas dos indios para ter paneiros de farinha, roupas, cestos, etc.; e tambem sobrado de barracas formadas sobre estacaria nos logares alagadiços.

LXXIX

Vinho de cacau ou de taparibá

Pag. 62, lin. 5

O cacaoeiro (*Theobroma cacao*) é uma arvore de 3 a 4 metros de altura, que produz um fructo oval de 20 a 24 centimetros de comprimento, contendo dentro as sementes a que no commercio se dá o nome de cacau. Essas sementes tem adherente uma polpa branca agri-doe; deitando-as em agua e esfregando umas nas outras obtem-se uma bebida refrigerante e muito agradavel, mas que dura apenas um ou dois dias. Tambem se faz vinho de cacau fermentado; e já bebi em Lisboa algumas garrafas d'elle excellentes, que me foram mandadas pela

meu amigo dr. Antonio Henriques Leal, natural do Maranhão.

Taperibá, e n'outras provincias cajazeiro ou cajaeiro é a *Spondias lutea*, de Linn. No *Diccionario de Botanica Brazileira* vem descripta uma especie que é a menos commun no Pará. A que mais abunda n'aquella provincia e na do Amazonas dá os fructos semelhantes ás nossas ameixas compridas, amarellados e muito acidos. D'elles se extrahe vinho, mais agradavel no cheiro do que no gosto, mas que os naturaes não desdenham.

LXXX

Assahy

Pag. 62, lin. 8

Palma *Euterpe oleracea*, de Mart., a que já se referiu a nota LXXVIII. Do seu fructo extrahe-se uma bebida, igualmente chamada assahy, que tem grande consumo no Pará. (Veja notas do *Odio de Raça*.)

LXXXI

Jacitára

Pag. 66, lin. 3

Jacitára, acitára, titára (*Euterpe sarmen-tosa* ou *Desmonchus*) é uma palmeira singularissima por ser trepadeira. Tem o caule roloço, ornado de espinhos e as folhas lancioladas, alternas, igualmente espinhosas.

Dá as flores em pequeninos cachos, como as outras palmeiras; os fructinhos vermelhos, tamanhos como os da uva a que chamâmos bastardo, são globulosos e teem a amendoa oleosa. A jacitára, com quanto seja mais fragil do que a rota da India, emprega-se comtudo em cestos, paneiros, balaies, e principalmente em apertar o tabaco chamado do sertão ou de Borba, depois de convenientemente preparada para isso.

LXXXII

Piága

Pag. 67, lin. 2

Piága, pagé, mago, adivinhador, feiticeiro, padre, cantor, medico e curador. Sabio por excellencia entre os indios do Brazil. É elle quem, ao lado do chefe, incita os guerreiros para o combate, citando-lhes as façanhas da sua tribu e cantando as glorias d'ella, como os menestreis da idade media celebravam em presença dos senhores feudaes prestes a batalhar os feitos dos seus nobres antepassados. (Veja notas do *Odio de Raça*.)

LXXXIII

Flor de oláa

Pag. 67, lin. 3

Creio ser uma *Stratiotes* do genero *Pistia*. Nasce nas bordas dos rios e lagos do

Amazonas. Algum poeta gentio, captivado pela belleza d'esta flor, a consagrou á mãe ou deusa das aguas, que em tupi se chama Oiára. O fallecido Gonçalves Dias julgou que a palavra Oiára seria africana por não a ter achado entre os indios. Se o illustre poeta tivesse vivido com elles, convencer-se-ia, como eu, de que ella pertence á lingua tupi.

LXXXIV

Maracá

Pag. 67, lin. 3

Cabaço comprido, com pedras dentro, enfeitado com pennas e fio de tocum almecegado. É o instrumento symbolico do pagé, que o toca para chamar á ordem ou incitar o seu povo no ardor da peleja. (Veja notas do *Odio de Raça*.) Depois da victoria o piá-ga corôa o maracá de flores brancas e bor-rifa-as, assim como todo o instrumento, com o sangue dos vencidos.

LXXXV

Puraqué ou poraqué

Pag. 68, lin. 9

Gymnotus electricus. É um peixe carregado de electricidade, que abunda em muitos rios e lagos da America meridional, e apparece até no porto do Pará. Algumas

personas tem morrido ali afogadas, em consequência de choque electrico recebido dentro de agua, pelo contacto do paraqué.

LXXXVI

Camará-juba.
Pag. 68, lin. 14

De camara, lantana; e juba, amarella. (*Lantana flore aureo*). A allusão do gentio funda-se na circumstancia de que as flores d'esta especie de lantana vão mudando sempre de côr, desde o amarello desmaiado até o alaranjado purpureo.

LXXXVII

Sumanmeita
Pag. 68, lin. 21

Eriodendron sumatna, de Mart. Arvore que produz a sumatna do commercio. É alta, de tronco direito, grande copa e que se dá bem em todos os terrenos humidos, nas bordas dos lagos e dos rios do Amazonas.

LXXXVIII

Oipós
Pag. 69, lin. 1

Uns autores escrevem com o, outros com e; Constancio diz ser indifferente usar-se qualquer das duas orthographias; mas sen-

do a palavra, como é, de origem tupi, deve preferir-se cipó. Alguns missionarios ainda cedilhavam o c, com a intenção de tornar mais expressiva a pronuncia. Cipó significa raiz. A familia d'estas plantas é immensa e desconhecida ainda em grande parte. Con- vem advertir que o emmaranhado das flo- restas do Brazil não provém unicamente dos cipoaes. Não são elles os que mais dif- ficultam a entrada nas matas virgens, mas sim a immensidade de ramos e arbustos de todas as grandezas, que se cruzam e entre- laçam em todos os sentidos.

LXXXIX

Tacápes

Pag. 69, lin. 2

Tambem ha duvidas no modo de escre- ver esta palavra. Alguns põem o accentu agu- do na ultima syllaba, imitando os france- zes; eu ouvi sempre no Xingú e no Tapa- jós pronunciar tacápe.

Tacápe, tangapé, tangapema ou iverape- ma, são armas feitas de madeira rija e pe- sada, umas em forma de espadas, outras cylindricas, de tres gumes ou quadradas. (Veja a nota XL.)

XC

O ferro da minha tacuára

Pag. 69, lin. 17

Tacuára é o ferro da frecha, quando tem a fórma de punhal ou de lança. (Veja a nota IX e também as do *Odio de Raça.*) -

XCI

Troncos de aninga

Pag. 69, lin. 26

Arum leniferum, de Arr. Cam. Arbusto de 2 a 3 metros de comprimento, 6 a 9 centímetros de diametro, direito, cylindrico, de côr verde acinzentada, marcado de cicatrizes deixadas pelas folhas que teem caído; a substancia do caule é esponjosa, sumarenta, molle. N'esta substancia se acham numerosas fibras longitudinaes, compridas, grossas como a crina da cauda dos cavallos. O dr. Arruda Camara extrahiu d'essas fibras bom cordame, dotado de grandissima força. A aninga contém um acido que reage sobre os metaes e serve para limpa-los quando oxydados. As folhas da planta medem pouco mais de 6 centímetros de comprimento e a mesma largura na base. As flores são axillares e solitarias. O calice e a espatha mais longa que o espadice tem 36 centímetros. (*Diccionario de Botanica Brasileira.*)

As margens de alguns rios e lagos das provincias do norte do Brazil estão cobertas de aninga. Ha diversas especies e a mais commum no Amazonas dá fructos similhantes aos do ananaz, mas não são comestiveis. Os indigenas servem-se do tronco d'esta planta para jangadas, boias, alvos para atirar á frecha, etc.; e affirmam que o talo da aninga-apára, pisado, suspende e cura a gangrena.

XCII

Parintins

Pag. 70, lin. 2

Parintins ou parintintins são restos insignificantes de uma nação que habitam hoje o Solimões e o Madeira.

XCIII

Sucupira

Pag. 70, lin. 4

Sapupira, sibipira, sebupira, sepepera, sicupira e sucupira. (*Ormosia coccinea*, Jacq.) É uma arvore grandiosa, de lenho durissimo, que se emprega em vigamento, peças de engenhos, instrumentos de lavoura e construcção naval. O governo do Brazil prohibe o córte d'esta arvore, em consequencia d'ella ter applicação para obras nauticas; mas quem póde ir fiscalisar se a lei se cumpre

no interior das matas do Pará, povoadas de milhares de sucupiras?!

XCIV

Tatá Japinong

Pag. 70, lin. 10

Tatá, fogo; Japinong, onda.

XCV

Apiácas

Pag. 70, lin. 18

É um ramo da grande familia tupi, e talvez a unica tribu que ainda falla sem mistura de outros dialectos a lingua dos seus antepassados. Muitos auctores escrevem *apiacás*, pela mesma razão já dita *namota LXXXIX*.

XCVI

Apiába Acanhêmo

Pag. 70, lin. 17

Apiába, homem; acanhêmo, terror; como o gentio mesmo traduz.

XCVII

Comedores de carne humana

Pag. 70, lin. 23

Quasi todos os povos que habitavam o Brazil no tempo do descobrimento eram *anthropophages*. Depois, com o contacto dos brancos, foram-se polindo alguns; outros po-

rém conservaram até hoje bom appetite pela carne do proximo. Os muras não são d'este numero, mas o juruna pensa o contrario como inimigo.

XCVIII

Ajudei a incendiar a cidade dos brancos... e á matança dos seus marchaes

Pag. 70, lin. 26

Refere-se á cidade do Pará, destruida em parte pelos cabanos, e aos assassinatos do presidente da provincia, general das armas e commandante da marinha, em 7 de janeiro de 1835. (Veja notas ao *Odio de Raça.*)

XCIX

Muruxi e urucú

Pag. 71, lin. 6

Muruxi, mureci, murusi e murici (*Byrsonima chrysophylla?*) são arvores que se criam na terra firme e nas bordas dos lagos do Pará. A casca d'ellas emprega-se na tinturaria e serve tambem para os indios pintarem o corpo.

O urucú (*Bixa orellana*) bem conhecido na Europa, dá-se em quasi todas as provincias do Brazil, e só a do Pará exporta annualmente mais de 100:000 kilogrammas.

C

Praia dos cajueiros

Pag. 71, lin. 19

O *Anacardium occidentale*, que o nosso padre Simão de Vasconcellos diz ser a mais aprazível e graciosa de todas as arvores da America, e porventura de todas as da Europa, não é o mesmo que orna as praias do Curumú e as de alguns rios confluentes do Amazonas. Este é o cajuhy, cajuin ou cajú do mato. A arvore é menor do que a do cajú verdadeiro, mas os seus fructos são talvez mais doces e mais agradaveis que os d'aquelle. Deve advertir-se que o que vulgarmente chamam fructo não é mais que o desenvolvimento do pedunculo floral. A parte reniforme, que adhire aos ramos, chamada castanha de cajú, é que é o fructo.

CI

Frecha de guerra cravada na mungubeira

Pag. 71, lin. 21

Usam os indios diversas maneiras de declarar a guerra, começar as hostilidades e acceitar ou propor duellos singulares. Os jurunas arremessam aos pés do adversario qualquer ramo quebrado na presença d'elle; cravam-lhe uma frecha na porta da habitação, ou n'alguma das arvores proximas a ella; e, quando vencidos, quebram e deitam

fóra as armas, pondo as mãos na cabeça em signal de afflicção e desanimo. Estudando o selvagem e alguns dos animaes que se encontram nos matos onde elle habita, acham-se entre ambos singulares pontos de contacto. Os macacos, feridos gravemente, fazem os mesmos gestos e dão iguaes demonstra-ções de desespero ás que manifestam os indigenas depois de perdida a força moral!

Apesar de haver na cidade do Pará uma bella estrada, chamada das mungubas, magestosamente ornada por dois renques d'estas magnificas arvores, o auctor do *Diccionario de Botanica Brasileira* não dá certeza se a munguba é o *Bombax semiguttifera*; e em nenhum outro livro de sciencia a vi ainda classificada. Dentro do seu fructo, especie de cabacinha, interiormente dividida em cinco lojas, criam-se as sementes cobertas de pêllo pardo, que é muito procurado para colchões, travesseiros e almofadas, e julga-se ser mais fresco do que o da sumáma.

CII

Primeiro canto da saracura

Pag. 71, lin. 22

Gallinula plumbea, Vieill. *Saracura*, de Spix. *Saracura* é termo da lingua omagua. Baena descreve-a assim: — « Anda pelas margens dos rios, come peixinhos, bichinhos,

e arroz; fabrica o ninho sobre os arvoredos; é verduenga no corpo, nas pernas verde, e os olhos pretos e mui scintillantes de maneira que parece ter côres differentes. A carne é saborosa. Os indianos chamam a esta ave gallinha de mato, porque o macho canta ás mesmas horas que os gallos; e dizem que as saracuras prognosticam chuva quando cantam, e que tambem cantam na reponta da maré.» — (*Ensaio Chorographico sobre o Pará.*)

AO SEGUNDO ACTO

I

Murtas e assucenas

Pag. 73, lin. 6

A murta do Pará é de muitas variedades, mas lembro-me apenas de duas: a *Eugenia lucida* e a *Myrcia campinaria*, de S. Hil. Uma d'ellas, não me lembro qual; tem as folhas miudas e cobertas de felpa; as da outra são maiores, claras, lisas e lustrosas.

As assucenas dos lagos de Alemquer, a que se refere esta nota, não são as plantas bulbosas da familia das amaryllidaceas. Pertencem a um genero de arbustos fibrosos,

cuja classificação ignoro. As suas flores são grandes, de um branco purissimo, tendo o cheiro e a fórma da assucena verdadeira, porém faltando-lhe todos os outros caracteres da familia d'esta.

II

Mulher e branca apaixonada por um indio

Pag. 74, lin. 1

O facto não era novo, mas assim mesmo assanhou algumas pessoas que viram representar o *Cedro Vermelho*. Entre varios exemplos citarei apenas o seguinte, por se ter dado no Pará em 1840, e haver ainda hoje, cá e lá, muita gente que se deve lembrar d'elle.

Um preto barbeiro (note-se, que nem mesmo era indio!) de feições horriveis e traje ridiculissimo, captivou uma formosa branca e veio a casar com ella. Mestre Antonio accumulava com o de barbeiro o officio de curandeiro e fazia as suas visitas de chapéu armado, como os do tempo de Nicolau Tolentino, todo preto e de grandeza descommunal; casaca, colete, e calção, afivelado no joelho, tudo da côr do chapéu; pernas nuas e descalço. Completava-se com um enorme guarda sol de panninho azul, que usava como simples objecto de luxo, porque o trazia sempre debaixo do braço, embora o calor fosse

de rachar penedos e a chuva de fazer dilúvios.

Imagine-se como um filho da costa de *Mina*, assim ataviado e nada joven, seria susceptível de inspirar o mais terno dos sentimentos humanos! Pois houve uma branca, assás formosa, e, diga-se a verdade, assás philosopha, que lhe deu o titulo de esposa! É certo que os casamentos d'esta natureza não são vulgares no Brazil; mas as relações entre brancas e homens de côr existem mais ou menos em todos os climas quentes. (Veja adiante a nota XXXII.)

III

Oh ! moço bello, não te fies muito
Pag. 80, lin. 19

O formose puer, nimium ne crede colori.
Alba ligustra cadunt, vaccinia nigra leguntur.

A traducção do texto é de Leonel da Costa.

IV

Soldados desertores... que se reuniam aos assassinos
para roubar de sociedade
Pag. 81, lin. 18

É sabido como a maioria dos denominados cabanos se compunha de facinoras, aptos para todos os crimes. Expulsos da cidade do Pará, internaram-se no sertão e divididos em pequenos bandos continuaram flagellando

a provincia. O presidente d'esta enviava de vez em quando destacamentos em perseguição d'elles para todos os rios, onde lhe constava que appareciam. Succedia porém ás vezes, que os soldados, não só se associavam com esses malfeitores, mas depois de os terem destruido os ficavam substituindo em alguns logares! Referirei um caso que se passou commigo.

Em 1841 construia-se uma escuna, por conta da casa Carmello & Barros, na margem direita do Xingú, proximo á foz do Curauatá. N'um sabbado á tarde todos os mestres e tapuios de casa pediram licença para irem passar a noite e o dia seguinte a uma aldeia da margem occidental, onde se fazia a festa de S. Thomé ou do Espirito Santo. Em casa ficaram apenas José Antonio Carmello, portuguez, que teria trinta annos de idade; uma senhora branca, ainda moça, com um filhinho de collo; um preto de oito ou nove annos; e eu, que teria quatorze, e me achava empregado como caixeiro dos citados negociantes.

O lugar era inteiramente deserto; a casa, construida de terra e estacas, e coberta de palha, estava situada quasi á borda do rio, no sobpé de uma collina. Os vizinhos mais proximos ficavam a distancia de meia legua, na embocadura do Curauatá, onde Ricardo

Feio, natural de Lisboa, tambem construia um navio. Alem dos individuos acima ditos, havia em casa de Carmello & Barros um grande cão, de raça dinamarqueza, que a communitade de infortunio me tinha associado como unico amigo. Chama-vam-lhe Rabicho em vez de rabão, por lhe terem cortado a cauda! Este infeliz fôra da cidade com Manuel de Lima Barros, socio de Carmello; e os marinheiros, entre outras judiarias com que o atormentaram por distracção, brearam-n'o e alcatroaram-n'o, sob pretexto de o tornar impermeavel. Chegado ao Xingú, deixou-se ficar ali, quando o navio voltou para a cidade, vivendo do acaso, moído por todos com pauladas, porque a fome o tornava ladrão, e repellido sempre por causa da sua figura pouco sympathica, das feridas crueis que lhe tinham feito, da sua magreza repugnante e do seu character insociavel, azedado pelos maus tratos. Por acaso ou por uma tal ou qual identidade de destinos, reparámos um no outro e insensivelmente nos approximámos. Rabicho começou a seguir-me por toda a parte com solicitude, atirando-se aos rios onde me via saltar para tomar banho, nadando ao meu lado sem nunca me perder de vista, não me permitindo grande demora dentro da agua, explorando as florestas adiante de mim, cada

vez que eu n'ellas entrava, e velando-me emquanto eu dormia. Grato a estas demonstrações, retribuia-lh'as com metade da minha ração; tosquiei-o cuidadosamente, livrando-o da cobertura de breu; curei-lhe todas as mazellas; e quando lhe cresceu novamente o pêllo, ensaboava-lh'o com frequencia, lavando-o por vezes com agua de plantas aromaticas. Ao cabo de pouco tempo o animal tornára-se inteiramente diverso do que fôra e ligára-se a mim com uma afeição, que só acabou com a sua morte.

Na noite a que me refiro tinha eu adormecido no copiar da casa, especie de telheiro saliente para o lado do rio, onde o calor excessivo do clima me obrigava por vezes a atar a rede. No melhor do primeiro somno, senti que me sacudiam, e, acordando, vi o cão que me agarrava as bordas da rede, agitando-a com violencia. Como n'aquelle tempo não havia noticia de se ter manifestado a hydrophobia no Brazil, julguei que Rabicho se divertisse commigo e empurrei-o com os pés, preparando-me para adormecer novamente. Vendo esta disposição, o intelligente animal, que tinha a grandeza dos maiores da sua especie e raça, metteu-se debaixo da rede, e, suspendendo-a, deitou-me ao chão; em seguida correu para fóra do copiar, voltou atraz, tornou a sair e a en-

trar, como convidando-me a segui-lo; e tudo isto sem ladrar e sem fazer o menor ruído! Levantei-me furioso, com intuito de puni-lo pela inoportunidade dos seus gracejos, quando me pareceu ouvir rumor do lado de traz da habitação. Fazia luar, claro como se fosse dia; Rabicho, notando que eu tomava a attitude de quem escuta, soltou um rugido surdo e correu novamente para fóra.

— Avança, cão!

A este grito, dir-se-ia que um obuz o tinha arremessado contra a collina, e que lhe saía da garganta a voz dos trovões! Compreendi então a causa por que elle me acordára, e todos os seus esforços para me advertir de um perigo imminente. Entrei logo em casa, fechei a porta por dentro, chamei Carmello, e accendi um candieiro.

— Que é?

— Não ouve o Rabicho? Penso que são ladrões!

— Ladrões?

— Tem-se dito que no Xingú anda uma quadrilha de cabanos e de soldados desertores...

Carmello, que tinha no quarto seis ou oito armas de munição, ergueu-se de um pulo, acordou a mulher, e abrindo uma grande caixa de folha de Flandres, onde tinha mil cartuchos embalados, ensinou-a a carregar

as armas com grande rapidez. Depois voltando-se para mim:

— O senhor sabe atirar?

Como eu hesitasse em responder, acrescentou:

— Tem medo?

— Ainda não sei bem de que se trata...

— Ah! trata-se simplesmente de nos tirarem a pelle.

— Isso é serio?!

— Vae ver.

— Estas espingardas darão grande couce? Se tivesse alguma mais pequena?...

— A occasião é boa para escolhas!

E dirigindo-se outra vez á mulher:

— Á medida que eu as for descarregando, faz assim... vê que fiquem bem escorvadas e vae-m'as pondo a geito.

Mordia os cartuchos, escorvava as armas, que eram todas de pederneira, mettia-lhes as cargas, batia com as coronhas no chão e em menos de um minuto as tinha todas promptas e encostadas á porta que do lado de traz da casa deitava para a encosta.

— Se não quer morrer, vá fazendo o mesmo que eu fizer. Tira essa luz para traz da parede; convem que não nos vejam, nem saibam se somos muitos ou poucos. Como o Rabicho trabalha!

Effectivamente, o cão avançava com fu-

ria, segundo os seus latidos nos annuciavam.

— O senhor ha de abrir a porta muito devagarinho; como o luar vem do rio, a sombra da casa projecta-se para a encosta; assim que abrir, deixe-me manobrar, mas atire tambem, se gosta de viver... Tome sempre cuidado, não me mate a mim!

Abri a porta, como elle ordenára, e avistei 'uns poucos de homens, querendo encobrir-se com um grupo de pequenas arvores que havia a meia subida da collina, e defendendo-se do cão que os accommettia sem cessar. Carmello deu quatro tiros seguidos, fazendo pontaria ao bando; eu descarreguei tambem duas ou tres armas, emquanto a mulher de Carmello carregava com rapidez admiravel e varonil sangue frio as espingardas que o marido largava. O cão, sentindo-se mais forte com o nosso apoio, atacava com maior bravura.

— Mata esse diabo com uma baionetada!
— gritou um dos assaltantes.— Mata! e avancemos á casa!

— Ai!

— Mata! Mata!

— Ai! Ai!

— Atira, diabo!

— Fugamos, que são muitos!

Estes gritos foram soltados pelos saltea-

-dores quasi todos a um tempo. Aos nossos tiros respondeu apenas um, cuja carga de chumbo foi cravar-se toda ao lado da porta, sem que nos tocasse um bago.

— Fogo, rapazes! Fogo n'aquelles cães! Avança, Rabicho! Ahi, cão! Aboca! Aboca!

Gritando assim, Carmello atirava com tanta rapidez, que os assaltantes desapareceram de corrida no alto da collina, perseguidos sempre pelo cão, que apesar de ferido não os largou senão depois de o chamarmos repetidas vezes. Pelos gritos e gemidos que ouvimos, ficámos suppondo, que as nossas balas nem todas se perderam e que Rabicho tinha marcado bem alguns dos ladrões. Revistando-o, logo que elle chegou ao pé de nós, achámos-lhe a bôca cheia de sangue e fragmentos de pelle humana, misturados com fios da roupa dilacerada, conjunctamente com as carnes.

— Coitado! — exclamou Carmello, que o examinava. — Fizeste bem o teu dever!

— Devemos-lhe a vida! — acrescentei eu, afagando-o. — Se elle me não acordasse, estavamos servidos!

— Ah! foi elle?!

Referi a Carmello como as cousas se tinham passado.

— Todos se portaram bem! Eu penso que matei dois d'aquelles cachorros.

— Eu atirei ao monte...— E conclui comigo:— Fechando os olhos!

— Agora é arriscado irmos ver o effeito dos nossos tiros. O Ricardo Feio deve tê-los ouvido na sua feitoria, e, provavelmente, mandará alguém pela manhã saber o que foi.

— Talvez se persuadisse de que eram salvas que nós dávamos, festejando o dia em que se poz a primeira tábua do costado?...

— Isso é verdade... Aqui não se faz nada sem descargas ou sem foguetes! Maldito costume dos tapuios!... Se a gente quizer pedir alguma vez soccorro, ninguém percebe!

— Quem sabe se os ladrões não iriam também assaltar a feitoria do Ricardo?!

— É possível... Mas elle não ha de ter sido tão asno como eu, que deixei ir os carpinteiros todos para a outra banda, sabendo que o Xingú anda ha dias mal assombrado!

— Pobre Rabicho! Tem umas poucas de picadas no cachaço, e está perdendo muito sangue!

— Vá lava-lo com sal e vinagre, que eu, pelo seguro, fico aqui de sentinella até amanhecer. Dá cá o meu cachimbo, e arranjam café.

Fiz o curativo ao cão, que protestava da-

drando dolorosamente contra a brutalidade do medicamento; mas, comprehendendo sem duvida que era para seu beneficio, não me recompensou, mordendo-me, como poderia fazer qualquer creatura de certa especie que sabemos... Depois voltei com elle para junto de Carmello e ficámos conversando e fumando até pela manhã; é claro que Rabicho não tomou parte nos nossos prazeres e distrações, comquanto fosse tão digno como qualquer outro de se associar a ellas; mas tinha profundo horror ao café, e não era mais tratavel com o tabaco.

No dia seguinte pela manhã subimos a collina e achámos a terra revolvida de meia encosta para cima, e as folhas que a junçavam abundantemente regadas de sangue. Como não apparecesse ninguem, embarcámos todos n'uma canôa e fomos á feitoria de Ricardo Feio. Encontrámo-lo em casa, com todos os seus tapuios, e referimos-lhe os successos da noite. Os nossos tiros tinham sido ouvidos; porém, como eu suspeitára, attribuiram-n'os a causas festivas. Logo que souberam o verdadeiro motivo, armaram-se e partiram connosco para a feitoria de Carmello. Chegados ali, seguimos, guiados pelo cão, o rasto do sangue, perfeitamente visivel; e depois de termos andado por espaço de uma hora através da floresta, descemos

novamente para a beira do rio. Ahi notavam-se na areia não só os vestigios sanguinolentos como as piugadas de muitos homens. Pareceu-nos, pelo exame a que procedemos, que os facinoras não seriam menos de vinte! Apesar de nós não sermos tantos, como íamos armados e sabíamos por experiencia que elles tinham apenas uma espingarda ou que lhes faltava polvora e bala para se servirem de outras, continuámos a dar-lhes caça. Mais adiante havia uma corôa de areia, separada da margem por um canal que teria meia duzia de braças de largura. As piugadas sumiam-se na agua em direcção a essa pequena ilha. Rabicho atravessou o esteiro e começou a cavar do outro lado. Como o passo era facil, fomos atraz d'elle e em poucos segundos o vimos descobrir o cadaver de um homem agigantado, que lhe ajudámos a desenterrar. O morto era mulato e vestia a fardeta de soldado de um dos regimentos que das outras provincias haviam ido em auxilio do Pará. Tinha o peito varado por duas balas e uma das pernas dilacerada pelos dentes do meu guarda fiel. O rasto dos que fugiam desaparecia no fim do areial, á beira do rio. Provavelmente ali os esperára a canôa em que tinham vindo e na qual reembarcaram; mas os signaes de sangue e a impressão de

alguns passos mais profundamente marcados na areia, indicavam que o morto deixado não fôra o unico ferido pelas nossas balas. Talvez que outros corpos fossem confiados ao Xingú, cujos monstros sabem ás vezes guardar melhor um segredo do que as sepulturas da terra. O certo é que nunca mais ouvimos fallar dos que foram nem dos que ficaram.

Este facto não foi unico; houve diferentes assaltos d'esta natureza, e nem sempre os malvados encontraram para recebe-los homens com a bravura e sangue frio de Carmello. Muitas canôas dos negociantes chamados regatões foram tomadas por elles, roubadas e desamparadas ás correntes dos rios, depois de assassinadas as guarnições. E se não fôra a justiça summaria e a energia do general Andréa, presidente da provincia, só Deus sabe como e quando esta se veria livre dos malfeitores cabanos e seus associados!

O cão Rabicho seguiu ainda durante algum tempo a minha fortuna pelo Amazonas; e quando uma doença prematura me privou da sua affeição, reguei com lagrimas sinceras a sepultura que lhe abri na costa de Paricátiba, na margem direita do Amazonas, consagrando á sua memoria os primeiros quatro versos que escrevi e foram

gravados a formão n'uma lapida de itaúba:
(*Acrodictidium Itaúba*).

V

Estar só um de sentinella á cadeia e não haver outro
para o render

Pag. 82, lin. 10

Quando eu estive em Alemquer acontecia isto com frequencia. Não me lembro da organização que ali tinha n'esse tempo a policia, mas recordo-me perfeitamente de que era como se não houvesse nenhuma. Os soldados encarregados de manter a ordem publica eram tapuios, uns naturaes da villa, outros das vizinhanças; e talvez que a maior parte de arribação. Como era natural, todos elles tratavam o serviço do estado como o dos patrões: fugiam, mudavam de nome, largavam a sentinella para ir ceiar com a familia; e, se apertavam muito com elles, soltavam os presos confiados á sua guarda e iam-se embora todos juntos. Era uma verdadeira patuscada, que o coronel Duarte luctou muito tempo para reformar, e penso que o conseguiu por fim, depois da minha partida.

N'uma occasião em que todos os indios empregados na casa de Carmello & Barros iam fugir, roubando os negociantes e a mim, vi-me obrigado a usar de varias manhas a

fim de os poder prender; mas depois de metidos na cadeia, achou-se apenas um soldado disponível para os guardar, e eu tive que ficar por vezes de sentinella enquanto elle dormia, e de levar de comer aos presos para que não soffressem fome! Por fim, soltei-os para me livrar de trabalhos.

Não se julgue porém que Alemquer fosse um viveiro de crimes. Durante os dois annos que lá residi houve só um caso grave entre dois indios mansos, que se esfaquearam horivelmente; mas isso mesmo não foi dentro da povoação.

VI.

Os cabanos se apressaram do Pará em 1895!...

Pag. 83, lin. 18

Sobre este assumpto veja as notas XLVII do *Odio de Raça*.

VII

Peixe-boi

Pag. 85, lin. 11

O peixe-boi (*Manatus australis*), em tupi, goarabá, é um mamífero, da ordem dos cetáceos herbívoros, famoso pela circumstancia de ser a elle que os antigos davam o nome de sereia, boi-marinho, vacca-marinha, etc. Tem o corpo pisciforme, terminando por uma barbatana simples, oval e horisontal. As barbatanas anteriores, apesar de achatadas e membranosas, compõem-se de

cinco dedos que formam sob a pelle mãos verdadeiras. D'ahi lhes provém talvez a denominação de *manatus*. Estes animaes attingem o tamanho de 6 metros e podem pesar até 4:000 kilogrammas! As femeas teem peitos como os da mulher, que quando entumecidos e salientes, durante o periodo da gestação, lhes adquiriram tambem o nome de peixe-mulher. O peixe-boi vive nos mares e rios dos paizes quentes; o da America, typo do genero, encontra-se desde a embocadura do Orenoco até á foz do Amazonas. A sua carne é excellente para comer, assimilhando-se no gosto á do porco; o leite, de agradável sabor; e a banha, que é adocicada, conserva-se perfeitamente, applicando-se para os mesmos usos que tem o unto e servindo tambem para luzes. A pesca do peixe-boi é bastante difficil por causa do ouvido delicado com que o dotou a natureza. Mata-se com o arpão, e raras vezes por meio do anzol.

Na Europa teem-se achado fragmentos fósseis d'estes peixes.

VIII

Tucunaré, arauaná, surubim e tambaqui

Pag. 85, lin. 12

São peixes, cujas classificações ignoro, que se encontram no Xingú e seus afluentes, bem como nos do Amazonas. O tucu-

naré, do tamanho de um pequeno pargo, mas mais escuro e menos largo, tem no rabo uma especie de mancha azulada e côr de oiro, a que os indios chamam estrella; o aruaná, chato como o peixe espada, é amarello esbranquiçado e por vezes vermelho ou côr de rosa; o surubim, azul escuro, do tamanho e talvez do feitio do congro; o tambaqui é quasi preto e não me lembro de outro peixe a que possa compará-lo senão a tainha ou fataça, que dá uns longes d'elle. D'estas quatro especies o tucunaré e o tambaqui são os mais saborosos.

IX

Bater timbó e pescar de todas os modos

Pag. 85, lin. 13

Timbó, timbó açu e timbóhi são cipós, que, pisados e deitados na agua, embebedam o peixe como o trovisco, a coca e o barbasco. N'outros logares do Brazil usa-se tambem do tingui (*Phaeocarpus*, Mart.) que produz iguaes resultados. Entre as differentes variedades de timbós ha alguns venenosissimos, sendo dos peiores o timbó titica; alguns, como o cipó cruapé vermelho (*Paulinia pinnata*) dão lindissimas flores.

O modo por que os indios pescam com o timbó é em tudo parecido com o que na Europa se usa: pisa-se uma porção d'aquella

planta, espreme-se na agua junto ás bordas dos rios ou lagos, e passado pouco tempo o peixe embriagado vem ao de cima e mata-se facilmente. Escolhem-se sempre os logares menos profundos, e onde não haja corrente para esta pescaria. Nos sertões do Pará e Amazonas não é difficil apanhar peixe, mesmo sem ser á linha, rede, arpão, frecha ou timbó. Tapam-se os riachos, onde chega a maré, na occasião de preamar, e quando ella baixa fica o peixe em secco; n'outros sitios mandam-se bater as aguas dos pequenos rios ou lagos, como se faz á caça nos matos, e mata-se a terçado nos pequenos canaes ou baixios; nos terrenos que a maré ou as cheias do inverno inundam, ficam depois grandes poços tão cheios de peixe que se póde carregar uma canôa. Por vezes me aconteceu, nas ilhas de Macapá, deparar com alguns d'esses aquarios naturaes e em vez da paca ou cotia, que procurava, volver vergando com o peso de uma enorme enfiada (cambada se diz ali) de jejús e tarauyras! No Xingú costumavamos deitar as linhas de noite no rio, atando-lhes as pontas nos punhos das redes em que dormiamos; d'ahi a pouco, duas ou tres sacudidelas nos avisavam de que era tempo de as alarmos; mesmo deitados, tiravamos a presa do anzol, iscavamo-lo de novo com fructos silves-

tres, e atirando-o outra vez ás piranhas impacientes, retomavamos o somno interrompido até que ellas tornassem a acordar-nos. E ha gente que passa fome n'aquelle paiz, gente que raras vezes come carne ou peixe e se sustenta apenas com farinha de mandioca molhada em agua do rio!...

X

Jutahi preto
Pag. 93, lin. 14

Os jutahis (*Hymenæas*), são as leguminosas de que se extrahe a gomma copal a que os indios chamam jutahycica, de jutahi, arvore; e ycica, gomma resina, grude ou solda. Ha muita diversidade d'estas arvores, cuja madeira, pesada e rija, se emprega em gangorras, mesas, esteios, eixos e outras obras de engenhos. Os selvagens fazem canôas da casca do jutahi.

XI

Sapucaias
Pag. 93, lin. 17

A sapucaia (*Lecythis ollaria*, Linn.) é uma das mais bellas arvores da familia das myrtaceas.— É elevada, vegeta nas matas virgens, tem a casca grossa e fendida. As folhas lancioladas, grandes, pontudas para o apice, e, na base, subcordiformes, coriáceas e alternas. As flores em pequenos grupos,

similhantes a uma rosa, de côr branca rosas, tendo uma pétala concava no centro, lacineada, e de cheiro agradável. O fructo assimilha-se a um côco de fôrma oval, com um resalte annular, que naturalmente dá abertura ao fructo. Seu tegumento externo é osseo, de 3 decímetros de espessura, abre-se pela parte superior, e deixa ver uma porção de sementes ovaes, do tamanho de um ovo de pomba, de côr branca suja, envoltas em uma substancia polposa, oleosa, branca e tenra, contida nas cavidades onde estão as sementes. Esta polpa é comestivel; as sementes encerram uma amendoa que é tambem comestivel. Chama-se *Pilão de Sapucaia* ao esqueleto do fructo, o qual, despidido da sua massa interna, apresenta um espaço vazio, que o faz parecer um pequeno pilão ou um almofariz, e que nos sertões tem o seu prestimo.» — (*Diccionario de Botanica Brazileira.*)

A *Lecythis grandiflora* ou sapucaia do Amazonas tem as flores côr de rosa. Os indios chamam-lhe panella de bugio. Sapucaia em tupi quer dizer gallinha, e não sei que affinidade exista entre o animal e a arvore, nem me arrisco a inventa-la como teem feito alguns auctores mais sabios e mais audaciosos.

XII

Cambuy

Pag. 94, lin. 5

Cambuy ou camboim (*Eugenia tenella*, D. C.) é um arbusto de tronco ramoso e lizo, ramos verticaes, folhas pequenas, estreitas e lustrosas, dando abundantissimas flores brancas e cheirosas, em feixes, que occupam todos os pontos da axilla das folhas e ramos. O fructo é globuloso, de 1 a 3 centimetros de diametro, coreado pelos fragmentos do calice, de côr roxa ou vermelha escura, quando maduro.

Alem d'estes dados, extrahidos do *Diccionario de Botanica Brasileira*, acrescentarei, que apesar de muito adstringente esse fructo é comido pelos jurunas. Parece-me ter visto nos Açores um myrto inteiramente semelhante a este, no magnifico jardim do sr. José do Canto, em S. Miguel.

XIII

Os homens da minha nação preferem a morte ao cativeiro

Pag. 94, lin. 10

Assim como certos animaes se não dobram á domesticidade, tambem ha raças de homens, que, privados da liberdade e do ar que na infancia respiravam, succumbem como os irracionais indomaveis. Não affirmo se os jurunas pertencem a essa classe; mas

é certo que nunca vi nenhum ao serviço dos brancos.

XIV

Tucano

Pag. 95, lin. 10

Gabriel Soares de Sousa descreve assim o *Rhamphastos discolorus*:

— «Tucanos são outras aves do tamanho de um corvo; tem as pernas curtas e pretas, a penna das costas azulada, a das azas e do rabo anilada, o peito cheio de frouxelo muito miudo de finissimo amarello (alaranjado esplendido, quasi vermelho) o qual os indios esfolam para fôrro de carapuças; tem a cabeça pequena, o bico branco e amarello, muito grosso, e alguns são tão compridos como um palmo, e tão pesados que não podem com elle quando comem, porque tomam grande bocado, com o que viram o bico para cima, porque não póde o pescoço com tamanho peso, como teem. Criam estes passaros em arvores altas (nos buracos d'ellas) e tomam-n'os novos para se crearem em casa; os bravos matam os indios á flecha, para lhes esfolarem o peito cuja carne é muito dura e magra.»—(*Tratado Descritivo do Brazil.*)

Estas aves parece que pronunciam no seu canto gritador as duas syllabas tu-can, muitas vezes repetidas; e d'ahi proveiu naturalmente o seu nome indigena. Houve

tempo em que as senhoras brasileiras e as das republicas hispano-americanas usavam diversos enfeites de pennas de tucano. O meu bom e velho amigo Agostinho José de Almeida enviou-me do Pará dois sceptros magnificos de reis gentios, feitos com ellas; e disse ha tempos um jornal francez, que fôra offerecido a Sua Magestade o Imperador um formosissimo vestido, tambem fabricado com essas pennas.

XV

Entoarei o canto da partida

Pag. 95, lin. 12

Os indigenas, apesar de serem profundamente tristes e de se sorrirem raras vezes no estado selvagem, teem, comtudo, cantos apropriados que entoam quando partem de uns para outros logares ou quando tentam emprezas guerreiras. Parece ser este uso caracteristico de todos os povos primitivos.

XVI

Jasmins vermelhos, brancos, azues, côr de oiro

Pag. 95, lin. 20

Penso que a maioria das plantas que no Brazil se designam com o nome de jasmins nada teem do commum com elles.

XVII

Guaperé e Juruena

Pag. 96, lin. 5

Guaperé, de gua, campo florido; e paré, cataracta. Cataracta do campo florido, talvez por allusão á planície, onde corre ao sair do berço o rio Guaperé. Primitivamente seria esse terreno campina de flores; hoje é bosque formado de arvores seculares. Este rio nasce ao occidente das cabeceiras do Tapajós, junto á serra dos Paricis, e corre através da provincia de Mato Grosso.

O Juruena tem as suas fontes na mesma latitude e é o primeiro rio que unindo-se com o Arinos vae engrossar as aguas do Tapajós.

E' claro que não tomo a responsabilidade do traçado que o indio está fazendo a Mathilde, para regressar ao Xingú. Seguindo aquellas indicações teria elle que descrever uma curva immensa, andando tres ou quatro vezes mais do que lhe era necessario; mas é provavel que tivesse motivos poderosos para dar a preferéncia a esse caminho, que não só era já seu conhecida, como talvez lhe evitasse encontros desagradaveis.

XVIII

Tucuruí

Pag. 96, lin. 8

Rio que nasce na região habitada pelos jurunas e desagôa na margem occidental do Xingú. (Veja as minhas *Viagens pelo interior do Brazil*, no segundo anno das *Artes e Letras*.)

XIX

Palmeiras que defendem a taba juruna

Pag. 96, lin. 11

Em vez da estacada de jussáras ou tabocas com que algumas tribus defendem as suas povoações, costumam outras semear palmeiras, de tronco alto e direito, formando assim tranqueiras naturaes. As dos jurunas eram de jussáras, e não vi nunca nenhuma de outra especie; affirmaram-me porém que as havia, mesmo no Xingú.

XX

Crescem o cravo e a salsa como aqui o algodoim

Pag. 96, lin. 27

© cravo é a *Litsea guianensis*, de Aubl., que abunda nas matas do Pará e Amazonas, e cuja casca tem na Europa o nome de *Cassia caryophyllata*. Salsa é a não menos conhecida *Smilax salsu parviflora*, de Linn.

Algodoim, diz Baena ser uma arvoreta,

semilhante ao algodoeiro, que produz algodão amarello mui proprio para gangas.

XXI

O curimbó e o guaraná penduram-se dos ramos das seringueiras
Pag. 97, lin. 1

Curimbó ou corimbó (*Argylia applicata?*) é um cipó aromatico, de côr avermelhada, que se cobre de flores rubras.

Dos fructos da *Paullinia sorbilis*, amassados com agua e tapioca, fazem os indios uma especie de massa, que depois de secca fica muito dura, á qual dão, como á planta, o nome de guaraná. Martius foi o primeiro que a estudou chimicamente em 1826, achando-lhe differentes principios elementares. Os indigenas dão á massa do guaraná feitiços de fructos e animaes; porém o modo mais vulgar por que ella vem ao commercio é em fórma de rollos grossos, com pouco mais de 1 palmo de comprimento. Para se usar, rala-se com uma lingua de piracú e toma-se com agua e assucar. Passa por grande refrigerante, estomacal, antifebril e aphrodisiaca; excita o systema nervoso gastro-intestinal, impede a evacuação superabundante de muco, desperta o movimento do coração e das arterias e augmenta a diaphorese, segundo affirma o auctor do *Diccionario de Botanica Brasileira*.

A seringueira (*Syphonia elastica*) é a arvore da borracha, de que são riquissimas as provincias do Pará e Amazonas. No tempo em que eu lhe consagrei cinco ou seis mezes da minha vida, procedia-se do seguinte modo para extrahir a gomma elastica:

Saímos do Pará n'uma grande canôa, levando todos os artigos necessarios para o fabrico e para consumo dos trabalhadores, que se chamam seringueiros, assim como se chama seringa ao leite coalhado da seringueira. Nas ilhas de Gurupá apanhamos a porção de caroço do fructo da palmeira urucuri (*Attalea excelsa*), sufficiente para o tempo que deviam durar os trabalhos, e partimos para o Xingú. Passada a ilha de Santa Maria começámos a ver por entre a massa de verdura, que povoa as terras planas da margem oriental, destacarem-se as folhas lustrosas da *Syphonia*, que brilhavam, agitadas pela viração, reflectindo o sol do meio dia. Aproximamos a terra, proximo á foz de um rio, que depois verifiquei ser furo ou canal, e entrámos na floresta. As arvores que fomos reconhecer já não eram virgens nem chegavam para toda a nossa gente; havia comtudo annos que tinham sido sangradas, e pareciam tão abundantes de leite, que se resolveu deixar ali

parte da gente da expedição, enquanto o resto seguia pelo rio acima, procurando local apropriado para outra feitoria.

Ficaram seis tapuios e eu, tratando-se logo de fazer a casa para residirmos, pelo processo simples e summario dos indigenas. Escolhemos o ponto que nos pareceu mais agradável, na margem do rio; derrubámos todo o arvoredó á roda, n'um espaço de 20 ou 80 metros em quadrado, deixando apenas seis arvores de pé para servirem de esteios principaes; lançámos uma especie de pau de fleira entre os dois do centro; travejámos tudo á roda; puzemos caibros, servindo-nos sempre de cipós em lugar de pregos; cobrimos o tecto com folhas de palmeira pindoba, e installámos-nos, atando as redes de uma para outros esteios. Uma corda de cipó servia-nos de guarda-roupa commum; algumas ripas, atravessadas na parte superior de um dos angulos, era o deposito da farinha, sal e outras preciosidades; a despensa estava no rio e no mato; as paredes, consideradas luxo desnecessario, tiram-nos da esplendida vista, que se gosava através do Kingú; o fogo, acceso todas as noites entre as nossas redes, impediria que os animaes ferozes tomassem a liberdade de visitar-nos familiarmente.

Concluida a barraca, tomou cada explo-

rador o seu rumo pela floresta, armado com um sabre, e foi abrir o caminho que tinha de percorrer diariamente por espaço de alguns mezes. Este caminho ia procurando as seringueiras por entre as outras arvores; descrevia linhas tortuosas, aproximando-se ou afastando-se dos outros companheiros; ora se internava na selva, ora descia até á borda do rio, tendo n'umas partes oito, dez, quinze ou vinte *Syphonias* em seguida, e n'outras mais de 500 ou 600 metros de distancia entre ellas. As arvores limpavam-se de todas as parasitas, ramos e cipós circumvizinhos, até á altura onde chegava o terçado; desobstruía-se-lhes o pé de quantas raízes estranhas, paus e folhas secas o rodeavam; onde o terreno era alagadiço, fazia-se junto ao tronco um girau ou grade, 2 ou 3 palmos levantado do chão; e procurava-se uma grande folha de caladio, que se deixava sobre o girau. Cada homem precisava desde sessenta até cento e vinte seringueiras, conforme a sua destreza e agilidade.

Feito o caminho, procurámos barro apropriado para as tigelinhas em que devia aparrar-se o leite. Havendo-o encontrado, cada um de nós amassou uma bola enorme d'elle, extrahindo-lhe todas as pedras e impuridades; depois dividindo-o em pedaços, que

tambem arredondavamos, e fazendo-os girar na palma da mão esquerda, comprimidos ao centro com o dedo pollegar da direita, improvisavamos com cada bocado uma tigela, mais ou menos perfeita segundo a pratica ou habilidade do operador; em seguida achatava-se-lhe um dos bordos contra qualquer tronco para lhe dar a feição que permittisse adapta-la á seringueira. Havia dois methodos de usar d'estas tigelas: um, com ellas ainda frescas, outro, só depois de secas. Pelo primeiro, segurava-se a tigela á arvore, sem auxilio de outra materia pegajosa; mas os vasos frescos estragavam-se facilmente e ás vezes corrompiam o leite; pelo segundo systema, seccavam-se as tigelas ao sol ou ao lume e pegavam-se ás arvores com barro fresco.

Logo que ellas estavam promptas, quer de um quer de outro modo, distribuiam-se pelas arvores, deixando-se quatro, seis, oito, dez ou doze ao pé de cada uma, conforme a sua grossura. Se as seringueiras se julgavam demasiado vigorosas, sangravam-se antes de principiar o trabalho, cinco ou seis manhãs a fio, fazendo-se-lhes tantos golpes de cada vez quantos coubessem na circumferencia, distantes 9 ou 10 pollegadas uns dos outros; no dia seguinte, o mesmo numero de sangrias, 2 palmos abaixo das primei-

ras; e assim successivamente, até chegar ao pé da arvore. Esta operação tinha por fim dispô-la para dar mais leite. O instrumento com que se operava era um machadinho, que teria quanto muito 7 ou 8 centímetros, enfiado n'um cabo de 2 palmos. O golpe dava-se de baixo para cima, ferindo sómente a casca, onde existe o succo leitoso da *Syphonia*.

Depois de feitos todos estes preparativos, começámos o trabalho n'uma segunda feira, saindo da barraca ao amanhecer, levando cada um o seu machadinho na mão e uma grande bola de barro ás costas, amassado na vespera á tarde. Chegando á primeira seringueira punha-se o barro no chão, davam-se rapidamente os golpes, na maior altura a que se podia chegar com o machado, e fixava-se immediatamente por baixo de cada um d'elles a respectiva tigelinha, pegada com bocadinhos do barro que levavamos. Tinhamos adoptado de preferencia o systema das tigelas seccas por serem mais duradouras, apesar de termos de carregar todos os dias com o barro fresco para as segurar. Da primeira passava-se á segunda, e assim por diante, a correr sempre, até á ultima. Eu não consegui nunca picar mais de 70; alguns dos meus tapuios chegavam a 130.

Das nove para as dez horas concluia-se a primeira parte do trabalho, e voltávamos a casa para almoçar. O almoço compunha-se, em geral, de papas de farinha de mandioca (mingau) ou pirarecú assado com farinha secca. Jantar e ceia, o mesmo, para variar. Quem queria peixe e caça precisava arranjar-la no domingo para toda a semana, ou perder horas de trabalho, indo caçar e pescar.

Depois do almoço principiávamos a apanhar o leite n'um balde ou cabaco monstruoso, revestido de cipós entrançados, e tendo a bôca muito pequena para evitar que o liquido, dotado de grande elasticidade, saltasse fóra com os movimentos que fazíamos caminhando. As tigelinhas despejadas mettiam-se umas dentro de outras, arrumavam-se ao pé das arvores sobre o girau, e cobriam-se para que a chuva as não destruísse. Ao meio dia tínhamos acabado esta segunda operação e voltávamos á feitoria. Ali mettia-se cada um de nós n'uma pequenina choupâna, que antecipadamente havíamos construido; accendia o lume no chão, collocando sobre elle um vaso de barro, do feitio dos que em Portugal chamâmos tigela da casa, com o fundo para o ar; e por um buraco redondo, que havia d'esse lado, mettiam-se carços de urucuri, até sair um fumo branco

e espesso, cujo calor a mão não supportasse.

Os tapuios tiveram a complacencia de me ensinarem, revezando-se, a fim de não recair sobre um só a perda de tempo e de paciencia. Enquanto os caroços do urucuri se inflamavam para darem ao fumo o grau de calor exigido, punha eu a geito as fôrmas de pau, que tinham de servir-me para sapatos, e as de barro, feitas por mim e espetadas como as outras em pequenos cabos, que eram do feitio das borrachas que se vendem nas pharmacias para clysteres; deitava o leite n'um grande alguidar, e apenas o fumo tomava a consistencia necessaria, sentava-me em frente do meu boião, mergulhava no liquido uma das fôrmas e fazia-a girar em todos os sentidos até coalhar com o fumo ardente a primeira camada; depois o mesmo com a segunda, com a terceira, e assim por diante até á grossura que se queria dar ao objecto. Lembra-me ainda de que para os sapatos se exigiam dezoito camadas de sola e trinta geraes. Á medida que o liquido baixava no alguidar, deitava-se o leite por cima da fôrma com uma cuia pequena.

Logo que se acabava uma peça ia-se pôr ao sol, com o cabo espetado no chão, e via-se escorrer a parte aquosa que continha o leite, acrescentada com o vapor produzido

pelo calor do fumo. A borracha preparada d'este modo ficava côr de café com leite; o sol dava-lhe depois tons acastanhados. Ao fim de tres ou quatro dias tiravam-se os sapatos das fôrmas de pau, abrindo-os na parte por onde devia entrar o pé. Os objectos que tinham as fôrmas de barro cortavam-se tambem por cima e este dissolvia-se com agua. Depois de tudo enxuto, enfiava-se, pendurava-se, e pesava-se quando vinha o chefe da exploração para se lhe fazer a entrega. Aos meus companheiros tapuios e a mim pagavam-nos n'aquelle tempo 160 réis por cada par de sapatos, em moeda brasileira; e 35000 réis por arroba de borracha fina! Poucos annos depois estes preços subiram a dez vezes mais!

Alguns seringueiros gravavam com as pontas das facas arabescos de mais ou menos mau gosto na superficie da borracha, logo que acabavam de a defumar. Esta qualidade pagava-se um pouco melhor do que a lisa. Um operador habil podia fazer por dia até oito ou dez pares de sapatos; alguns ainda mais; porém o termo medio não passava de cinco a seis.

Depois de terminados todos os trabalhos para coalhar o leite, íamos percorrer o caminho e extrahir com a ponta de uma navalha o residuo congelado nas tigelas, ao qual

se dá o nome de cernamby. Deixando-o ficar ali muitos dias, fazia-nos perder por vezes uma parte da colheita, coalhando o liquido antes de o recolhermos. O cernamby servia-nos para as nossas illuminações, apesar do fumo espesso e oleoso que resultava da sua combustão.

Os processos de extrahir a borracha estão hoje immensamente simplificados, bastando apenas mergulhar a seiva da seringueira n'uma solução de sulphato de alumina e potassa para a fazer coalhar.

É sabido que a borracha do valle do Amazonas é considerada como da melhor qualidade. Aquella provincia com a do Pará exportam annualmente para mais de 4.500:000 kilogrammas na importancia approximada de 8.000:000\$000 réis.

XXII

A baunilha agarra-se aos troncos rugosos da envircira e doniá
Pag. 97, lin. 2

A baunilha (*Vanilla aromatica*) é uma planta sarmentosa e trepadeira, da familia das orchidaceas. Tem os caules verdes, nodosos e cylindricos, munidos de raizes adventicias, que lhe servem para se agarrar ás arvores em que trepa e tambem para alimentar-se. As suas folhas são rentes, alternas, distantes, ovaes-oblongas, agudas, lisas, um pouco

*

espessas e com nervuras longitudinaes. Dá as flores no apice dos ramos, em cachos axillares pedunculados; o periantho é de um verde amarellado por fóra, branco por dentro e formado de seis sepalas. O fructo, uma capsula carnososa, verde ao principio e depois de côr roxa escura, comprida e siliquosa; tem numerosas sementes globulosas, pretas, cheias de um succo roxo, espesso e balsamico. Colhe-se antes de maduro para evitar que rache e deixe escorrer o succo; secca-se á sombra, ata-se em mólhos de cincoenta a eem capsulas, que se mettem em caixas de folha, e assim se entrega ao commercio.

Ha differentes variedades de baunilhas no Brazil; as do Pará consideram-se as melhores pela suavidade do cheiro.

Envira ou envireira, embira, imbira, são differentes arvores da familia das bombaceas, de cuja casca se extrahem cordas excellentes. Uma das que mais abunda no Pará e Amazonas é a envira tinga (*Helicteres baruensis*, Linn.). Da envira vermelha (*Courataria ardentis*) tiram-se umas achas que servem de archotes aos indios. Esta pertence á familia das myrtaceas.

Nha ou niá é a *Bertholletia excelsa*, de Humb. e Bomp., que produz a castanha chamada do Maranhão. É um dos mais altos colossos vegetaes do paiz. Nas margens

do Surubiú assisti ao córte de alguns, que tinham 35 metros de alto e 1 $\frac{1}{2}$ de diametro. O fructo é uma noz espherica, do tamanho de uma cabeça de creança ou ainda maior, de côr verde, liso e quadrilocular, contendo muitas sementes. Tem o sarcocarpo fino, o pericarpo muito solido, cheio de sulcos ramosos, com seis linhas de espessura; as sementes, fixas a um trophosperma central pela extremidade inferior, são envolvidas cada uma em dois perispermias: um exterior, rugoso, côr de canella clara, formado de duas laminas de consistencia lenhosa; outro interior, mais fino que o precedente e tambem formado de duas laminas transparentes, estreitamente unidas. A amendoa oblonga, triangular, de angulos obtusos, é branca, excellente para comer, de sabor exquisito e um tanto parecido com o das amendoas da Europa.

XXIII

Favas cheirosas do cumarú e do puxiri

Pag. 97, lin. 4

Cumarú (*Dipterix odorata*) é outra formosa arvore do Pará e Amazonas. Dá as folhas dispostas em palmas e as flores em cachos escarlates. O fructo é uma vagem quasi oval, que tem dentro uma massa triqueira e ao centro d'ella uma semente cin-

zenta mesclada, do feitio de fava. Os francezes deram a esta fava o nome de *Fève de Tonka*. Emprega-se na perfumaria, e muitas pessoas as deitam dentro do rapé a fim de aromatisa-lo. Depois de bem secca, a fava torna-se escura e ás vezes inteiramente preta, sem contudo perder o cheiro suave. Os indios fazem collares d'ella.

Puxiri, puchury, pichurim, pexurim, pie-xiri, pechury é a *Nectandra puchury*, de Mart. — « Tem as folhas ellipticas, rijas, conicas, glabras e assoveladas; as flores terminaes, dispostas em corymbos; o fructo em fórma de baga, com uma semente de dois lobos cotyledonarios, sempre isolados e completamente nús. Estes lobos é que são vulgarmente conhecidos pelo nome de favas puchury. Elles são ellipticos, oblongos, do comprimento de 2 centimetros, com 1 de largo, convexos do lado externo, e planos na face por onde se tocam. Teem a côr do chocolate exteriormente e um pouco variegados no interior, o que é devido á presença de um oleo botyraceo, que póde extrahir-se por expressão a quente ou por ebullicão na agua. São de cheiro forte e aromatico, de sabor um pouco acre e picante, analogo ao da noz moscada. » — (*Diccionario de Botanica Brasileira.*)

XXIV

Jabotis

Pag. 97, lin. 9

Jaboti, jaboty, jabutim e sabuty é o *Testudo terrestris*. Affirma-se que quando cae qualquer arvore sobre um jaboti, este vive sem comer até que ella apodreça! Verdade ou não, encontram-se alguns d'esses animaes com as costas concavas, e dizem os indios que é por elles terem ficado esmagados ao tempo em que ainda estavam crescendo, e que só obtiveram a liberdade depois de desfeito o madeiro que os impunha. (Veja a nota LXIII do *Ódio de Raça*.)

XXV

Pacas e cotias

Pag. 97, lin. 12

Ha duas especies distinctas de pacas: o *Cælogenis fulvus* e o *Cælogenis sub-niger*. São do tamanho de um porquinho pequeno, de barriga grande, pés e mãos curtas, unhas semelhantes ás do cão; teem a pelle branca ou vermelha, e raiada de preto ao comprido; é muito boa carne, quando está gorda.

Cotia (*Chloromys aguti*) é semelhante ao coelho da Europa, mas de orelhas redondas, pelle menos fina e de côr differente; umas são vermelhas e outras pretas. Os sapateiros fazem calçado das pelles de cotia.

XXVI

Mais direito do que o marupá

Pag. 97, lin. 26

Marupá ou marubá (*Simaruba officinalis*, D. C.) Arvore da familia das rutaceas-simarubias, que habita no Pará e nas Antilhas. No Pará chamam-lhe vulgarmente marupá. O dr. Chernoviz affirma no seu *Formulario* ou *Guia medica*, que esta arvore tem 60 pés de alto, e ás vezes mais, e que o tronco excede a 2 pés de diametro. As raizes são mui grossas, e estendem-se ao longe perto da superficie da terra, que frequentemente as deixa meio descobertas. A casca da raiz é medicinal e emprega-se como tonico energico nos fluxos cerosos, hemorragias passivas, febres intermitentes, dysenterias, affecções verminosas e asthenicas. Sua acção é analogá á da quassia.

XXVII

Boré

Pag. 98, lin. 12

Boré, janúbia, inúbia, jombyâ ou memby apára era a trompa, trombete ou clarim guerreiro dos indios. Menos o bocal, tinha o feitio de um clarinete de 6 a 7 palmos de comprido. Os sons que se tiram d'esse instrumento teem uns longes do chiar das noras. Ha vinte e tres ou vinte e quatro an-

nos que os moradores da casa n.º 61 da rua dos Fanqueiros, e os dos predios circumvizinhos, foram alegrados pelos toques do boré juruna. Dir-se-ia que os valentes do Xingú se tinham apossado de Lisboa e celebravam na referida casa os seus triumphos! A vizinhança, receiando talvez morrer de delicias, invocou o auxilio da auctoridade para fazer emmudecer o instrumento; mas como na legislação se não tinha previsto senão o caso dos aprendizes de rebecca, o boré triumphou dos seus detractores, forçando alguns a mudar de bairro. Ah! se eu tivesse outra vez vinte e tres annos, ia já pedir novo boré ao meu bom Agostinho José de Almeida, para deleitar os meus vizinhos do largo do Carmo, e fazer enfiar de inveja a banda da guarda municipal!

XXVIII

Ellas correm tambem para o inimigo

Pag. 98, lin. 13

Depois das famosas amazonas, de que falla Francisco Orellana, as indias não tornaram a tomar parte nos combates dos homens senão em casos excepçionaes. Seguem-n'os comtudo, quando elles vão fazer a guerra longe da taba, e levam comsigo, ás costas, o que teem de mais precioso.

XXIX

Balsamo suavissimo da cabureiba

Pag. 99, lln. 7

Cabureiba ou cabureúba, que uns classificam *Myrospermum*, outros *Mirocylon cabriúva*, vem descripta no *Diccionario de Botanica Brasileira* com o nome de *Myrocarpus fastigiatus*. É uma copaífera mui grande, de cuja madeira, parda e incorruptivel, se fazem obras para engenhos. Quando a queimam ou aplainam o seu cheiro espalha-se até grande distancia. Diz Gabriel Soares de Sousa, que 'd'esta arvore se tira balsamo suavissimo, dando-lhe piques até certo lugar, d'onde começa de chorar este suavissimo licôr na mesma hora, o qual se recolhe em algodões que lhe mettem nos golpes; e como estão bem molhados do balsamo, os espremem em uma prensa, onde lhe tiram este licôr, que é grosso e da côr do arrobe; o qual é milagroso para curar feridas frescas, e para tirar os signaes d'ellas no rosto. O caruncho d'este pau, que se eria no lugar d'onde saíu o balsamo, é preciosissimo no cheiro; e amassa-se com o mesmo balsamo, e fazem d'esta massa contas que depois de seccas ficam de maravilhoso cheiro'.

Á resina aromatica da cabureiba chama-se cabureicica.

XXX

Jaborandi

Pag. 99, lin. 21

Jaborandi (*Ottonia anisum*) é uma planta aromática, de folhas alternas, oblongas e lancioladas, que dá as flores em espigas reunidas, umas de um sexo e outras de outro. Tem cheiro de anis.

A alfabaca de cobra, apesar de pertencer a outra familia (á das rutaceas), também no Pará se chama jaborandi.

XXXI

A chuva de estrellas despenhada das cataractas

Pag. 100, lin. 4

Refere-se ao effeito produzido pelas aguas, que batendo contra os rochedos saltam ao ar, caíndo depois em chuva de estrellas, que parece imitar crystal ou prata, conforme a distancia e a posição d'onde se vê. (Veja as minhas *Viagens pelo interior do Brazil*, no tomo II das *Artes e Letras*.)

XXXII

Consentirá a branca em tomar-te por marido

Pag. 100, lin. 27

O drama é a mais difficil de todas as formas da arte; no romance podem alongar-se as descripções, os dialogos, as pinturas dos costumes e dos logares, onde habitam as per-

sonagens, empregando-se todos os meios que interessem os leitores; não ha tempo determinado para se concluir a acção; quando não basta um volume para a completar ou desenvolver, escrevem-se dois, tres ou quatro. O livro sae do gabinete para as lojas dos livreiros, e o romancista espera tranquillo que o publico medite, vagarosa e reflexivamente, as verdades que lhe envia.

O auctor dramatico, pelo contrario, deve vencer ou succumbir em algumas horas apenas; conquistar os votos da multidão, diante da qual expõe o seu pensamento em vulto, ou cair com a sua idéa. Julgado e sentenciado sem appellação, por impressões momentaneas, padece annos de martyrio durante os minutos que precedem o erguer do panno do theatro na primeira representação da sua obra. Ha comtudo uma differença a favor do poeta: o livro póde ser posto de parte no começo da leitura; e o drama ha de ser ouvido pelos espectadores, que a curiosidade attrahir ao theatro. Mas porque preço se paga essa pequenissima circumstancia favoravel!

A orchestra pára; o panno sobe; ao rumor que momentos antes enchia a sala de animação, succede profundo silencio; as mulheres suspendem o movimento dos leques; os homens esforçam-se por prestar atten-

ção; e no meio d'esta calada, a que por vezes se seguem grandes tormentas, o moralista, o philosopho, o modesto lavrador dos campos do progresso, occulto atraz dos bastidores, pallido, tremulo, hesitante, comprimindo a respiração, duvidando de si, mas fiel á sua consciencia è ao seu dever de apostolo, manda a sua idéa, viva, incarnada no actor, agitar-se, desenvolver-se, fecundar os espiritos mais rudes e incultos, destruir os preconceitos, conquistar terreno para o futuro e alumiar o caminho da humanidade. O silencio interrompe-se por breves sussurros; quanto mais duras e amargas são as verdades semeadas entre a multidão, mais esta se commove e excita; o auctor estremece ao mais leve rumor; parece-lhe que a sua concepção não é bastante robusta; que ora corre apressada, ora vagarosa; que a acção é lenta, o dialogo extenso, a paixão fria e a verdade nebulosa. Em tal scena escapou ao actor uma phrase, que era a chave do acto, e essa falta matou a deducção logica do desenlace; em outra, a demora de uma replica alterou o sentido das palavras; e as entradas fóra de tempo impediram o effeito dramatico das melhores situações.

Apesar de tudo, a idéa apossa-se dos animos; uns recebem-n'a sem condições, outros discutem-n'a, alguns rejeitam-n'a, sem exa-

me, só porque ella sae do caminho trilhado ou se apoia em verdades que assustam.

O panno cae; as palmas rebentam entusiasticas; a fronte do auctor desenruga-se... mas não é este quem triumpho, é a philosophia da sua obra, o bom, o verdadeiro e o justo; para si, o humilde operario do progresso colhe sómente os espinhos da sua carreira, os tormentos da incerteza, as agonias da lucta, os fructos amargos da inveja, da calumnia e da maldade. Faltam ainda quatro actos para que elle possa apreciar se o seu pensamento foi ou não comprehendido. Acaba a representação: o applauso das maiorias consagra e corôa a sua obra; o publico de boa fé propaga e proclama a excellencia das suas doutrinas; mas não falta nunca, entre os juizes que se chamam a si mesmo competentes, e que celebrariam a peça, no caso d'ella ter sido pateada, quem proteste contra a conquista ou accuse a lição de perniciosa. As mesquinhas intrigas de bastidor, ás vaidades insolitas, que disputam ao poeta o direito de distribuir os papeis, á ineptia das empresas, que fazem consistir a boa administração em excluir ou preterir escandalosamente os dramas nacionaes, acresce a má interpretação que alguns criticos, por ignorancia ou maldade, e talvez por ambas as causas, dão ás

composições dos que não seguem as suas escolas nem pertencem ás suas sociedades.

Tal é, em resumo, a gloria do auctor dramatico e a historia das suas obras!

No *Odio de Baça*, bosquejando os costumes da escravidão, deixei entrever a possibilidade dos homens de côr se apaixonarem pelas brancas, apesar da distancia que os separava. A idéa, que não era nova, porque estes exemplos sobejam nos climas ardentes, onde as paixões são facéis e o amor não conhece leis, pareceu a muitos audaciosa, por ser simples e verdadeira! No *Cedro Vermelho*, pondo a civilisação em frente da barbarie, prosegui no caminho encetado, apaixonando a branca pelo indio. Expuz aos olhos dos espectadores a vida que se vive no sertão; pintei com as melhores tintas da minha humilde palleta a gente, os usos e costumes que tinha conhecido; não exagerei nem caluniei; se me accusa a consciencia é de ter suavizado um pouco a dureza de alguns traços physionomicos, cobrindo-os aqui e ali com arrendados de estylo.

Pareceu-me que tanto direito tinham os brancos de se associarem ás mulheres de côr, como as brancas para amarem os indios, os mulatos e os pretos, ou estes a ellas. É certo que, no theatro, desenhei o papel de Mathilde menos platonicamente do que

vae agora no livro; mas sinceramente me arrependo de o ter emendado, porque era talvez mais verdadeiro, quando a joven branca se arrojava aos pés de Lourenço, inspirada por uma paixão ardente, embora se horrorisassem com isso um ou dois moralistas em disponibilidade.

Antes da representação li o drama em casa do sr. D. Pedro do Rio, diante do auditorio mais selecto e competente que póde julgar causas d'estas. A illustrada dona da casa tinha tido a amabilidade de me pedir essa leitura, e convocára para assistir a ella as mais distinctas damas de Lisboa, entre as quaes se achavam duas graciosas estrangeiras, que entendiam portuguez. Nenhum protesto se levantou contra a paixão de Mathilde pelo barbaro; todos os sentimentos que moviam a sobrinha do coronel Duarte pareceram verdadeiros e possiveis áquelle tribunal supremo. O povo, que por maior que seja a sua ignorancia tem sempre a intuição da verdade, tambem depois applaudiu e festejou a inclinação da branca, porque ella está de accôrdo com a moral do christianismo, que prega a igualdade humana. E comtudo não faltou quem julgasse que essa paixão foi um mau exemplo, uma lição de depravação e de immoralidade! Esqueciam-se de que o amor não respeita as

conveniencias sociaes, nem lhes pede conselho, quando se ateia nas almas; que os corações são sempre da mesma côr, e que o sangue os percorre com a mesma ardencia e impetuosidade, apesar de todas as preoccupações de raça ou de casta. Sei que não sou Shakspeare; mas Othello tambem era preto, e, como elle proprio confessa, tinha já entrado na idade em que a flor da existencia vae perdendo o viço quando captivou uma branca tão formosa, que ainda depois d'esta o ter por amante era requestada para esposa do filho de um doge de Veneza.

Disse um critico, que repugnava ás nossas idéas de civilisação e ás leis geraes da natureza ver uma mulher branca, prostrada aos pés de um homem, implorando a esmola d'esse amor brutal, que é quasi um insulto aos melindres do sexo. Sabem todos, e a historia está cheia de exemplos notaveis, que a mulher, dominada pelas paixões, é capaz de todos os extremos, de subir ás maiores alturas ou despenhar-se nos mais profundos abysmos. Que lhe importam considerações, respeitos do mundo, melindres do sexo, familia e religião, quando lhe invade o peito a chama abrasadora?! Desdemona sacrifica seu pae Brabancio ás iras do senado, á pobreza, ao desterro, e prefere a maldição paterna á perda do negro Othello!... Mas prescinda-

mos dos exemplos nascidos da cegueira do amor e cite-mos um só, filho do capricho:

O joven Papirio, filho de um senador romano, tendo assistido um dia á sessão do senado, perguntou-lhe sua mãe que assumptos ouvira discutir. Para illudir a curiosidade materna, respondeu o mancebo, que se deliberava sobre se seria mais util para a republica dar dois maridos a cada mulher ou duas mulheres a cada homem. A matrona, commovida com similhante noticia, foi logo communicar-a ás suas amigas; e no dia seguinte as mais distinctas mulheres da maior nação do mundo, reunidas tumultuosamente ás portas do senado, pediam que se lhes concedessem dois maridos! As idéas de civilisação, as leis geraes da natureza e os melindres do sexo não poderam impedir tamanho escandalo, nem mesmo na patria de Caia Cecilia, Lucrecia, Porcia, e Cornelia, mãe dos Grachos! É porque a mulher, como diz Balzac, é rainha do mundo e escrava de um desejo; os seus actos são mais vezes filhos da imaginação do que da razão; o amor é o seu fim e o seu destino.

A estreiteza do quadro e a pobreza do engenho não me permittiram tratar o assumpto de modo que levasse o convencimento a todos os espiritos; revendo o papel de Mathilde para imprimir o drama, tive a fra-

queza de altera-lo, julgando que o melhorava. Tarde conheci que falsára a natureza por amor da arte e que não é com escrúpulos infundados que se combatem ou destroem as preocupações. Exultem com esta confissão os que me obrigaram a commetter o erro, e cuja má fé eu devia ter percebido quando elles me accusavam de haver sacrificado as outras personagens ao character do gentio, e de não ter posto um telegrapho electrico e um caminho de ferro nas margens do Curumú, para diminuir a superioridade que parecia ter a barbarie sobre a civilisação!

XXXIII

Magoaris

Pag. 101, lin. 26

Magoary, maguary, baguary, mauary e magoari (*Ciconia maguari*, Temm.) Ave ribeirinha, que tambem entra nas matas, onde se empoleira nas arvores mais altas para avistar sempre o lago ou o rio. É maior do que a garça, com a qual a confundem alguns escriptores e tambem com o jaburú, que é immensamente mais corpulento. O magoari tem as pernas altas, o pescoço comprido, o peito agudo e sem carne, bico curto, olhos verdes, com um circulo amarellado, e a côr das pernas esbranquiçada. Ha muitos annos vi em Cintra, no castello dos Mouros,

*

duas d'estas aves, que tinham sido offerecidas ao sr. D. Fernando, e que pareciam viver ali perfeitamente.

XXXIV

Andirobeira

Pag. 104, lin. 3

Andiroba, jandiroba, nandiroba, nhandiroba, ghandiroba, gendiroba e gindiroba. Arvores e arbustos de fructo oleoso, tendo per typo a andirobeira commun. (*Carapa guyanensis*, Aubl.) Esta ultima é de porte elevado e gracioso, folhas compostas, de longo peciolo, flores terminaes nos ramos, brotando de um pedunculo commun, do feitio de angelicas, vermelhas, amarellas ou esverdeadas, todas de mau cheiro. O fructo, em pequenos cachos, é uma noz de 15 a 18 centimetros, rolissa, reniforme, aguda no apice, com uma sutura de metade do seu tamanho na parte convexa. Dentro do fructo tem quatro ou cinco sementes ellipticas, de corpo esbranquiçado e frouxo, encerrando a amendoa branca e muito oleosa. D'ella se faz no Pará e Amazonas azeite muito bom para luzes, e emprega-se tambem no fabrico do sabão. É medicinal, amargo, purgativo e tambem venenoso, sendo tomado em grande dóse.

A andirobeira cresce pelas bordas dos rios, sobre cujas margens os seus fructos se debruçam com perfida graça, convidando o viajante inexperiente a colhe-los de cima das toldas das canôas. Os indios costumam dizer, que as caricias da mulher são como as castanhas da andiroba.

XXXV

Tupinaen

Pag. 104, lin. 7

Tupi-n-aem; isto é: tupi mau ou perverso. (Veja a nota LIII, do acto primeiro.)

XXXVI

Lourenço pega em cobra viva

Pag. 105, lin. 4

Pae João exagera, n'esta parte, a habilitade do gentio. Se fallasse de si poderia com rasão vangloriar-se do feito, porque são os africanos que costumam frequentemente pegar em cobras vivas, sem que ellas os mordam. Os indios matam com suprema perfeição e intrepidez as maiores boas; e affiançaram-me que tambem pegavam n'ellas antes de as matarem; mas só aos pretos vi subjuga-las de um modo quasi prodigioso.

Um cabinda, que naufragára commigo no

Amazonas, costumava divertir-se mettendo duas ou tres cobras no cesto onde guardava o tabaco e o cachimbo, para que os tapuios o não roubassem. O processo que elle empregava para fascinar os reptis era mui simples: picava-os com uma varinha, cuspia duas ou tres vezes sobre elles, proferindo palavras que me pareciam destinadas a armar ao effeito, mas a verdade é que as cobras se estorciam, como se realmente fossem victimas de um poder mysterioso que as subjugasse! Momentos depois ficavam immoveis; o cabinda pegava n'ellas, enrolava-as no braço e á roda do pescoço, apertava-as nas mãos e metti-as no cesto, sem que ellas tentassem resistir-lhe! Era necessario que passassem alguns minutos primeiro que saíssem do estado de torpor e molleza a que elle as reduzia; e quando readquiriam a elasticidade parecia que acordavam de pesado somno!

Meu irmão Manuel viu um preto apanhar uma na estrada das Mungubas, no Pará, de tão monstruoso tamanho que o fascinador gemia e custava-lhe a caminhar, vergado com o peso d'ella ás costas!

É possivel que as varas magicas, com que elles as picam para subjuga-las, tenham as pontas fortemente impregnadas de urari ou outro veneno violento, e consista n'isso

o segredo por que se assenhoream d'ellas.
(Veja a nota XLI do segundo acto.)

XXXVII

Pau mulato
Pag. 105, lin. 6

Pau mulato, que não acho descripto, julgaria ser um *Eucalyptus*, se esta arvore existisse nas matas do Brazil. Provavelmente é uma acacia, mas não sei de que especie. Tem a casca lisa e amulatada.

XXXVIII

Porco ou caititú
Pag. 105, lin. 14

Ha tres ou quatro especies de porcos bravos no Brazil. Uma d'ellas, talvez a melhor das provincias do norte, é o caititú, caitetú, caytetú ou taitetú (*Dicotyles torquatus*). Nas florestas do Pará e do Amazonas abundam os porcos bravos, que andam em bandos, e cuja caça se não faz sem um certo perigo. O caçador costuma postar-se em cima de uma arvore, ao pé das palmeiras onde os taititús vão comer; d'ali atira ao bando, e para que os animaes não fujam, imita o ladrar dos cães. Isto enfurece-os a ponto de investirem contra a arvore, succedendo ás vezes derruba-la com os dentes, se o atirador não soube ou não teve tempo de a es-

colher de madeira bem rija. Se o tronco resiste ao assalto, podem matar-se bastantes porcos; mas se é molle, quando o caçador não succumba ao numero, que póde devorá-lo instantaneamente, não escapará sem ser marcado pelos assaltantes; e carece de muita energia e presença de espirito, assim como de um bom terçado, para abrir caminho por entre elles, e de boas pernas, que o ponham rapidamente fóra do seu alcance.

XXXIX

Armon parceiro
Pag. 107, lin. 23

Alem do que dizem os dictionarios, parceiro é tambem o tratamento que se dão entre si os escravos.

XL

Jurutauhi
Pag. 112, lin. 4

Jurutauhi ou iurutauhi é uma ave noctivaga, da grandeza e côr de uma gallinha pedrez. Solta guinchos que se assimilham a gargalhadas de escarneo.

XLI

Urari

Pag. 114, lin. 4

Urari, urary, uirari, urari-uva e curare é o *Strychnos toxicifera*, de Schomb. Diz Baena que 'o veneno vegetal de que se servem os indios para peçonhentar as pontas das frechas, dos murucús e dos curabis (outras armas de ponta), é extrahido de um cipó grosso, escabroso e guarnecido de folhas parecidas com as da maniba (planta da mandioca). A sua manipulação consiste em mascotar a casca do urari, borrifa-la com agua fria, distilla-la e ferve-la ao lume até ficar o sumo inspissado em ponto de linimento. Para augmentar a energia do toxico, addicionam-lhe succos espremidos de outros cipós e vegetaes, que sejam de sua natureza venenosos'.

Assim como os animaes vivem em guerra constante, nas tristes e profundas solidões da America do sul, tambem, segundo as expressões de Humboldt, o homem anda ali quasi sempre armado contra o homem. As tribus mais fortes e ferozes perseguem e destroem as mais fracas e menos aguerri-das; as que não dispõem de força servem-se da astucia; e quando só da fuga esperam a salvação, vão apagando atraz de si os vestigios dos passos, como fazem as tartarugas

para encobrir o lugar onde depositam os ovos. Todos os meios se julgam bons para defender a vida; e os homens timidos e humildes, que não ousam trazer armas que provoquem ciumes e desafios de vizinhos mais poderosos, costumam, sob apparencias pacificas e conciliadoras, occultar na ponta da unha do dedo pollegar uma arma terrivel: é o urari.

Humboldt foi o primeiro que trouxe para a Europa uma certa quantidade d'este veneno. Os dois irmãos Schomburgk, que viram na Guyana florescer a planta, deram uma descripção mais precisa da sua natureza e da maneira de preparar a substancia toxica. Ricardo Schomburgk analysou chimicamente a medulla do *Strychnos toxifera*, que apesar do seu nome e structura organica não contém, segundo Boussingault, nenhuma strychnina. Das experiencias physiologicas de Virchow e Munter concluiu-se, que o urari não obra pela simples applicação exterior, e que só dá a morte quando absorvido pelos tecidos escarnados; que não pertence aos venenos tetanicos, mas que produz uma especie de paralysisia; isto é: que suspende os movimentos musculares voluntarios, deixando funcionar os musculos independentes da vontade, taes como o coração e os intestinos.

Experiencias mais recentes confirmam que o urari extingue as propriedades dos nervos motores, conservando as dos nervos sensitivos; que actua sobre o systema nervoso, motor da vida de relação, mais rapidamente do que sobre o systema nervoso da vida organica ou sympathica; porém logo que o envenenamento é completo, a sua acção torna-se geral. É para notar que essa acção vae paralygando os nervos motores da periphéria para o centro, ao inverso do que costuma acontecer nas paralyrias ordinarias d'estes nervos.

Affirma-se que o urari é dos mais terribes venenos que se conhecem; mas o *Diccionario de Botanica Brazileira* diz, que ultimamente se lhe descobrira um antidoto, tão prompto no seu effeito como o proprio veneno: é o chlorureto de sodio ou sal commum. — «Um animal — continua a mesma obra — sentindo-se ferido por uma d'essas settas (impregnadas de urari) fica como attonito e soffrego; immediatamente depois sobrevivem-lhe vertigens, torpor, vomitos, o cõma e a morte. No estado de torpor ou vertigem que precede ao cõma, póde ser sem resistencia posto em uma gaiola ou jaula, introduzindo-se-lhe na bõca uma pedra ou melhor uma solução de sal de cozinha. Quando o animal volta a si acha-se preso, mas em

estado de prostração que lhe não permite, nas primeiras horas, nenhum acto de colera ou desespero.»—

É facil de prever o motivo por que os povos barbaros e ferozes se servem d'este veneno, quasi sempre em dóses que não produzam a morte instantanea. O seu fim é paralyzar os adversarios para obter maior numero de prisioneiros, sobre quem possam exercer as mais crueis vinganças.

No rio Tocantins e no Japurá abunda o cipó urari. O veneno, depois de preparado, é um corpo solido, negro, de aspecto resinoso, soluvel na agua e facil de conservar-se dentro de qualquer vaso, sem que perca as propriedades toxicas. Os indios que usam d'elle, trazem sempre n'um canudo de tabóca porção sufficiente para impregnar a miude os bicos das frechas.

Tem-se tentado applica-lo em algumas doenças, taes como o tétano e a epilepsia, e como antidoto da strychnina; mas não tem dado resultados satisfactorios.

XLII

Pennas de urubú-tinga

Pag. 114, lin. 5

Urubú (*Cathartes fædens*) é palavra tupi composta de urú, ave; e vú, comer; isto é: passaro voraz. Tinga quer dizer branco.

O urubú preto é semelhante ao corvo, mas tem o bico mais grosso e a cabeça como a da gallinha. No Pará e no Amazonas são estas aves que se encarregam da hygiene publica e não poucos serviços prestam ás povoações, limpando-as de todos os corpos mortos e dos intestinos de animaes, que as populações se não incommodam a enterrar. Imagine-se o que seria das cidades e villas do sertão, onde não ha nem sombra de policia sanitaria, sem estes excellentes auxiliares! No verão, quando milhares de pessoas vão para os lagos, á pesca do pirarecú, que seccam ou salgam para todo o anno, as praias cobrem-se litteralmente de urubús, que ajudam os jacarés a consumir as cabeças e entranhas d'aquelle peixe. Se os gados morrem por effeito de epidemias e as campinas ficam semeadas de cadaveres, são ainda milhões de urubús que os fazem desapparecer, evitando outra peste, que levaria tambem os homens. Nos matadouros publicos, (até no do Pará!) a limpeza principal está quasi toda a cargo d'estes uteis animaes, que se atiram zelosamente uns por cima dos outros no desempenho do seu serviço, e chegam a arrancar das mãos das pretas as tripas que ellas estão lavando, comendo-as logo com incrivel rapidez! Quando a fome os aperta

não duvidam entrar nas cozinhas abertas em varandas ou copiares, derrubar as pannels que estão ao lume e apoderar-se do que ellas teem dentro, sem receio de se queimarem. Muitas vezes me vi forçado, na villa de Alemquer, a corre-los a pauladas, sem conseguir expulsa-los de vez; apenas eu voltava costas, vinham atraz de mim, andando, saltando, esvoaçando, e era eu por fim quem fugia d'elles por não poder já suportar o cheiro repugnante que exhalam de si. Como ninguem os mata¹, e elles parecem saber isso, é difficil afugenta-los de qualquer parte, tanto mais que toda a gente reconhece a sua utilidade como limpadores de immundicie.

Estas aves domesticam-se facilmente; e até parecem estimar que alguém se dê ao incommodo de as reter em casa, porque teem a intelligencia necessaria para conhecer que d'esse modo satisfarão com mais frequencia a sua voracidade. Só alguns indios, porém, caem no logro de as aturar, por motivos de superstição.

O urubú tinga ou branco, que tambem

¹ Consta-me que uma postura municipal impõe 5\$000 réis de multa a quem matar um urubú. É um testemunho de reconhecimento publico bem merecido, pelos serviços que elles prestam aos habitantes.

se sustenta de carnes corruptas, é rarissimo no Pará. Baena diz d'elle o seguinte:

— «O urubú-tinga, logo que percebe ex-halação cadaverica desce ao logar d'ella, onde já acha urubús, os quaes não comem sem que elle comece a refazer-se da fome; esta é a rasão por que os indianos ajuizam que o urubú tinga é o monarcha dos urubús. Igualmente dizem que elle se eleva em seu vôo acima da região das nuvens; e, supersticiosos, asseveram que toda a frecha que tem na extremidade pennas d'esta ave acerta o tiro no objecto sobre que é enristada; e, finalmente, que toda a causa crime que for escripta com a penna, que tem dentro areia branca e finissima, o magistrado ha de sentenciar a favor, ainda que ella seja injusta.» —

XLIII

Grasnar sinistro do passaro hiumára

Pag. 114, lin. 17

E um noctivago, cuja grasnada se assimilha ao som que faz a chita quando a rasgam. Acreditam os indios, quando lhe ouvem o canto, que elle lhes annuncia o proximo passamento.

AO TERCEIRO ACTO

I

Folhas de bananeira brava

Pag. 115, lin. 11

A bananeira brava é uma *Strelitzia*.

II

Moquém com lume por baixo

Pag. 115, lin. 13

Moquém ou muquém é uma especie de trempe de pau verde com 2 a 3 palmas de altura, tendo ao meio uma grade, que serve de grelha, tambem de madeira verde, e sobre ella se colloca o peixe ou carne que se pretende assar, mettendo-se lume por baixo. É invenção dos selvagens e o meio mais prompto que se póde ter nas florestas, sobre tudo quando falta o sal. Chamam-se moqueadas as iguarias que se assam d'este modo; duram muitos dias, e, quando se querem comer, prepara-se-lhes um mólho com pimenta, limão, agua (e sal quando o ha), e affirmo que ficam excellentes para quem tiver bom appetite.

III

Perna de veado a moquear

Pag. 115, lln. 14

Entre as muitas especies de veados que existem no Brazil, as seguintes parecem ser as mais distinctas: *Cervus campestris*, *C. palustris*, *C. nemorivagus*, *C. rufus*. A carne de qualquer d'ellas é deliciosa. No lago do Surubiú matámos um, a terçado, que os tapuios de Carmello & Barros obrigaram a lançar-se á agua, cortando-lhe a retirada do lado da floresta, e achámos-lhe 5 arrobas de peso! Foi um dos maiores veados que vi durante a minha estada no Brazil.

IV

Espingarda lazarina

Pag. 115, lln. 21

As lazarinas eram armas portuguezas, que se distinguiam pelo comprimento do cano, e pelo feitio deselegante e grosseiro da coronha. Apesar d'isso, eram excellentes para a caça, antes da invenção dos fulminantes, que as derrotou completamente. Se bem me recordo, tinham no cano esta inscripção original: *Lazaro Lazarino Legitimo de Braga*.

V

Festa de S. Thomé

Pag. 116, lin. 13

A festa de S. Thomé faz-se entre os tapuios do mesmo modo que os rapazes festejam Santo Antonio em Lisboa; isto é: por patuscada. Nas notas do *Odio de Raça* expliquei já como os indios celebram os festejos do Espirito Santo; os de S. Thomé pouco differem d'aquelles, a não ser pelas bebedeiras, mais homericas e mais duradouras. No *Ensaio Chorographico sobre o Pará* diz Baena, que os tapuios não fazem nenhuma festa religiosa, alem da de S. Thomé. Isto não é exacto; os tapuios gostam muito de festas de igreja, e, em geral de todas as ceremonias religiosas, embora não as comprehendam; e sympathisam especialmente com varios santos, se bem que a nenhum testemunhem tanta affeição como ao apostolo S. Thomé. Crêem elles que este santo andou pelo Brazil e ensinou os seus antepassados a cultivar a mandioca. Póde ver-se em varios escriptores do tempo do descobrimento, e tambem n'outros mais recentes, a lenda de Sumé, que é bastante curiosa.

A festa do apostolo, ensinada pelos jesuitas aos indios, é feita com esmolos que elles pedem dias antes por todos os logares, circumvizinhos d'aquelle onde ha de ser cele-

brada. No peditorio levam uma pequena imagem do santo apóstolo, uma bandeira branca com a effigie d'elle, e junto de quem a empunha vae um tapuio tocando com a mão direita um tamborinho e soprando uma gaita, dedilhada pela mão esquerda. Baena traz uma nota dizendo: 'que essa gaita é diferente de outra que chamam momboia xió, a qual é uma tabóca com tres fuos, e uma lingua de tucano em logar de palheta; o som mavioso e sonoro d'este instrumento tem provocado em algumas pessoas tristeza e pranto'.

Confesso que n'esta questão de gaitas sou profundamente ignorante ou dotado de muito mau gesto; todas quantas ouvi tocar aos indios me pareciam iguaes, e me atacavam fortemente os nervos. Não me succedia o mesmo com os instrumentos de cordas, que alguns d'elles manejavam como se fossem verdadeiros artistas, dando á musica a expressão e sentimento que lhe eram proprios.

VI

Póde ser que esteja no porto

Pag. 117, lin. 1

A todos os logares em que se embarca ou desembarca, quer sejam nas immedições das casas quer em rios ou lagos deshabitados, se dá o nome de porto, quando offe-

rece bom e commodo accesso ás embarcações.

VII

Canôa de duas toldas

Pag. 117, lin. 4

Ha canôas de duas toldas, de uma, e sem nenhuma. As toldas podem ser de madeira ou de folhas de palmeiras; uma na prôa e outra á ré; ambas se fazem em fóрма de arco, mas, em geral, nas de vante construe-se uma grade por cima para se poder andar e remar sobre ella. Na tolda da pôpa abrigam-se o dono da embarcação e sua familia; na outra, a guarnição.

As canoínhas pequenas, sem tolda, chamam montaria; ás de uma só tolda, igarité; ás de duas toldas, igára oçú ou simplesmente, canôa.

VIII

Salvas de espingarda

Pag. 117, lin. 8

Para os indios domesticos não ha verdadeira festa sem salvas. Parece que nós lhes levámos, com os rudimentos da civilisação, a mania brutal de queimar polvora a proposito de tudo. É impossivel que as nações cultas não copiassem de algum povo selvagem o uso barbaro de manifestar a alegria ou a tristeza, insurdecendo o proximo. Os gentios da Africa e da America tambem com-

memoram os principaes factos da sua existencia por meio de berreiros temiveis; tangem instrumentos capazes de atterrar leões e tigres, e exprimem o seu contentamento com ruidos que abalam montanhas. O homem civilisado inventou a artilheria; isto é: augmentou, aperfeiçoando-o, o methdo dos selvagens e reenviou-lh'o melhorado!

Os tapuios que por occasião dos festejos de S. Thomé se não atordoassem com algumas centenas de tiros, seriam considerados indignos de tornarem a ser juizes; e ninguém fallaria na festa feita por elles, ainda que em tudo o mais ella tivesse sido esplendida. O santo é um pretexto para salvas, comesaina, dança e borracheira. Não se póde fazer idéa approximada dos delirios a que dão occasião esses divertimentos! A imagem do santo apostolo, collocada a um canto da sala de baile, assiste, com a immobibilidade do barro cozido, ás scenas mais incriveis e extravagantes que póde conceber a phantasia. As dansas usadas são os lundús, que os executantes variam a capricho, com movimentos lascivos e nem sempre decentes. A essas dansas assistem muitas vezes senhoras de distincção, e não raro os brancos tomam parte n'ellas. As tapuias requebram-se com a languidez mais sensual, que poderia inventar a serpente, de peccaminosa

memoria; os homens fazem-lhes insolitas propostas, em voz baixa, durante o encontro dos pares; o caxiri, aguardente de beijú e outras bebidas, que fariam rugir tetanicamente as tripas do mais intrepido marinheiro inglez, vão dando pouco a pouco á festa uma feição burlesca; os tocadores, convertidos em odres, desafinam atrozmente, rebentam as cordas dos instrumentos e caem sobre elles, reduzindo-os a cavacos, aos lados dos bancos, onde se sentavam; os dansarinos e dansarinas continuam, porém, os seus meneios ternos, até caírem também; os menos ebrios arrastam para fóra da scena os que já succumbiram; e repetem as libações, até serem igualmente arrastados. Por fim, caem todos, como um castello de cartas; vomitam uns por cima dos outros, dormem, esmurram-se, escoucinnham-se, terminando a saturnal de um modo que faria velar o resto ao sol, se elle podesse presenciar-la.

Devo porém declarar, que assisti por vezes a festas em que os tapuios não succumbiam inteiramente; ou porque fossem mais fortes ou porque se tornassem mais sobrios em attenção ás pessoas que tinham convidado, o certo é que resistiam sem cair. Conheci também algumas tapuias moças, que não bebiam liquidos inebriantes, por saberem que só com essa abstenção poderiam

defender e guardar a sua honra. Baena diz, que as indianas domesticas são destituidas do pejo natural ao sexo feminino; esta regra tem excepções e eu poderia citar algumas. As mulheres gentias é que deve com verdade applicar-se o reparo do escriptor paraense.

IX

Sahyré, saltar fogueiras e cortar o mastro

Pag. 117, lin. 24

Sahyré, sahiré, sayré ou toríua é um semi-circulo de cipó, com 6 palmos de diametro, quadripartito, tendo uma cruz e um espelho em cada uma d'essas partes e outra cruz no meio da periferia. — «É todo coberto de algodão batido, ornado de malacachetas e fitas, e adherente a seis pequenas varas, também cingidas de algodão, nas quaes seguram tres indias, sendo a do meio denominada maestra, e pegando outra india na ponta de uma longa fita, que está atada no alto do sahyré, por baixo da cruz; esta india vae saltando para um e outro lado após a maestra, e também para diante d'ella, voltando outra vez ao seu lugar.» — (Baena.)

Saltar as fogueiras é uso semelhante ao nosso em noites de Santo Antonio, S. João ou S. Pedro. Os indios embrulham estas ceremonias e costumeiras, repetindo-as quando lhes parece, ainda que não venham a proposito.

Nas notas do *Odio de Raça* fallei já do sahyré e referi a cerimonia de cortar o mastro do Espirito Santo. Alguns tapuios costumam erguer tambem um mastro a S. Thomé; porém cortam-no sempre de dia, e não de noite como aqui se fez por conveniencia theatral.

X

Bonita mulher é Santa Maria

Pag. 118, lin. 20

Este verso e todos os outros, cantados pelas mulheres e o côro, são traduzidos da lingua tupi. Dei preferencia á medida mais monotona por me parecer que ella estava assim de accordo com o original.

É sabido que a lingua tupi não teve nunca poetas nem oradores que a illustrassem; contudo, ella presta-se á construcção do verso, pelo seu character phonetico, delicadeza e suavidade. O que lhe falta são homens illustrados, que se dediquem a estudá-la profundamente, reduzindo-a a uma grammatica simples e em harmonia com os principios da moderna sciencia.

XI

Tupana!

Pag. 120, lin. 13

Tupá, Tupan, Mupana são synonymos de Deus, e tambem de hostia consagrada e trovão. No sentido em que aqui está, é uma

exclamação e significa litteralmente: Por Deus!

XII

Paranámirim
Pag. 120, lin. 16

Paraná, rio; mirim ou miri, pequeno. Aquelle que especialmente se designa por este nome é um furo, que recebendo perto de Obidos as aguas do Amazonas, na margem direita, subindo, vem restituir-lh'as algumas leguas a cima do furo do Surubiú ou rio de Alemquer, fronteiro á costa de Paricátiba. As bordas do Paranámirim são quasi todas cobertas de bosques de cacoeiros e de laranjaes, que igualam senão excedem em formosura os ricos pomares da ilha de S. Miguel, nos Açores. As laranjeiras formam em torno das habitações semi-circulos graciosos, que principiam á borda do rio, e, rodeando a casa, vão pelo outro lado acabar tambem junto á margem.

Quando eu por lá andava comprando cacau, carreguei muitas vezes a canôa com esses pomos deliciosos, que são talvez superiores aos de todas as outras partes do mundo. Durante o calor bebia-lhes o sumo, espremido n'uma cuia, e os meus tapuios consumiam-nos do mesmo modo. A abundancia era tal, que nunca nos faltavam; os moradores pediam-nos por favor, que os apa-

nhassemos nos seus pomares, para lhes evitarmos o trabalho de os varrerem para o rio, quando caíam das arvores, a fim de que não lhes viciassem, apodrecendo, o ar que elles respiravam!

Se algum acaso propicio levar este livro ás mãos da familia Pedra, saibam todos os que d'ella existirem, que o meu coração tem ainda boa memoria; e recebam affectuosas saudades do hospede agradecido, que tantas vezes e tão benevolamente acolheram e agasalharam na sua poetica residencia do Paranámirim. Ah! quem podéra ir sentar-se outra vez debaixo dos magnificos coqueiros, que ornão o terreiro d'essa casa hospedeira! Vão desejo! inutil aspiração! Passei por lá como passam as aguas do Paranámirim, que nunca voltam atraz para ver de novo os logares florescentes que vão banhando; imagens da vida do homem, que também caminha sem parar, nem poder voltar atraz ou deter-se um momento nas margens da existencia, para contemplar outra vez os prados florentes da sua primavera!...

XIII

Frasqueira de cachaça, frasco de aguardente de Beipo

Pag. 120, lin. 21

Frasqueira é uma medida de pau ou de cobre, que se usa nos engenhos para medir

a aguardente de canna, vulgarmente chamada cachaça, e corresponde a doze frascos.

Frasco, além do vaso de vidro que tem este nome, é também medida de 5 quartilhos.

Aguardente do Reino é a de vinho, portugueza, que assim continuou a chamar-se depois da independencia do Brazil, para se differenciar das aguardentes feitas no paiz.

XIV

Canta-se primeira a ladainha

Pag. 121, lin. 15

Os tapuios cantam a ladainha em todas as festas que fazem, venha ou não a proposito. São reminiscencias dos jesuitas, que os entretinham com isso por saberem o prazer que lhes causavam todas as ceremonias ou cantos religiosos. Convem advertir que elles cantam a ladainha com ar de grande devoção, mas quasi nunca ligam a menor importancia ao que estão dizendo!

XV

Amarraram o Thomé!

Pag. 122, lin. 10

Um dos mais populares costumes do Pará é atar-se uma fita no braço de qualquer pessoa, em vespera do santo do seu nome. O amarrado ou amarrada fará pessima figura, não dando um banquete no dia seguinte ou,

pelo menos, não offerecendo uma prenda a quem o amarrou. Nada é tão divertido como apanhar com um d'estes innocentes laços, e diante de bastante gente, o braço de qualquer avaro! Um sujeito d'estes, tendo sido preso em Santarem por uma senhora, com uma riquissima fita de setim, franjada de oiro, lembrou-se de ir vendê-la, imaginando que o producto lhe daria para o jantar do dia seguinte; mas o caso soube-se e foi tamanha a assuada que fizeram ao homem, que o obrigaram a gastar 300\$000 réis e, por fim, a mudar de terra!

XVI

Paneirinho de beijús

Pag. 122, lin. 22

Beijú é uma especie de bôlo, feito de farinha de mandioca amassada com agua. Tambem se faz aguardente da mesma massa fermentada e distillada depois pelo alambique, a que os indios chamam cauim beyuxiçara, que quer dizer aguardente de beijú.

XVII

Potes de caxiri

Pag. 123, lin. 3

O caxiri é feito de beijús de mandioca especial, que depois de cozidos no forno se mettem n'um paneiro, embrulhados em fo-

lhas verdes; passados dois dias deitam-nos em potes, com agua, desfazem-nos, mexendo, deixam fermentar, e obteem d'esse modo uma bebida, que o dever de historiador fiel me obriga a chamar detestavel. (Veja notas do *Odio de Raça.*)

XVIII

Roçado

Pag. 123, lin. 5

Logar onde se derrubou o arvoredor para cultivar a terra. (Veja notas do *Odio de Raça.*)

XIX

Guariba, tiborna

Pag. 123, lin. 23

Guariba é outra bebida atroz, tambem preparada com productos da mandioca. A tiborna, de mandiocaba, batata e farinha mastigadas, é o mais abominavel de todos os liquidos conhecidos até hoje; produz nos estomagos delicados um abalo capaz de fazer erriçar os cabellos a um calvo.

Seria indelicadeza descrever ao leitor o processo por que ella se prepara; o meu intuito é fazer livros e não vomitorios.

XX.

Macapá

Pag. 124, lin. 8

Macapá, creada villa no anno de 1752, é hoje cidade; está situada na margem esquerda do Amazonas, 40 leguas distante do Cabo do Norte, n'um terreno plano e pouco elevado, com excellente vista, bons ares e boas aguas. O seu nome proveiu-lhe da preciosa madeira chamada macacaúba (*Centrolobium paraense*), arvore leguminosa, com veios pretos, ondeados de vermelho, que abundava nos arredores quando a villa foi fundada. No tempo em que escreveu Baena (1838) a população compunha-se de uns 3:000 habitantes de todas as côres, sendo 500 escravos. Ha ali bastantes estabelecimentos commerciaes, e a terra exporta cacau, algodão, cravo, arroz, feijão, sabão, panno de algodão grosso, azeite de andiroba, milho, couros de boi, de veado e de cotia, tóros de macacaúba, castanha, gallinhas, patos, tartarugas, aguardente de canna, gado e diversos outros artigos das suas florestas, ricas de salsa, breu, oleos, drogas de perfumaria e caça de muitas variedades.

As campinas, onde pastam os seus gados, estendem-se até ao rio Calçoene e ás serranias do Parú; são inteiramente planas, cortadas de rios e lagos amplissimos, e semea-

das de ilhotas cobertas de arvoredo. Nos rios proximos da cidade ha muitos engenhos de fabricar assucar e aguardente; grandes roças e ricas fazendas de gado.

Macapá teve outr'ora alguma importancia como praça de guerra; era artilhada com 86 peças de ferro e tinha uma guarnição bem exercitada. Quando eu ali estive, em 1841 ou 1842, as suas condições militares eram já deploraveis: casernas, armazens de viveres e da polvora, hospital, capella, trem da artilheria e todo o material de guerra desfazião-se em poeira; o Amazonas encarregava-se por sua parte de arruinar as fortificações, solapando o plano natural do baluarte da Conceição, que talvez já não exista hoje!

XXI

Vae ao paneiro da farinha, tira aos punhados e come

Pag. 126, lin. 8

Os indios comem com pasmosa agilidade de pelotiqueiros a farinha de mandioca. Tomam um grande pugilo d'ella e atiram-n'a com um movimento rapido pela bôca dentro, como um tiro de chumbo embalado! Não lhes cae uma unica migalha, embora a mão que arremessa os projectis suspenda o impulso um palmo distante da bôca!

Tentei muitas vezes imita-los, mas, apesar das lições que elles me davam com a

maior complacencia, apenas conseguia abocar a decima parte da farinha; o resto espalhava-se-me pela cara, ou me entrava mais facilmente pelos olhos e nariz, com grande satisfação dos meus mestres tapuios!

XXII

Môlho de tucupi

Pag. 124, lln. 15

O tucupi é o liquido obtido da mandioca ralada e comprimida n'um tubo elastico, feito de talas de guarumá, chamado tipiti. (Veja a nota xxxii ao acto primeiro.) Frio, este liquido é um veneno mortal; fervido ao lume, serve para n'elle se cozer peixe ou carne, que assim fica excellente; e tambem para misturar n'uma especie de caldo gomoso (de tapioca?) denominado tacacá, que as pretas vendem pelas ruas, e que certos estomagos recebem sem rebentar como castanhas postas em braseiro! Deus me perdoe e me desconte tantos annos de castigo, pelos meus peccados, como de vezes eu me impanzinei com essa estupenda combinação!

Voltemos ao tucupi. Fervido ao sol, n'uma garrafa, com alho, sal e pimentas frescas, serve para môlho, em lugar de azeite e vinagre; substitue a mostarda; dura muito tempo engarrafado, e é bom escabeche para

conservar carnes ou peixes moqueados. Alguns cozinheiros misturam ervas com o peixe cozido no tucupi, e posso certificar, que os agriões são excellentes comidos por esse processo. Ha quem goste de metter nas garrafas, em que se conserva este mólho, grandes formigas, pretas ou avermelhadas; dizem que assim fica mais aromatico e appetitoso! O meu estomago, á prova de tacacá, guariba, caxiri, cobra, jacaré, lagarto... finalmente, de comidas e bebidas que metteriam mais medo ao diabo do que uma cruz, resistiu sempre assanhado ao tucupi com formigas; não posso por isso saber se a cousa é boa, mas parece-me selvagem.

XXIII

O meu Xeiro
Pag. 127, lin. 14

Os indios dão o tratamento de xeiro a todas as pessoas do mesmo nome que elles. Antonio, é xeiro de Antonio ou de Antonia; Francisco, de Francisco ou Francisca, etc. Parece-me ser a palavra corrupção de céra, que quer dizer nome. Outros dizem cerapixára.

XXIV

Chico do Igarapé grande e o compadre Manduca
Pag. 127, lin. 14

Chico, sabem todos que é Francisco. Igarapé, significa em tupi rio, riacho ou estei-

ro. Manduca, chamam no Pará a quem tem o nome de Manuel.

XXV

O Peixe-boi e o Cabeça de capiuára

Pag. 127, lin. 16

Compreende-se que são appellidos ou alcunhas que os tapuios põem uns aos outros.

Capiuára, capivára, capivuára, capibára é o *Hydrochaerus capyvara*, de Cuv. Martius diz, que é derivado de caapi e uára (*dominus graminis*) senhor do capim, por allusão á cannarana de agua e outras gramineas de que especialmente se alimenta este animal. A capiuára é o maior dos roedores conhecidos. Cria-se nos rios e lagôas de agua doce; tem o tamanho dos porcos do mato, côr cinzenta, pouco cabello, e come-se-lhe a carne, que é um tanto molle e carregada para as pessoas doentes. Os indios tambem gostam do seu toucinho, apesar de ser muito pegajoso. Costumam caça-las com armadilhas, nas roças e cannaviaes proximos dos rios. Preferi escrever capiuára por me parecer a orthographia mais consoante com a pronuncia tupi. A paginas 224, linha 20, do texto, saiu capuiaras por erro typographico.

XXVI

Vae commigo, senhora Miquelina?

Pag. 127, lin. 21

Modo por que se convida para dansar o lundú. Depois de ter começado o baile, simplifica-se esta formalidade a ponto de não serem precisas palavras. A pessoa que pretende dansar com outra, colloca-se em frente d'esta, principia a requebrar-se, acompanhando o compasso da musica com as pernas e os braços, dando estalinhos com os dedos, sorrindo-se e fazendo mil macaquices, mais ou menos graciosas, dirigidas todas áquelle ou áquella com quem quer dansar.

XXVII

Inambú

Pag. 128, lin. 20

Inambú, enambú ou nambú (*Crypturus*). Ave da ordem das gallinaceas, de que ha differentes especies no Brazil. O inambú-toró (*Crypturus serratus*, Spix) parece-se com uma gallinha pedrez e põe ovos azues. O inambú-quia ou coá (*Crypturus cinereus*, Lath.) é chamado vulgarmente inambú sujo, por ter as pennas côr de cinza escura; põe ovos vermelhos. Ha ainda outras variedades, taes como o inambú-péoa, inambú-piranga e inambú-y; mas só o inambú-toró, que repete de hora em hora as duas syllas.

bas finaes do seu nome, tem a honra de exercer, conjunctamente com o mutúm, as funcções de relógio. Crêem firmemente os indios, bravos ou mansos, que o mutúm canta de noite de duas em duas horas e o inambú de hora a hora. Este ultimo solta uma especie de guincho, que os tapuios imitam perfeitamente, assoprando nas mãos, quando se querem chamar uns aos outros nas florestas, sem que os estranhos percebam se o assobio é de homem ou de passaro.

XXVIII

Bagre

Pag. 128, lin. 26

O bagre (*Silura*) é um peixe, que no Amazonas denominam guiry ou guri. Tem a cabeça como a do enxarroco, porém muito dura, e dentro duas pedrinhas brancas, muito bonitas, mettidas no miolo; a sua pelle é prateada e sem escamas. Algumas especies passam por ser electricas como o puraqué.

XXIX

Biribá

Pag. 129, lin. 17

Arvore da familia das anonaceas, que produz um fructo do mesmo nome, em fórma de pinha mansa, muito semelhante ás anonas. O fructo, quando maduro, toma na su-

perficie escamosa uma bella côr amarellada; cada escama tem no apice um pico flexível. A massa interior é branca e permeiada de muitos bagos pequenos, achatados, cada um dos quaes tem dentro um carocinho preto e luzidio, de fórma elliptica. A polpa come-se ás colhéres e tem sabor de nata ligeiramente adocicada.

XXX

Quindins de yáyá

Pag. 129, lin. 19

Já disse n'uma nota do *Odio de Raça*, que os dictionarios ainda não julgaram opportuno dar fóros de cidade ao vocabulo brasileiro quindins. E oxalá que fosse só esta falta que tivessemos a lamentar! Mas quantos termos portuguezissimos andam fóra da circumvallação lexicographica, esperando que os guardas barreiras da lingua, que deixam passar tantos artigos de contrabando, embainhem os chanfalhos da ignorancia com que lhes impedem a entrada no mercado! Desculpe-me o leitor indulgente esta tirada, com pretensões a estylo, que me escapou sem eu querer; mas faz pena ver que temos cada vez mais e maiores dictionarios e menos repositórios de boas e legítimas palavras portuguezas.

Yáyá ou yáyásinha é tambem, como todos sabem, palavra usada no Brazil; em-

prega-se como o tratamento mais assucara-do, que um amante póde dar á sua bella n'aquelle paiz de docuras.

XXXI

Mingáu de batata
E de jurumú
Pag. 129, lln. 20 e 21

No diccionario de Moraes encontra-se o seguinte artigo:

— «Mingáu, s. m. t. do Brazil: Papas de farinha de trigo, ou da flor da Mandioca, com assucar, ovos, etc. *Vasconc.* Not. Figueira, Gramm. p. 49 «pitinga» de mandioca molle fermentada na cama, ou em agua; tem mau cheiro, como indica o *tinga* da lingua Brazilica, em *catunga*, etc.»—

Impagavel Moraes! Tinga, quer dizer branco em lingua tupi, e não póde vir de catunga nem dar mau cheiro ao mingáu. É mais um destempero dos muitos que povoam aquella Babel da lingua portugueza, como lhe chamou o sr. Alexandre Herculano.

O mingáu póde ser feito de arroz, ou de qualquer farinha, como os caldos e as papas. Comi-o de muitas qualidades no Pará e no Amazonas, mas nunca achei nenhum com mau cheiro ou catunga.

O Brazil possui grande variedade de tuberculos comestiveis, com o nome commum

de batatas. Os mais notaveis, depois da mandioca, são: o cará (*Dioscorea brasiliensis*, Willd.) de massa compacta, branca, aquosa, macia, e de sabor agre-doce. Ha outra variedade, a *Dioscorea triloba*, de Vell., que é menos apreciada.

O inhame (*Dioscorea sativa*, Linn.) é da Africa, mas cultiva-se largamente no Brazil. É mais doce e succulento do que os carás; muito nutriente e sadio, de facil digestão e proprio para pudins e bôlos. Algumas d'estas tuberas pesam 3 kilogrammas.

Macaxera, macachera ou aipim (*Manihot aipi*) tem a raiz tuberosa, semelhante á da mandioca, rolleça e adelgada para a extremidade; na casca, aspera e parda, do tuberculo, contém uma substancia compacta e adocicada, tendo um eixo fibroso ao centro. Cozida ou assada substitue o pão; ralada, produz uma fecula de que se faz a melhor farinha, pudins, bôlos e filhoz. Ha macaxera branca e preta. A planta que a produz tem, como a da mandioca, o nome vulgar de maniba.

Ha ainda uma batata avermelhada, mui doce e agradavel, que pôde competir com o inhame.

Jurumú, gerumú e girimú é a *Cucurbita major*, de Duch. Apesar de originaria da India, esta abobora dá-se perfeitamente em

todo o Brazil, assim como em Portugal e nos Açores. Ha muitas variedades de girimú; o de que se trata aqui tem a massa vermelha, succulenta, de gosto adocicado e come-se cozido com carne. Em alguns logares usa-se tambem para doce.

XXXII

Coropira

Pag. 130, lin. 2

Coropira, Curupira ou Gurupira. Uns chamam-lhe Deus, outros diabo silvestre. Apparece em figura de tapuio ás mulheres que se perdem na floresta, e na de tapuia aos homens. Quem o seguir, e as pessoas que o encontram sentem-se irresistivelmente attrahidas para elle, perde-se infallivelmente nos bosques. Os indios, quando se extraviam, costumam fazer estrellas, rodellas e pequeninos cestos de cipó ou talas de guarumá entrancado, que vão deixando pelo caminho. Crêem que a Coropira, desejosa de aprender o modo por que elles fazem estes engeñosos tecidos, se entretém a desmancha-los enquanto os fugitivos se põem fóra da sua fascinadora influencia. Tapuio que não souber usar d'estes preservativos, nunca mais voltará ao povoado. (Veja a nota. xx do *Offio de Raça*.)

XXXIII

Cunhã

Pag. 130, lin. 12

Cunhã, mulher, femea; cunhatém ou cunhatã, rapariga, antes da puberdade; cunhámocú ou cunhámocú, moça, donzella. Os indios, referindo-se a mulheres de certa ordem, não lhes chamam senão femeas; empreguei o termo tupi para evitar o mau efeito que faria a palavra portugueza.

XXXIV

— «Onde estás, meu terno amante?

É noite, e chama-te amor

Pag. 131, lin. 14 e 15

No segundo verso escapou no texto um erro typographico, que o leitor facilmente corrigirá. Em vez de É noite, saiu E noite. Para desfastio dos leitores, ponho aqui o romance primitivo, que se intitulava a *Virgem do Anhangapi*. Anhangapi quer dizer terra ou origem do phantasma. Não sei bem a razão por que substitui um romance pelo outro, por isso dou-os ambos:

I

— «Nasci nos matos floridos,
Que rodeiam o Pará;
Em pequena me embalaram
As ondas do Guajará.

Era trigueiro o meu rosto,
Meus labios, rosada flor;
Os meus cabellos escuros,
Dos meus olhos negra a côr.

Quando cheguei aos quinze annos,
Chamavam-me anjo do bem;
E eu dava a todos sorrisos,
Sem ter amor a ninguem.

Ia crescendo, crescendo,
E linda cada vez mais!
E os moços da minha idade,
Ao ver-me tudo eram ais!

Que de morenos graciosos,
Que de brancos desprezei!
Corações de vinte amantes
Sem piedade aos pés calquei.

Só me aprazia banhar-me
Nas aguas do Guajará;
E colher favas de cheiro
Nos matagaes do Pará.

Mas um dia, um desgraçado,
Dos muitos a quem eu fiz,
Caíu-me aos pés, exclamando:
— «Morra assim quem me não quiz!

Que a paixão entre em tua alma;
Que adores quem não te amar;
E morras do desespero,
Que assim me faz acabar!

Que Deus te envenene a vida,
Fazendo-te amar em vão;
Seja o teu premio na terra
Um homem sem coração.» —

Disse e expirou; insensível,
Do seu corpo me apartei.
Nem ri do seu desespero,
Nem, vendo-o morto, chorei. —

II

Assim cantava a donzella
Na margem do Guajará;
Depois metteu-se nas matas
Que rodeiam o Pará.

Procurou favas e flores,
As mais formosas colheu;
E nos seus negros cabellos
Alva capella teceu.

Querendo saber do rio
Se estava mais bella assim,
Corre, corre, mas debalde,
Que a selva já não tem fim!

Não vê o espelho das aguas
Onde ía o rosto mirar...
Fugia o sol nas clareiras,
E ella sempre a caminhar!

Ferem-n'a agudos espinhos,
Açoitam-n'a mil cipós...
Segue uma visão que a chama,
Attrahe-a encantada voz.

— «Gentil caçador, escuta,
Dize-me por onde hei de ir.
Repara que não sou feia...» —
E o caçador sem a ouvir.

É tapuio e moço ainda,
Leva arco e frechas na mão;
Seus olhos também são negros,
Da côr que inspira a paixão.

Arfava o seio á donzella,
Que ía dizendo, a correr:
— «Como o coração me bate!
Como sinto o rosto arder!...

Caçador, é já sol posto;
Se andas perdido como eu,
Serás meu guarda esta noite,
Velarás o somno meu.

Tu és lindo, eu sou formosa;
Sou moça, joven tu és;
As onças irão de largo,
Vendo o teu arco a meus pés.

Ámanhã virás commigo
Banhar-te no Guajará;
E farás morrer de inveja
Mil amantes do Pará.

Só a ti, gentil tapuio,
Dou a flor do bem querer...
Pára; não fujas! espera!... —
E o caçador a correr!

— «Não queres ser meu marido,
E em cama de fresco ubim,
Ou na rede de maqueira
Vir deitar-tè a par de mim?!

Em vez de mulher, escrava
Terás para te servir;
Teus serão meu corpo e alma... » —
E o caçador a fugir!

— «Nenhum homem gosou nunca
Delicias quaes te eu darei...
Ah!... lembro-me!... És o phantasma
Dos corações que eu matei!» —

E a moça caíu sem vida
Na floresta do Pará,
Entre as plantas que perfumam
As aguas do Guajará.

XXXV

Sapopemas
Pag. 132, lin. 5

Sapopema ou çapopema, que é talvez melhor orthographia, vem de çepó apéba, que significa raiz chata.

Ha no Brazil differentes especies de arvores, que teem as raizes chatas como taboas, da largura de 1 e 2 metros, e crescem do tronco a 12 e 15 palmos de altura, descendo unidas a elle até ao chão, onde se alargam enormemente. A arvore parece mettida em raios, formando angulos agudos com o tronco e a terra, e deixando entre uma e outra raiz espaços onde podem caber muitas pessoas. É a essas grandes raizes que se dá o nome de sapopemas. Quando alguém se perde na floresta, bate n'ellas com o machado ou com a coronha da espingarda e o echo repercute-se a immensa distancia. É um modo de que se servem os exploradores de drogas, para se communicarem uns com os

outros, chamarem-se ou darem simplesmente signal, por algumas pancadas combinadas antecipadamente, de que não ha novidade. Como estas arvores abundam nas florestas do Pará e Amazonas é facil, por meio das sapopemas, reunirem-se rapidamente dez ou doze homens, que andem espalhados n'uma floresta fechadissima, para se prestarem mutuamente apoio em caso de perigo.

XXXVI

Juruti

Pag. 182, lin. 25

Juruti, jeruti e juriti (*Columba cabocolo*, Spix) é uma rola cinzenta, de peito esbranquiçado, quasi sem pennas na cabeça, e por isso lhe chamam juruti calvo. No Pará e Amazonas ha muitas variedades de rolas e pombas, todas excellentes para comer.

XXXVII

Nenhum tapuio se perde no mato, porque todos sabem guiar-se pelo sol

Pag. 133, lin. 10

Como todos os povos primitivos, os indios da America guiam-se pelo sol e nunca se transviam, emquanto se acham no estado selvagem. Depois de civilisados parece que se lhes enfraquecem gradualmente alguns dos sentidos, que anteriormente tinham apu-

radíssimos, e não se afoutam com a mesma confiança a perder de vista as margens dos rios e dos lagos. Elles não teem comtudo outra bussola, senão o sol, para os impedir de se perderem nas solidões profundas, onde se aventuram muitas vezes até grandes distancias em procura da salsa, do cravo, da cupahiba e outras drogas; mas confessam, que se não arriscam com muita satisfação ao perigo de se extraviarem. Apesar de eu ter vivido perto de cinco annos em contacto constante com as florestas, não consegui nunca apropriar-me da sciencia dos indios, para saber guiar-me; apenas perdia de vista a margem do rio ou do lago, por maior attenção que tivesse prestado á posição do astro do dia e á sua marcha, não sabia já d'onde elle vinha nem para onde ía; enganava-me completamente nos calculos e internava-me, cuidando voltar ao ponto de partida! Imagine-se pois se os tapuios, tendo perdido com os habitos da civilisação a pratica da vida dos bosques, não estarão sujeitos ás mesmas difficuldades em que eu me via. É certo que são raros os que se perdem, mas perdem-se alguns; e isso basta para se suppôr que a asserção de Thomé era mais basofiosa do que verdadeira. (Veja nota xx do *Odio de Raça*.)

XXXVIII

Oiára

Pag. 183, lin. 19

Oiára, como o juiz explica, é a mãe d'agua ou Deusa dos rios. (Veja a nota XXXII do *Odio de Raça*, onde se trata largamente d'este mytho.)

XXXIX

Vamos á jáca !

Pag. 133, lin. 25

A jáca, nome de uma arvore fructifera (*Artocarpus integrifolia*, Linn.), é tambem uma dança, introduzida entre os tapuios do Pará pelos soldados pernambucanos, que em 1835 fizeram parte da expedição encarregada de ir pacificar aquella provincia.

XL

Antes a chula !

Pag. 133, lin. 27

Outra dança, levada pelos portuguezes, profundamente modificada com a transplantação. No Minho e no Douro é alegre, viva, energica e graciosa; nas margens do Amazonas adquiriu a languidez das dansarinas e dansarinos da localidade, tornando-se requebrada, lenta e sentimental como um antigo minuete.

XLI

Come gente
Pag. 136, lin. 8

Muitos tapuios, nascidos e creados nas villas e aldeias, entre os primeiros alvares da civilisação, filhos de mãe e pae já domesticos, suppõem que todos os indios bravos são anthropophagos. Alguns mesmo, que nasceram gentios, mas se separaram completamente da tribu, logo que se baptisaram, teem tanto ou mais terror que os outros em se approximar da antiga familia, convencidos de que ella não hesitaria em come-los, se os apanhasse!

XLII

Correndo a mão pela cabeça de Miquelina
Pag. 136, lin. 15

É um modo de exprimir a amisade ou simplesmente a sympathia, entre os jurunas.

XLIII

Cabeça de tátú!
Pag. 137, lin. 2

Tátú é um animal do genero *Dasypus*, de que ha diversas especies. Tátú-açú (*Dasypus gigas*, Cuv.) é quasi como um baco-ro, tem as pernas curtas e escamosas, o focinho comprido e cheio de conchas, orelhas e cabeça pequenas, sendo esta igual-

mente revestida de conchinhas; olhos pequenos, cauda comprida e com muitas laminas á roda, sobrepostas umas nas outras; o corpo é igualmente coberto com estas laminas ou conchas, que tem apparencia de forte e graciosa armadura. Quando o atacam, mette-se todo dentro da concha, deixando apenas de fóra as unhas, que são mui grandes e lhe servem para fazer no chão a casa onde vive e cria os filhos. Sustenta-se de fructos e minhocas; é muito vagaroso no andar, e quando cae de costas tem quasi tanta difficuldade como o jaboti para voltar-se. Pelo lado da barriga é avermelhado e cheio de verrugas.

Os indios apanham-n'os com armadilhas e apreciam muito a sua carne. As casas subterraneas, em que vivem os tátús, costumam ter muitas entradas, porém todas de tamanho que apenas caiba por cada uma um inseto. Não ha força de homem capaz de arrancar o tátú para fóra da sua residencia, puxando-o pelo rabo, porque elle abre as conchas contra as paredes interiores da porta e crava as unhas no chão com uma energia, que o torna digno da liberdade e da vida. Vivem muitos juntos, mas sae só um por cada vez á caça dos fructos das palmeiras *tucuman* (*Astrocaryum tucumã*) e mucajá (*Acrocama sclerocarpa*, Mart.), de que

fazem seu principal sustento. Quando chegam debaixo das palmeiras, comem até faltar-se; depois levam para casa todos os fructos que pôdem, assim como folhas secas, que lhes servem para cama, e tambem como alimento quando desconfiam que alguem os está espreitando e não ousam por isso arriscar-se a sair. É no inverno que os pequenos saem atraz das mães, o quê denota nascerem no outono.

Este animal domestica-se facilmente, comtanto que no lugar onde o mettem encontre ebão apropriado para abrir a toca. Domestico, adquire rapidamente um dos mais perniciosos vicios do homem, que é roubar. Singular destino da civilisação! Corromper a humanidade... e os tátus!

XLIV

Danças guerreiras

Pag. 137, lin. 16

É sabido que os povos barbaros são muito affeições a todos os exercicios do corpo, e nas suas danças simulam geralmente lutas e combates:

XLV.

Jacumá

Pag. 137, lin. 19

Jacumá quer dizer leme. Por extensão se chama tambem assim o remo curto, com

que nas canôas pequenas o homem que vae sentado á pôpa rema e governa ao mesmo tempo.

XLVI

Pirá-jaguára

Pag. 138, lin. 3

Pirá, peixe; jaguára ou jagoára, cão. É o *Delphinus* de quasi todos os naturalistas antigos e modernos, o boto lusitano, e buto, no portuguez das margens do Amazonas. Mas advirta-se que os de agua doce não devem confundir-se com os do mar, ainda que estes ultimos sobem pelos rios até grandes distancias.

É tão proverbial a rapidez com que o delphim corta a agua, que os marítimos o denominaram flecha do mar. Plinio diz que elle anda mais depressa do que um passaro voando ou um dardo arremessado por qualquer machina de guerra. Não foi só nos tempos antigos, nem exclusivamente na Grecia, que elle se tornou objecto das afeições e sympathias do homem; tambem os povos do sertão do Pará o tratam como amigo da especie humana. As fabulas risonhas dos gregos renovaram-se na foz do Surubiú, onde se crê que os butos, em vez de hostilisarem o homem, quando este naufraga, o acompanham até ás praias, no intuito de o defenderem dos outros animaes ou de o levarem

às costas, se o virem prestes a afogar-se por effeito do cansaço.

Em todos os rios e lagos em que não escasseie o peixe, e as correntes sejam brandas, andam elles aos bandos, por entre as embarcações dos pescadores. Assim como no alto mar seguem os navios á porfia, brincando-lhes na prôa, nos rios e lagos do norte do Brazil seguem as canôas, e muitas vezes se approximam de quem está tomando banho nas praias, a ponto de se lhes poder chegar com as mãos. Não ha exemplo de praticarem a menor violencia contra qualquer naufrago. Infelizmente o homem corresponde quasi sempre mal á confiança dos outros animaes e retribue a dos delphins, arpoando-os durante as calmarias do Oceano por simples divertimento! Semilhante ao tigre, mata por desenfado um ente inoffensivo como o buto, que se abstem de tirar desforras, apesar de ser carnívoro.

XLVII

Hugh!...

Pag. 142, lin. 3

. Hugh! ou hough! grito guttural dos jurunas, que tem quasi sempre o valor de um rugido de colera, e que me foi impossivel esprimir com outras letras, para o fazer passar por interjeição.

XLVIII

Caraibébé

Pag. 142, lin. 7

Caraibébé ou caraybébé. Traduz-se por anjo, archanjo ou seraphim. Martius escreveu caraybabé, mas não me parece que seja a melhor orthographia. Todos os meus vocabularios manuscriptos teem caraibébé.

XLIX

Marucututú-miri

Pag. 142, lin. 10

É uma ave nocturna, de côr pedrez e olhos amarellos, do genero *Strix*. Os indios tiram bom ou mau presagio do seu canto, para o exito de qualquer empreza, conforme as disposições de espirito em que se acham.

L

Carybas

Pag. 142, lin. 22

Quer dizer brancos, e applicava-se exclusivamente aos portuguezes. Alguns vocabularios trazem cary'ba, mas como na lingua tupi o y tem quasi o som de u francez, outros escreveram cariuba, e tambem cariba. Hoje quasi todos pretendem que se diga e escreva carayba. Os indios do Amazonas e do Pará, a quem ouvi fallar tupi mais puro, pronunciavam de modo que eu entendi sem-

pre caryua; não me atrevo porém a sustentar que seja esta a verdadeira orthographia, com quanto não hesitasse em preferi-la a carayba.

LI

Margens do Arinos

Pag. 142, lin. 24

Diz Baena que as vertentes do rio Arinos estão quasi beijando as do Xingú, e que umas e outras jazem quasi vizinhas das nascentes do Cuyabá e do Paraguay. Um capitão Bartholomeu Bossi escreveu ha poucos annos uma *Viagem pintoresca pelos rios Paraná, Paraguay, S. Lourenço, Cuyabá e o Arino, tributario do grande Amazonas*; mas as suas descripções merecem pouco credito.

O Arinos desagôa no Tapajós; o terreno por onde elle corre passa por ser bastante aurífero e diamantino.

LII

Tupinambaranas

Pag. 142, lin. 25

Ou Tupinambarana; é o nome de um braço, que o rio Madeira deita para E., 12 leguas acima da sua foz e entra no Amazonas 50 abaixo d'ella. É tambem conhecido por furo de Urariá ou Canumá.

LIII

Farejando para o lado da porta
Pag. 142, lin. 29

Os selvagens teem o olphato tão apurado que, a grandes distancias, conhecem a especie de animaes que se lhes approxima através da floresta, e ás vezes as tribus a que pertencem os homens, e se são amigos ou inimigos!

LIV

Araúna, que se esconde para obrigar o japim a crear-lhe os filhos!
Pag. 143, lin. 6

Araúna, ararúna, araraúna e uaraúna (*Psittacus hyacinthinus?*) é uma ave preta, do tamanho de uma rola, que vive em bandos no Pará e põe os ovos nos ninhos dos japins, para que estes lhe criem os filhos.

Japim, japiim, japii e japiym. Passaro pintado de amarello e preto, que pendura os ninhos nas arvores proximas das habitações do homem. Vive em bandos de mais de duzentos e arremeda o canto das outras aves. Os ninhos, pendendo ás centenas dos ramos das acacias, com as portas abertas de lado, e os japins cantando com as cabeças de fóra, teem o mais singular e gracioso aspecto que póde imaginar-se!

LV

Soares de Andrea

Pag. 146, lñ. 7

Francisco José de Sousa Soares de Andrea, se a memoria me não falha, era o nome do valente general que pacificou o Pará, por occasião da cabanagem. Devi a esse homem distincto a satisfação de o ter conhecido pessoalmente, porque elle dignou-se ir de proposito á casa onde eu era caixeiro para me conhecer tambem. Eu tinha apenas onze annos; mas creio poder affirmar, sem immodestia, que n'aquelle tempo as duas celebridades mais notaveis do Pará eram o presidente da provincia... e eu. Elle distinguia-se pela energia com que batia os cabanos, pelo rigor com que mantinha a disciplina militar e provia á defeza da cidade, ainda ameaçada por alguns bandos de facinoras espalhados pelos rios ou matas proximas; eu, pela audacia com que punia todas as pessoas que me insultavam, sem attenção ao seu tamanho, qualidade, sexo, ou numero, e pela pericia com que lhes quebrava as cabeças com os pesos das balanças ou com as garrafas de aguardente. A fama do general offuscava um pouco a minha, attendendo-se á posição elevada do presidente da provincia; mas os caixeiros da cidade affir-

mavam, que em vista da minha idade eu era muito maior do que Andrea!

Elle costumava ir frequentemente a casa de um meu vizinho, chamado João Antonio Rodrigues Martins, irmão ou primo do barão de Jaguarari, que ficava fronteira ao estabelecimento onde eu era caixeiro. Das janellas d'essa casa via-se toda a rua da Paixão até ao largo do palacio do governo; passavam por ali ás vezes os presos cabanos, agarrados nos matos proximos de Santo Antonio, Reducto e Paúl de Agua, e não era raro que o presidente desse instrucções ás escoltas que os conduziam, quando lhe passavam por baixo das janellas, mandando fazer n'esses assassinos justiça summaria. Entre outros, recordo-me do seguinte facto:

Dois soldados conduziam um preso, segurando-o cada um do seu lado, pela cintura, e levando ambos as baionetas desembainhadas. Andrea, que estava conversando ao pé de uma janella, viu-os e gritou:

— Ó soldado! Quem é esse homem?

— É o Diamante, meu general.

— O Diamante?!

— Sim, senhor.

— Tens toda a certeza d'isso?

O preso, que era homem de côr, entre preto e mulato, dos que no paiz denominam cafuzos, alto, muscuroso, de olhar feroz e

astrevido, voltou-se para a janella, onde se tinha reunido a familia da casa, e depois de encarar por um instante o general e as outras pessoas, disse:

— Vossereencia custa á capacita que sô ió mesmo? Tem rézão; Diámante não deixava apanhá por seu sordado, si não tivesse caído quando corria em Páu d'Agua. Agora póde matá êre, que já vingou picando muito sordado de vossereencia. E tem pena de não matá vossereencia mesmo.

Toda a familia se retirou para dentro, revoltada com a insolencia do preso. Andrea disse para o soldado, deitando-lhe á rua um bilhete, rapidamente escripto a lapis:

— «Dize lá ao ajudante,
Que sendo esse o Diamante
O mande já lapidar.» —

Não sei se elle teve a intenção de fazer versos; mas as palavras soaram-me do modo por que as escrevi nos meus apontamentos ha mais de trinta annos, e como as transcrevo agora. Penso que Andrea não desgostava de rimar; citarei outro facto para apoiar esta asserção:

Um soldado, mandado por elle em serviço militar, matou com um tiro uma rapariga de quem teve ciumes. Sendo preso, dizia que não podia ser crime matar uma ca-

della. O conselho de guerra condemnou-o á morte, e só então o criminoso reconheceu, que a sua situação era grave. Appellou por isso da sentença para o presidente, que lhe poz este despacho:

— «No caso do supplicante
Não concedo appellação;
Tendo morrido a cadella,
Que morra tambem o cão.» —¹

¹ Esta anecdota faz lembrar a do poeta Marere com Xisto V. Marere fez uma satyra, em que era ultrajada a mulher de um empregado superior; este queixou-se ao papa, que mandou chamar o poeta á sua presença: — Por que tratastes como meretriz uma dama que todos julgam virtuosa? Tendes motivos para vos queixardes d'ella? — Não, santo padre. — Então porque a calumniastes? — Preci-sava de uma rima e achei-a no seu nome.

Xisto V mordeu os beiços e perguntou-lhe: — E vós, senhor poeta, como vos chamaes? — Marere, para servir a vossa santidade. — N'esse caso tambem me chega a minha vez de fazer versos; e como o vosso nome me fornece a rima, quero experimentar:

Vous méritez, seigneur Marere
De ramer dans une galère.

(Vós mereceis, senhor Marere, de ir remar n'uma galé.)

Pronunciada a sentença, foram inuteis todas as supplicas feitas pelos parentes e amigos do culpado. — A rasão e a rima concordam tão raras vezes na poesia — respondia o papa — que é preciso apro-

Declaro que não tomo a responsabilidade d'este despacho; mas corria como certo no Pará, onde havia milhares de anedotas a respeito de Andrea, umas comicas e com pilhas de graça, outras dramaticas ou tragicas. Em todas as provincias onde elle exerceu commando, ficou um homem lendario. Com relação ao Pará, foram immensos os serviços que ali prestou, e sem a sua grande energia não se tinha pacificado a provincia em tão pouco tempo. Elle saía de noite, disfarçado, para rondar as guardas e sentinelas, e era implacavel com as que apanhasse dormindo. Alguns negociantes, portuguezes e brasileiros, que tinham sido obrigados a sentar praça n'um corpo de policia, para defeza da cidade e sua propria, foram por vezes punidos duramente, até com pauladas, por infracções de disciplina! Os cabanos estavam costumados a zombar das auctoridades legaes, que dormiam muito; por isso só quando viram que Andrea os lapidava sem piedade é que se convenceram de que havia passado o seu S. Martinho.

Resta-me explicar por que motivo tive a honra de ser visitado por aquelle homem distincto. No prefacio dos *Cantos Matutinos*

veitar as occasiões em que isso acontece e faze-las constatar.— Em consequencia d'essa decisão, o poeta pagou a calumnia com algum tempo de galés.

referi uma das minhas proezas, a qual foi eu ter batido com uma grande colher, cheia de manteiga, na cara de um escravo do presidente do Pará. Quando o mulato recolhia a palacio, pingado desde a cabeça até aos pés e com os olhos vermelhos do sal da manteiga, encontrou o senhor, que se dirigia para casa dos meus vizinhos. Sabedor do caso, o general entrou no estabelecimento, onde eu estava chorando com as dores das palmatoadas que recebêra do meu ingrato patrão, por premio de tão glorioso feito.

— Foi o senhor quem quebrou a cara ao meu escravo?

— Fui; e por causa d'aquelle patife, apanhei duas duzias de palmatoadas!...

— Boa merecidas!

— O senhor diz-me isso?!

— Aposto que me quer dar tambem com a colher de manteiga?!

— Chame-me gallego, marinheiro, bicudo ou pé de chumbo, como fez o batre de seu escravo... e verá!

Andrea quiz sorrir-se e fez uma careta medonha. O motivo, que só mais tarde comprehendí, provinha de elle tambem ser portuguez; mas fizera-se brasileiro e não gostava que lhe lembrassem estas differenças.

— O meu rapaz chamou-lhe esses nomes?

— Por que lhe bateria eu?!

— Quem sabe?! Vejo-o quasi todos os dias atirar pedras aos pretos, quebrar cabeças e fazer tanta bulha n'esta rua!...

— É porque não estou resolvido a deixar-me insultar.

— Quantos annos tem?

— Onze.

— Promette! Continue assim, que ha de ir longe!

Saíu; e eu, que tomei a ironia por um cumprimento, fiquei todo vaidoso e ufano de ter ensinado o escravo, sem me lembrar já da sova que isso me custára. D'a'hi em diante, quando via passar o homem illustre, que tinha querido conhecer-me, perfilava-me ao balcão, á espera de novo elogio; mas o grande marechal nunca mais se dignou olhar para mim, nem o seu creado tornou a ir comprar generas ao estabelecimento! O meu patrão, despeitado com a perda do freguez, poz-me fóra por incorregivel.

Assim se apreciam e premeiam as mais bellas acções!

LVI.

Pauxis

Pag. 148, llin. 3

Nome tupinico de Obidos, villa creada em 1758, na margem direita do Amazonas, algumas leguas abaixo da foz do rio Trombetas. (Veja *Ensaio Chorographico*, de Baena.)

LVII

Gurupátuba

Pag. 148, lin. 11

Nome de Monte-Alegre, antes de elevada a villa em 1758. (Veja a obra de Baena e as notas do *Odio de Raça.*)

LVIII

Xibé

Pag. 148, lin. 14

Farinha de mandioca molhada em agua fria.

LIX

Tapéra

Pag. 149, lin. 11

Aldeia velha, abandonada; e diz-se tambem dos sitios ermos.

LX

Do mato

Pag. 152, lin. 10

Nome por que todos os tapuios designam as florestas.

LXI

Itaúba, maçaranduba e cedro

Pag. 153, lin. 20

São tudo arvores que se empregam na construção naval e na marcenaria. Itaúba é *Acrodictidium itaúba*; maçaranduba, *Mimusops elata*; cedro, *Cedrella brasiliensis*. Das ou-

tras especies já se tratou nas precedentes notas.

LXII

Cenemby que toma o sol sobre os ramos da embaubeira

Pag. 156, lin. 17

Cenemby é o camaleão. Embaúba, ambaíba, imbaíba, umbaúba ou embaubeira é a *Cecropia peltata*, de Linn. A preguiça vive n'esta arvore, que povôa as margens do Amazonas, e alimenta-se dos seus grelos medicinaes.

LXIII

Aipim

Pag. 156, lin. 19

Aipim, aipi, aipii e aipiyu é uma variedade da mandioca. (Veja a nota xxxi, do acto terceiro.) Os indios anthropophagos esperavam, para matar os prisioneiros, que fosse occasião de se fazerem os vinhos de mandioca, milho ou cajú, para com elles comerem a carne dos adversarios, como em alguns logares de Portugal se espera o vinho novo para matar o porco.

LXIV

Assacú

Pag. 157, lin. 9

É a *Hura brasiliensis*, euphorbia colossal, de cujo leite os indios compõem, com outros ingredientes, um veneno para empe-

conhar os bicos das frechas. Suppoz-se durante algum tempo que esse leite fosse remédio eficaz contra a elephantiasis; infelizmente, provou-se já o contrario. Apenas serve para embriagar os peixes; e os indios tambem o usam como emplasto, contra a dor de peito. Só por si não é veneno mortal, apesar de Lourenço parecer persuadido d'isso.

AO QUARTO ACTO

I

Miriti, marajá, caraná, bacába, patauá
Pag. 159, lin. 27 e seguintes

Miriti é a *Mauritia flexuosa*, uma das mais bellas arvores da familia das palmeiras; marajá, *Bactris setosa*; caraná, *Mauritia caraná*; bacába, *Enocarpus distychius*; patauá, *Enocarpus batauá*.

II

Estou no mato virgem
Pag. 161, lin. 22

Humboldt queixava-se de que já no seu tempo se tinha abusado muito da denominação de floresta ou mata primitiva, que não tem significação absoluta: — «Deve cha-

mar-se floresta primitiva ou virgem a toda a qualidade de mata brava e cerrada, entulhada de arvores vigorosas, que nunca sentiram a mão destruidora do homem? Esse nome pôde então applicar-se a grande numero de regiões diversas da zona temperada e mesmo da glacial. Mas pretendendo-se designar, principalmente, a impenetrabilidade de uma vasta floresta e a impossibilidade de n'ella abrir caminho, sem ser a machado, por entre arvores que não teem menos de 8 a 12 pés de diametro, as florestas virgens pertencem exclusivamente ás regiões tropicaes.» — (*Tableaux de la Nature.*)

No Brazil chama-se mato virgem não só a todo aquelle que nunca foi explorado, como tambem ao que não tem caminhos de qualquer natureza, nem permite que se entre n'elle sem auxilio do sabre e do machado.

III

Deitou-se no chão, para ouvir o ruído dos teus passos

Pag. 162, lin. 7

Os indios do Brazil conhecem, escutando com o ouvido no chão, o rumo, a distancia e quasi o numero dos seus inimigos. A solidão em que vivem apura-lhes todos os sentidos e dá-lhes a faculdade de poderem differenciar immediatamente um cipó de uma cobra e os passos do homem dos de outros

animaes. Alem d'isso, a enorme quantidade de folhas seccas, que alastram o chão, permite-lhes distinguir melhor os ruidos.

Por mais de uma vez, na minha vida aventureira, recorri a esses meios selvagens com optimos resultados. Quando residi na costa de Paricátiba, entre Obidos e Alemquer, havia em casa uma preta de quinze ou dezeseis annos, que tinha adquirido entre outros vicios o costume de fugir para o mato. Eu era caixeiro do senhor d'ella; e posso affirmar, que se não fossem as correções que se lhe davam, por ser useira e vezeira em fugir, a minha escravidão seria peor do que a sua. O trabalho que se lhe distribuia não era violento, nem demasiado para a sua idade; comia do mesmo que eu, vestia das mesmas fazendas e tinha a vantagem de não comprar o vestuario, que a mim me custava bem caro, apesar de ser mui simples. Existe porém uma raça de pretos, que, fugindo uma vez, toma gosto á liberdade e não ha branduras nem mimos capazes de lhe impedir as reincidencias. A escrava de que trato pertencia a essa raça.

No sitio em que habitavamos, abundavam os fructos silvestres; as casas da nossa residencia eram cercadas de mangueiras, laranjeiras e bananeiras, onde a preta podia, durante a noite, prover-se para muitos dias.

A direita e á esquerda, estendiam-se grandes plantações de cacau; ao nascente, corria o Amazonas; e ao poente havia um grande lago, que no verão deixava descobertas extensas campinas, immediatamente vestidas de verdura. Em todos os arredores, quer para as bandas do lago quer para as do rio, descobriam-se vistas aprazíveis, caminhos por baixo de ramarias sempre verdes e floridas, cortados de pequenos lagos e riachos. Ás horas do calor, sombras deliciosas, sobre leitos de folhagens odorantes, convidavam ao repouso do corpo e ao recreio dos olhos, que podiam contemplar milhares de insectos doirados e passaros de côres brilhantes, volteando sob a abobada de verdura; durante a noite, um céu refulgente de estrellas ou luar, que faria inveja aos dias de outros climas; temperatura tepida e suavemente embalsamada; arvores, cujos ramos formavam leitos naturaes, onde se podia adormecer, embalado pela viração, ouvindo os cantos melodiosos do sabiá!...

A preta tinha razão para preferir a vida livre da floresta ao captiveiro domestico.

Que importava que por entre os arvores passeasse tambem o jaguar; a boa, o cascavel e a jeraraca? Que o jacaré viesse, manso e de leve, respirar ao pé d'ella, durante a noite, o ar perfumado que a em-

briagava? Deus collocára Adão e Eva no Paraíso, entre todos esses monstros, e não consta que elles mordessem nossos primeiros paes; pelo contrario, offereciam-lhes graciosamente os fructos prohibidos! O meu patrão, porém, que era o homem menos poeta que eu tenho encontrado, não concordava com a opinião da preta, e obrigava-me a ir com elle dar-lhe caça. Passavamos ás vezes dias inteiros, correndo as plantações e os bosques; avistavamos de longe a fugitiva; mas, quando chegavamos aos logares onde a tínhamos visto, já ella havia desaparecido; d'ahi a pouco, mostrava-se novamente a maior distancia; corriamos n'essa direcção, sumia-se outra vez rapidamente! Quando a apanhavam, o senhor mandava-a açoitar; solta no dia seguinte, fugia no mesmo instante. E assim sempre! Aborrecido da sua incorrigibilidade, o senhor jurou, á setima ou oitava vez, que ella não tornaria a fugir-lhe; e recommecemos a caçada. Tendo-a eu apanhado, logo depois do protesto de Carmello, a misera deitou-se de joelhos, recordando-me as surras que já tinha levado e a que lhe reservava agora a colera do senhor; como este não estava presente, larguei-a, aconselhando-a porém a que se fosse para bem longe e não voltasse mais ás proximidades da casa. Prometteu e jurou tudo, mas continuou,

como anteriormente, a mostrar-se nas immedições. Carmello andava furioso; fazia-me erguer no melhor dos meus somnos, para ir com elle pela floresta, atraz de todos os ruidos nocturnos, batendo com a cabeça e o rosto contra os ramos, e tendo a cada passo encontros desagradaveis!

Foram taes e tantos os incommodos por que passei, que me resolvi finalmente a agarrar a escrava; declarei porém a Carmello, que só o faria com a condição de elle a vender sem lhe dar pancadas, ao què annuiu facilmente. N'essa mesma tarde nos puzemos em campo, percorrendo os sitios proximos dos nossos cacaoaes. Tinhamos chegado á residencia de uns vizinhos, e estavamos interrogando os pretos d'elles, quando avistei a preta debaixo de uma mangueira que havia no terreiro. Ella partiu, no mesmo instantê que me viu correr para o seu lado, e metteu-se nas plantações, onde o ruido dos meus proprios passos, sobre as folhas seccas, me desnorteava. Perdendo-a de vista, parei, escutando. Todos os sons se confundiam com o rumor do vento nas ramas dos arvoredos; deitei-me rapidamente e encostei o ouvido ao chão; assim, ouvi distinctamente os passos da preta, que fugia em direcção ao lago. Ergui-me e recommeci a carreira. De vez em quando parava e deitava-

me do mesmo modo; mas este meio de verificar o rumo, fazia-me perder muito tempo e a fugitiva distanciava-se cada vez mais. Era contudo impossivel proceder de outro modo, porque, apenas eu começava a correr, a bulha dos meus pés sobre a folhagem não me deixava distinguir mais nada. Um tiro de artilheria ou um trovão, que estalassem n'aquelle momento, passariam sem eu dar por elles. Da ultima vez que escutei, não ouvi os passos da preta; julguei que lhe tinha perdido a pista, mas continuei a correr na mesma direcção. Em breve reconheci, pela claridade que via através das arvores, o motivo por que já não a ouvia. Acabava-se a floresta, que repercutia os sons, e começava a campina, estendendo-se até ao lago. Havia ainda muitos arbustos eervas espinhosas, mais altas do que um homem, que seriam difficéis senão impossiveis de romper; mas no local onde desemboquei principiava uma especie de caminho, que depois de rodear por algum tempo as plantações seguia em direcção ao lago, atravessando a parte mais elevada e formosa da planicie. De um e outro lado viam-se macissos de verdura, matizados de flores; de espaço a espaço, os jenipapeiros vergavam sob o peso dos fructos pardacentos, semelhantes no feitio e na cor aos seios de jovens selvagens; em torno de uma summa-

meira esvoaçavam as garças, confundindo as suas pennas com a pennugem vegetal, que pendia dos casulos entre-abertos das ramadas; ao longe destacava-se, correndo, a preta fugitiva. Temendo que ella, com o seu feroz amor de independencia, preferisse antes arremessar-se ás aguas e servir de pasto aos jacarés do que deixar-se agarrar, apressei a carreira. Chegado ao sitio mais alto da campina, o quadro que se me offereceu aos olhos faria a gloria do pintor que soubesse reproduzi-lo fielmente na téla. A preta, que tinha cansado, aninhára-se n'uma especie de gruta, formada pelas ramarias, onde o negro de seu corpo quasi nú contrastava admiravelmente com os diversos tons da verdura que a rodeava; no seu rosto, não destituido de belleza, viam-se impressos o terror, o cansaço, a altivez selvagem e a colera, que lhe punham as feições de accordo com a paisagem; aos lados da cabeça, e pela testa, caíam-lhe as extremidades de alguns ramos averdeados, d'onde pendiam cachos de flores vermelhas, que pareciam ter sido estudadas com fino gosto para adornes da joven escrava. Quando cheguei ao pé d'ella, repreendi-a severamente, perguntando-lhe porque não tinha fugido de vez, como me promettêra. Disse-me, que estava á espera de outras escravas, que deviam conduzi-la a

um mocambo, e pediu-me que a largasse novamente. Como eu lhe afiançei que o senhor lhe não bateria, resignou-se a acompanhar-me sem resistencia, protestando que não tornaria a fugir.

Quando chegámos a casa, Carmello mandou-a amarrar ao tronco de uma laranjeira, e, apesar dos meus rogos e protestos, retalhar-lhe o corpo com açoutes, dados com ramos de cuieira verde! Fíndo este brutal castigo, curaram-lhe os golpes com sal e vinagre, e não me recordo se também com pimenta! Pozeram-lhe uma corrente aos pés, e durante dois dias estive nua e exposta ao sol, que lhe fazia deitar tanto suor como sangue!

Ainda hoje me recordo com horror e magua de a ter capturado, confiando que não seria castigada; o grito de indignação que soltei á vista de tamanha crueldade, firmou, desde esse momento, as minhas opiniões a respeito da escravidão. Ali jurei, ante a infeliz escrava atormentada, que faria guerra a todo o transe e por todos os meios possíveis a tão nefanda instituição. Ao barbaro senhor disse, com uma audacia que espantou a sua selvajaria, que nunca mais teria por elle consideração nem respeito, e que se a preta quizesse fugir novamente, eu tentaria auxilia-la. A energia que me faltára até

ali para protestar contra a minha propria escravidão, acordou n'esse instante, e depois dei mais de uma vez provas d'ella ao miseravel flagellador da pobre captiva.

Decorreu um anno. A preta não tornou a fugir! Era caso para admirar; mas não tardou muito que eu tivesse a explicação do phenomeno. O senhor fizera da escrava concubina, com o intuito de lhe vender os filhos! Ignorei porém sempre, se a causa das primeiras fugas teria sido por não querer ella ceder aos desejos infames do branco, se por ciumes de outra preta, igualmente joven, que a esse tempo gosava das boas graças d'elle; mas, com certeza, houve um d'estes motivos.

IV

Curumi

Pag. 162, lin. 16

Curumi, coromi, cunumi, colomim e curumim; o mesmo que rapaz.

V

Ubim

Pag. 162, lin. 24

Ubim (*Geonoma*) é uma palmeira, cujas folhas servem para empaneirar farinha, para toldas de canôas, etc.

VI

Ticnára

Pag. 164, lin. 13

O mesmo que xibé ou farinha de mandioca molhada em agua fria.

VII

Cotitiribá

Pag. 168, lin. 7

Arvore da familia das guttíferas, que produz um fructo do mesmo nome. Outros escrevem cutipiribá.

VIII

Tijuco

Pag. 170, lin. 3

Tijuco, tujuco e tyjuca; o mesmo que lama.

IX

Gentleman

Pag. 170, lin. 14

Homem bem nascido, ainda que não seja nobre.

Todos sabem que é palavra ingleza; e quando digo todos, refiro-me aos que sabem inglez ou que julgam sabe-lo.

X

Coatá

Pag. 173, lin. 15

Especie de macaco mui grande.

XI

Acauan, que dos ramos do tauari
Pag. 176, lin. 2

Acauan, acauã, macaoan, oacauam (*Falco cachinans*, Linn.) é um passaro, que parece pronunciar o seu nome cantando. Destroe as cobras, arremessando-se sobre ellas de grande altura, tornando a voar e largando-as novamente, até as matar.

Tauari, tauraria, tauiri, turari, tururi e torari (*Couratari guianensis*, Aubl.) é uma myrtacea, de cuja casca os gentios fazem vestimentas, e que lhes serve tambem para mortalhas de cigarros.

XII

Jaquiranaboia e a jeraraca
Pag. 176, lin. 4

Jaquiranaboia ou jakiranamboya (*Fulgora lanternaria*); cobrinha com azas, cuja mordedura é mortal.

Jeraraca, jararaca, jiraraca e geraraca. (*Cophias atrox*, Merr., *Trigonocephalus jararaca*, Cuv.); é outra cobra venenosissima, que chega até 8 palmos de comprido.

XIII

Anambé... sucurijtá
Pag. 176, lin. 5 e 7

Anambé é um passarinho de muitas cores. Julge ser o *Septicolar*.

Sucurijú, soucuriuh, socuriú, sucuriú, çucurijú, sucurejiú (*Boa Scytale*, Linn.) é talvez a maior serpente aquatica da America, e provavelmente a mesma que na lingua kechua, do Alto Amazonas, se chama yacumama ou mãe do rio.

XIV

Urucuri

Pag. 176, lin. 9

Urucuri é a palmeira *Attalea excelsa*, de Mart., com o caroço da qual se defuma o leite da borracha para o fazer coalhar.

XV

Cauré e salsarana

Pag. 177, lin. 9

Cauré, planta de cuja raiz se tira agua distillada odorifera.

Salsarana, é uma japeçanga (*Smilax*) de raiz aromatica e caule velludoso. Salsarana quer dizer salsa espuria, para a differença da salsaparrilha verdadeira.

XVI

Cunambi

Pag. 184, lin. 9

Cunambi, cunabi, conami, canabi ou conanú (*Phyllanthus brasiliensis*, Lamk.). Euphorbia que dá uns fructinhos como pinhões,

julgados venenosos pelos indios, mas que apenas teem a força toxica sufficiente para entorpecer os peixes.

XVII

Caxinduba

Pag. 184, lin. 13

Caxinduba, caxinguba, e cuaginguba (*Ficus anthelmintica*, Mart.). Crêem os indigenas que o leite d'esta arvore, excellente como anthelmintico, se torna em veneno mortal quando ella está carregada de fructos.

XVIII

O timbó da capoeira e o juruti pepena

Pag. 184, lin. 16

Baena affirma, que é venenosa a raiz do timbó da capoeira, assim como o juruti pepena. São plantas que não acho classificadas.

XIX

Araticúpanan

Pag. 184, lin. 18

No texto diz-se, por erro typographico, araticúcúpanan. É a *Anona palustris*, de Linn., cujo fructo os indios julgam tambem venenoso.

XX

Arvoreiro

Pag. 184, lin. 21

Diz Baena, que é arvore espinhosa e tem veneno, e que por isso lhe dão o nome de assacú miri.

XXI

Água da raiz de manacan

Pag. 185, lin. 4

O manacan de que se trata é a *Brunfelsia hopeana*, cuja raiz, segundo Martius, produz lethargos. Ha outras especies, uma das quaes (a *Franciscea uniflora*) promove o aborto.

XXII

Poquéca de tamacuaré

Pag. 185, lin. 6

Poquéca ou pokéca significa embrulho e mortalha. Os indios mettem n'uma folha verde, bem amarrada com cipós, peixe ou caça, convenientemente temperada; enterram-n'a no rescaldo, e assim se assa perfeitamente. A isto chamam peixe ou carne de poquéca.

Tamacuaré ou tamaquaré, especie de lagarto, que as tapuias dão a comer aos inconstantes, persuadidas de que elle os reconduzirá novamente ao bom caminho.

XXIII

Piraén

Pag. 185, lin. 18.

De pyra, peixe; ém ou én, secco.

XXIV

Timbó-açú

Pag. 191, lin. 25

Cipó de enorme grossura, a que por isso
dão este nome.

XXV

Japecanga

Pag. 191, lin. 27

Trepadeira do genero *Smilax*.

XXVI

Guapohi

Pag. 192, lin. 1

Guapohi ou guapuy, outro cipó, cuja raiz
tem propriedades medicinaes.

XXVII

Sururina

Pag. 193, lin. 3

Ave semelhante ao inambú. Talvez a *Muscicapa suiriri*, de Vieill.

XXVIII

Maracanás

Pag. 194, lin. 15

Maracaná (*Psittacus severus?*) é um papagaio amarelo.

XXIX

Samambaya

Pag. 194, lin. 17

Samambaya (*Polypodium lepidopteris*); nome do feto, em lingua tupi.

XXX

Oitibó

Pag. 194, lin. 20

Ouvir o canto do oitibó ou noitibó é, para os indios, um presagio funesto.

XXXI

Piquiá

Pag. 195, lin. 19

Piquiá, pequiá, piqui, piquihy (*Caryocar brasiliensis*, St. Hil.) Arvore de grandes dimensões, que dá fructos comestiveis.

XXXII

Mamanarana

Pag. 197, lin. 17

Ou mamamarana, arvoreta do genero *Carica*, familia das papayaceas.

XXXIII

Carajurú
Pag. 199, lin. 24

Alstroemeria peregrina, de Willd.

XXXIV

Mambaráira, Pacurúina
Pag. 201, lin. 4

Rios, que lançam as suas aguas no Tapajós.

XXXV

Tijuaé-pitúba
Pag. 201, lin. 10

Tijuaé, velho; pitúba, covarde.

XXXVI

Tocantins
Pag. 201, lin. 14

Grande rio, que nasce na serra dos Veadeiros da Chapada grande do Brazil; corre ao norte da capital de Goyaz e vem desaguar na bahia do Limoeiro e costa de Marapatá, 31 leguas distante da cidade do Pará.

XXXVII

Acaiaçá Piranga!
Pag. 201, lin. 21

Acaiaçá, cedro; piranga, vermelho.

*

XXXVIII

Imbirá

Pag. 202, lin. 3

Canna angustifolia, de Will., que também se chama, n'outras partes do Brazil, herba dos feridos.

XXXIX

Um homem não chora, vinga-se

Pag. 203, lin. 16

Dizem varios escriptores, que os indios da America do Sul não riam nem choravam nunca. Ignoro se os descobridores lhes ensinaram a exprimir d'este modo a alegria ou a dor; mas affirmo, que os vi rir e chorar differentes vezes, se bem que o seu riso fosse sempre triste e melancolico. Depois de civilisados, tornam-se mais expansivos na alegria.

XL

Jaburú

Pag. 204, lin. 3

Jaburú, jabirú, tambúiaia, tujujú e jaburú moleque (*Ciconia mycteria*, Linn.) é a maior ave ribeirinha do Brazil.

XLI

Tartaruga voltada com o peito para cima

Pag. 204, lin. 11

É o modo por que as impedem de fugir, quando se apanham a desovar nas praias.

(Veja as minhas *Viagens pelo interior do Brazil*, no primeiro anno das *Artes e Letras*.)

XLII

Que se pinte e que solte os seus cabellos

Pag. 205, lin. 18

As mulheres costumam mudar a fôrma do penteado e pintar-se com tinta de jeni-papo, em demonstração de luto.

XLIII

Tibicuára

Pag. 205, lin. 26

De tibi ou tyba, jazigo; e cuára ou coára, buraco, fizeram cemiterio. O *Diccionario Portuguez e Brasileiro* diz Tupán-óca-ro-cára, que se poderia traduzir talvez assim: 'Agora, no furo ou buraco da casa de Deus'.

AO QUINTO ACTO

I

Carapanás, morossócas, piúns, mucuíns, mutúcas, maruíns

Pag. 207, lin. 21

Carapanás e morossócas são mosquitos parecidos com os nossos, mas mordem com mais alma; os piúns pertencem a outra es-

pecie voadora e mordedora, que faz uma bolha em cada ferroadada; mucuín é um insecto vermelho, pequenissimo, que se agarra á carne com mais energia do que o prego á madeira; mutúcas são grandes moscas, que parecem morder com pontas de alfinetes; aos maruíns ou meruíns chama Baena esquirolas de mosca na grandura; mas póde dizer-se d'elles, que se não devem medir pelo tamanho, attendendo á valentia das suas picadas.

II

Shocking

Pag. 212, lin. 10

Offensivo, desagradavel e inconveniente.

III

Cachimbo com tubo de taquari

Pag. 217, lin. 14

Panicum horisontale? É um arbustinho de que se fazem tubos de cachimbos e pipos de seringas. Para os cachimbos, pintam-n'o, depois de secco, de varias côres e dourados; quanto mais comprido é o taquari, maior indicio de grandeza. Alguns teem metro e meio! Creio que a palavra é composta e se deveria escrever taquara-hy, canna d'agua.

IV

Capoeira

Pag. 219, lin. 11

Logar onde houve plantação e que depois se abandonou, tornando ahí a crescer mato, sem que todavia chegue á altura dos outros arvoredos. Julgo ser corrupção de caâpoám, ilha.

V

Margens vermelhas do Curumú

Pag. 220, lin. 15

Refere-se á côr de certas barreiras, que n'alguns logares do lago é avermelhada.

VI

Jaguára-pitúba

Pag. 223, lin. 25

Jaguára, cão; pitúba, covarde.

VII

Umiri

Pag. 224, lin. 8

Humirium balsamifera, de Aubl. Dá óleo e resina aromática, de cheiro semelhante ao do benjoim.

VIII

Não quer flores, rezas, nem lagrimas estereis

Pag. 225, lin. 18

Non hoc præcipuum amicorum munus est
prosequi defunctum ignavo questu, sed quæ
voluerit meminisse, quæ mandaverit exse-

qui. (*Tacito*, liv. II.) O indio adivinhou, repetindo-as, as palavras do grande analysta romano.

IX

Outra banda dos grandes lagos
Pag. 235, lin. 3

O juruna suppõe, por tradição, que os mares tambem são lagos, pegados uns nos outros, como grande parte dos do Amazonas.

X

Ymiraquiyinha?
Pag. 235, lin. 6

Ymiraquiyinha, pau cravo ou cravo do Maranhão é a *Dicypellium caryophyllatum*, de Nees.

XI

Marapenima
Pag. 236, lin. 23

Arvore da mais formosa madeira que talvez exista. Polida, assimilha-se á tartaruga. Chamam-lhe tambem moírapinima; porém a verdadeira orthographia tupi deve ser ymira pinima, que quer dizer pau pintado.

XII

Marapaúba
Pag. 236, lin. 25

Arvore de cuja madeira se fazem bahús no Pará.

XIII

Quitute

Pag. 252, lin. 14

Quitute, diz Moraes que corresponde a paparicho.

XIV

Angelim

Pag. 252, lin. 20

Leguminosa do genero *Andira*. *Andira* quer dizer morcego.

XV

Jauari, Maués

Pag. 252, lin. 22

Nomes de rios, onde habitam indios bravos.

XVI

Raiz da ururina e leite da ucúba

Pag. 254, lin. 16

Plantas medicinaes, muito estimadas no Pará. A segunda (*Myristica sebifera*, Lamk.) dá leite côr de sangue; do seu fructo oleoso tira-se uma especie de sebo amarellado, que serve para vélas.

XVII

Acarahi

Pag. 254, lin. 24

Rio tributario do Xingú.

XVIII

Jacurutú

Pag. 256, lln. 7

Jacurutú (*Strix nactusutú*, Vieill.) é ave das trevas e tem a cabeça parecida com a do gato; alimenta-se de passaros, cobras e outros reptis. De todas as noctivagas é a que mais apavora, quando quebra a mudez da noite com as suas grasmadas lugubres.

XIX

Amortalhar na bandeira do seu paiz o corpo do chefe juruna

Pag. 257, lln. 5

Desejo que nem mesmo aquelles que affirmam não serem os indios subditos do imperador do Brazil, possam offender-se com esta demonstração funebre. Esforcei-me para que o character do juruna o tornasse digno de tão honrosa mortalha; se não o consegui, perdoe-me a grande nação a quem é destinada a minha obra, e digne-se acolhe-la com a mesma generosidade e benevolência com que outr'ora recebeu o auctor em seu seio hospitaleiro.

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME

VOCABULÁRIO DAS PALAVRAS TUPIS

A QUE SE REFEREM AS NOTAS DO CEDRO VERMELHO

A	PAG.	B	PAG.
Acaiacá.....	291	Bacába.....	274
Acanhêmo.....	156	Beijú.....	236
Acapú.....	16	Beyuxicára.....	'
Acará.....	138	Biribá.....	244
Acarahi.....	297	Boré.....	200
Acauan.....	285	Bussú.....	36
Açú.....	60		
Aipim.....	273		
Anambé.....	285	C	
Andira.....	297	Caá.....	60
Andiroba.....	212	Caâpoám.....	295
Anhangapi.....	249	Caâpora.....	141
Aningá.....	154	Cabureiba.....	202
Apiába.....	156	Caititú.....	215
Apiácas.....	»	Cajú.....	158
Araçá.....	144	Camará.....	152
Araticúpanan.....	287	Cambebas.....	145
Arauaná.....	176	Cambuy.....	181
Araúna.....	264	Capiuára.....	242
Arinos.....	263	Capoeira (timbó da).....	287
Arvoeiro.....	288	Cará.....	247
Assacú.....	273	Caraibébé.....	262
Assahy.....	149	Carajurú.....	291
Aturá.....	78	Caraná.....	274
		Carapaná.....	298

	PAG.		PAG.
Caraxoé.....	119	Guaparaíba.....	96
Carybas.....	262	Guapohi.....	289
Cauím.....	236	Guaporé.....	184
Cauré.....	286	Guaraná.....	186
Caxinduba.....	287	Guariba.....	108
Caxiri.....	236	Guarumá.....	77
Cenemby.....	273	Guiry.....	244
Cernamby.....	195	Gurupatuba.....	272
Cipó.....	152		
Coatá.....	284	H	
Coropira.....	248	Hiumára.....	223
Cotia.....	199		
Cotitiribá.....	284	I	
Cruapé.....	177	Iapúna.....	60
Cuieira.....	39	Icuipiranga.....	91
Cumarú.....	197	Igarapé.....	241
Cunambi.....	286	Imbiri.....	292
Cunhã.....	249	Inajá.....	31
Cunhã mocú.....	,	Inambú.....	243
Cunhatém.....	,	Ingá.....	144
Cupahiba.....	143	Itaúba.....	272
Curauá.....	24		
Curimbó.....	186	J	
Curumi.....	283	Jabatopita.....	142
Curumú.....	33	Jaborandi.....	203
		Jaboti.....	199
E		Jaburú.....	292
Embaúba.....	273	Jáca.....	256
Envira.....	195	Jacarandá.....	16
		Jacaré.....	63
G		Jacitára.....	149
Giboia.....	114	Jacumá.....	259
Girau.....	147	Jacurutú.....	298
Goarabá.....	175	Jaguar.....	63
Goiabeira.....	39	Jaguára (pirá)....	260
Guainambi.....	141	Jaguára (pitúba)..	295

	PAG.		PAG.
Jaguareté.....	64	Maracujá.....	41
Japecanga.....	289	Marajá.....	274
Japim.....	264	Marapaúba.....	296
Japinong.....	156	Marapenima.....	,
Jaquiranaboia....	285	Maruín.....	293
Jatuaíba.....	125	Marupá.....	200
Janari.....	297	Maués.....	297
Jejú.....	15	Membeca.....	78
Jenipapo.....	145	Mingáu (?).	246
Jeraraca.....	285	Miri.....	60
Juba.....	152	Miriti.....	274
Juruena.....	184	Morossóca.....	293
Jurumú.....	246	Mucajá.....	258
Juruna.....	124	Mucuím.....	293
Jurupari.....	80	Mundurucú.....	90
Jurutauhi.....	216	Munguba.....	158
Juruti.....	254	Mura.....	90
Juruti (pepena)...	287	Murucututú.....	262
Jussára.....	147	Mururé.....	59
Jutahi.....	179	Muruxi.....	157
		Mutúca.....	293
		Mutúm.....	79
M		N	
Macacaúba.....	238	Niá.....	195
Macapá.....	,	Noitibó.....	290
Maçarandúba.....	272		
Macaxera.....	247	O	
Magoari.....	211	Oiára (mãe d'agua)	256
Mambariára.....	291	Oiára (flor de)....	150
Mamauarana.....	290		
Manacan.....	288	P	
Mandioca.....	147	Paca.....	199
Manduca.....	241	Pacova.....	64
Maparajuba.....	16	Pacurúina.....	291
Maracá.....	151	Paraná (Amazonas)	125
Maracajá.....	147		
Maracaná.....	290		

Digitized by Google

	PAG.
Tucuman.....	28
Tucunaré.....	176
Tucano.....	182
Tucupi.....	240
Tucuruí.....	185
Tupana.....	232
Tupi.....	122
Tupinaén.....	213
Tupinambá.....	118
Tupinambaranas ..	263

U

Ubá.....	110
Ubim.....	283
Ucuúba.....	297
Umiri.....	295
Urari.....	217
Uratinga.....	142

	PAG.
Urubú.....	220
Urucú.....	157
Urucuri.....	286
Urupema.....	78
Ururina.....	297

X

Xeiro.....	241
Xibé.....	272
Xingú.....	120

Y

Ygára.....	228
Ygarité.....	'
Ymiraitá.....	32
Ymirapariba.....	143
Ymiraquiynha.....	296

ERROS QUE SE DEVEM CORRIGIR

Pag.	Lin.		
35	22	{ que o somno o faça esque- cer. }	{ que o façam esquecer
47	1	requencia.....	frequencia
59	27	nymphaecea	nymphæa
64	29	preta.	pretas
"	"	se.	e
65	27	alimaria.	alimarias
"	"	sem	em
78	4	<i>Maraula</i>	<i>Maranta</i>
"	7	membaca	membeca
110	23	bua	ubá
132	5	da.....	de
139	18	na.....	nas
"	24	Mmarituba	Umarituba
140	16	gritarem-me	gritaram-me
142	12	jabacopita	jabatopita
155	15	habitam	habita
158	17	que adhere aos ramos	que adhere a elle
171	1	ladrando.....	latindo
178	17	poços.	poças
"	"	cheios	cheias
183	26	do	de
191	"	Da primeira passava-se... }	{ Da primeira arvore passa- va-se
193	4	ensinarem	ensinar
232	28	Mupana.....	Tupana
248	20	entrançado.....	entrançadas
253	28	É um.....	É o
257	12	em.	de
271	11	comprimento.....	cumprimento
277	1	A direita.....	À direita

Wols 4th.



